Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Thiago Borba Barcelos

Como desobedecer: uma análise do disciplinamento em dicas escolares

Rio de Janeiro

2022

Thiago Borba Barcelos

Como desobedecer: uma análise do disciplinamento em dicas escolares

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. Décio Orlando Soares da Rocha

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

B242 Barcelos, Thiago Borba.
Como desobedecer: uma análise do disciplinamento em dicas escolares / Thiago Borba Barcelos. – 2022.
124 f.: il.

Orientador: Décio Orlando Soares da Rocha.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso - Teses. 2. Disciplina escolar – Teses. 3. Estudantes – Atitudes – Teses. 4. Ambiente de sala de aula – Teses. 5. Professores e alunos - Teses. I. Rocha, Décio Orlando Soares da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085:37.064.2

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum – CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Thiago Borba Barcelos

Como desobedecer: uma análise do disciplinamento em dicas escolares

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2022.

Banca examinadora:

_____

Prof. Dr. Décio Orlando Soares da Rocha (Orientador)

Instituto de Letras – UERJ

_____

Profª. Dra. Angela Correa Ferreira Baalbaki

Instituto de Letras – UERJ

_____

Profª. Dra. Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Esta pesquisa é dedicada a minha família e a Ana Sousa

AGRADECIMENTOS

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o presente trabalho foi realizado com apoio da Capes – Código de Financiamento 001.

A minha família por me acompanhar nessa trajetória. A Deus, pela força necessária para completar mais um trabalho; a minha mãe, pelo apoio emocional precioso; a meu pai, pelo incentivo fundamental; a meu irmão, por ouvir os procedimentos da pesquisa, e a minha namorada, por compreender minhas ausências e me incentivar a concluir mais uma etapa.

Ao professor Dr. orientador Décio Rocha, pelos comentários respeitosos e colaborativos; às professoras Angela Baalbaki e Maria Cristina Giorgi, pelas recomendações que ajudaram a dar qualidade ao trabalho; aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, Poliana Coeli Arantes, Bruno Deusdará, Décio Rocha, que ofereceram subsídios para a produção deste trabalho.

RESUMO

BARCELOS, Thiago Borba. *Como desobedecer*: uma análise do disciplinamento em dicas escolares. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Nosso material de pesquisa é composto por seis textos de dicas de disciplina, que oferecem estratégias para a correção de comportamentos discentes tipicamente denominados como "indisciplinados". Publicados entre os anos de 2012 e 2019, tais textos nos levaram a compreender de que modo os alunos eram disciplinados para fazermos a crítica ao disciplinamento. Para cumprir com esse objetivo, selecionamos os enunciados que continham o sintagma o(s) aluno (s) seguido de verbo(s). Esses materiais léxicos funcionaram como marcas de entrada para a análise. Desenvolvemos essa análise com base nas noções da Análise do Discurso, segundo a qual a linguagem é compreendida enquanto meio de interação entre interlocutores (BAKHTIN, 2018), o enunciado enquanto unidade material da comunicação (BAKHTIN, 2018), os gêneros de discurso como dispositivos de comunicação (MAINGUENEAU, 2013, 2015, 2016; AGAMBEN, 2005) e as disciplinas enquanto métodos que permitem o controle minucioso do corpo (FOUCAULT, 2014). Obtivemos como resultados que o disciplinamento exerce um controle sobre os alunos, atuando através da organização da sala de aula, do estabelecimento de regras, da prescrição de atividades e da resolução de conflitos. Esses resultados levaram a descobrir que o disciplinamento exercia também controle sobre a prática dos professores, pois contava com a ajuda desses profissionais para o controle do comportamento discente. Assim, buscamos verificar também como as dicas disciplinavam professores, os interlocutores das dicas. Desta vez, obtivemos como resposta que o disciplinamento atuava não só organizando os enunciados – em títulos, em espaços intercalados, em números -, mas também em nome da organização da sala, do cumprimento às regras, da produtividade dos conteúdos e do conflito entre alunos. Posteriormente, pensamos as obediências discente e docente como efeitos subjetivos produzidos pelas circunstâncias disciplinarizantes de sala de aula. Nosso objetivo maior é delinear essas circunstâncias, mostrando o quão insuportáveis são, de modo a incitar professores e alunos a desobedecê-las. Para tanto, realizamos uma descrição da provocação cínica (GROS,2018), para os professores; e da insurreição (GROS, 2018), para os alunos, como estratégias para deslocar o disciplinamento.

Palavras-chave: Disciplinamento escolar. Dicas pedagógicas. Sala de aula organizada. Tarefas cumpridas. Regras estabelecidas. Comportamento obediente.

RESUMEN

BARCELOS, Thiago Borba. *Como desobedecer*: un análisis del disciplinamiento en aconsejamientos escolares. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

El material de investigación consiste en seis textos de aconsejamientos, que ofrecen estratégias para la corrección de comportamientos discentes comúnmente denominados de "indisciplinados". Publicados entre los años de 2012 y 2019, tales textos nos llevaron a comprender de que modo los alumnos se disciplinaban para que hiciéramos la crítica al disciplinamiento. Para cumplir com ese objectivo, seleccionamos los enunciados que contenían el sintagma *o(s) aluno (s)* con verbo (s) a continuación. Esos materiales léxicos funcionaron como huellas de entrada para el análisis. Desarollamos ese análisis con base en las nociones del Análisis del Discurso, según el cual el lenguaje se comprende como medio de interacción entre interlocutores (BAKHTIN, 2018), el enunciado como unidad material de la comunicación (BAKHTIN, 2018), los géneros del discurso como dispositivos de comunicación (MAINGUENEAU, 2013, 2015, 2016; AGAMBEN, 2005) y las disciplinas como métodos que permiten el control minucioso del cuerpo (FOUCAULT, 2014). Obtuvimos como resultados que el disciplinamiento ejerce control sobre los alumnos, actuando através de la organización de la sala de clases, del establecimiento de reglas, de la prescripción de actividades y de la resolución de conflictos. Esos resultados llevaron a descubrir que el disciplinamiento ejercía también control sobre la práctica de los profesores, pues contaba con la ayuda de esos profesionales para el control del comportamiento discente. Así, buscamos verificar también como los aconsejamientos disciplinaban profesores, los interlocutores de los consejos. De esta vez, obtuvimos como respuesta que el disciplinamiento actuaba no solo organizando los enunciados – en títulos, en espacios interpuestos, en números -, sino también en el nombre de la organización de la sala, del cumplimiento de las reglas, de la productividad de los contenidos y del conflicto entre alumnos. Posteriormente, pensamos las obediencias discente y docente como efectos subjetivos producidos por las circunstancias disciplinarizantes de sala de clases. Nuestro mayor objectivo es delinear esas circunstancias, enseñando lo insoportables que son, de modo a incitar profesores y alumnos a desobedecerlas. Para eso, realizamos una descripción de la provocación cínica (GROS, 2018), para los profesores; y de la insurrección, para los alumnos, como estrategias para combatir el disciplinamiento.

Palabras clave: Disciplinamiento escolar. Consejos pedagógicos. Sala de clases organizada. Tareas cumplidas. Reglas establecidas. Comportamiento obediente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Questão 43 - Talis 24
Figura 2 – Questão 41 – Talis 25
Figura 3 – Percentual do tempo de sala de aula gasto 26
Figura 4 – Dicas 28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
TALIS	Teaching and Learning International Survey

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1 **UMA HISTÓRIA DA INDISCIPLINA** 18

1.1 **Da anormalidade à indisciplina** 18

1.2 **Da necessidade de dicas de disciplina para o professor** 21

2 **CAMINHO DA PESQUISA** 31

3 **QUADRO TEÓRICO** 38

3.1 **Disciplinamento** 38

3.1.1 A organização do espaço 38

3.1.2 O controle da atividade 39

3.1.3 A organização das gêneses 41

3.1.4 A composição das forças 42

3.1.5 A sanção normalizadora 43

3.2 **O discursivo** 44

3.2.1 Visão social de linguagem 44

3.2.2 Gênero do discurso 46

3.2.3 Condições de um dispositivo de comunicação 47

3.2.4 Dispositivo de comunicação 49

4 **ANÁLISES: EXPLICITANDO O FUNCIONAMENTO DAS DISCIPLINAS NO DISCURSO** 52

4.1 **Dos métodos disciplinares para o aluno** 52

4.1.1 A sala de aula 52

4.1.2 Atividades pedagógicas 53

4.1.3 A organização coletiva das gêneses 54

4.1.4 A composição das forças da turma 55

4.1.5 A sanção das regras 56

4.2 **Dos métodos disciplinares nos textos de dicas** 57

4.2.1 A organização do espaço 57
4.2.2 O controle da atividade de trabalho do professor 59
4.2.3 A organização individual das gêneses 60
4.2.4 A composição das dicas-forças 62
4.2.5 A sanção das dicas 62
4.3 **Dos métodos disciplinares para o professor** 63
4.3.1 Interferir na sala de aula 63
4.3.2 Incitar a produtividade com atividades 64
4.3.3 Separar os momentos do trabalho 67
4.3.4 Promover o aperfeiçoamento individual 68
4.3.5 Garantir a ordem 69
5 **DESOBEDIÊNCIA** 74
5.1 **Desobediência docente** 74
5.2 **Desobediência discente** 82
CONSIDERAÇÕES FINAIS 86
REFERÊNCIAS 93
APÊNDICE A – Enunciados com sintagma o (s) aluno (s) + verbo 96
APÊNDICE B - Enunciados com verbo(s) no imperativo 97
APÊNDICE C – Enunciados selecionados para o córpus 104
APÊNDICE D - Enunciados organizados em torno da temática. 106
ANEXO A – Uol educação 108
ANEXO B – Amanbis 109
ANEXO C – G1 110
ANEXO D - 4 dicas de disciplina em sala de aula para novos professores 111
ANEXO E – Como ajudar o professor a lidar com uma turma muito agitada 112
ANEXO F – Indisciplina na escola: como lidar com alunos indisciplinados? 113
ANEXO G - Texto I 114

ANEXO H - Texto II 115

ANEXO I - Texto III 119

ANEXO J - Texto IV 121

ANEXO K – Texto V 123

ANEXO L – Texto VI 124

INTRODUÇÃO

Um passeio pelo corredor do colégio particular onde trabalho como professor deixa ver, por entre janelas da porta, professores e alunos obedecendo às regras do regime disciplinar.

De um lado, professores que se esforçam para manter o domínio de turma, valendo-se de um tom de voz mais alto, de passeios corriqueiros por todas as partes da sala, da cobrança frenética pelas tarefas realizadas e, é claro, das olhadelas para o corredor na espera pelo olhar vigilante da coordenação. Esse conjunto de atitudes caracteriza a obediência docente.

De outro, vemos também alunos não só aceitando que o professor assuma essa postura mais autoritária, mas também incitando-o a adotá-la quando, por alguns segundos, o mestre a deixa de lado. Diante do autoritarismo, os alunos podem obedecer docilmente, seja acatando rapidamente ao menor dos comandos, seja aderindo ao fácil regime do silêncio. Dessa forma, os estudantes alcançam o premiado perfil de obediência.

Apesar de professores e alunos obedecerem a esse regime, o disciplinamento traz desvantagens. Seus princípios verbalista, autoritário e produtivista produzem o tédio e a insatisfação nos alunos. Orientada pelo verbalismo, a aprendizagem nada mais é senão um conjunto de informações que deveriam ser absorvidas e memorizadas pelos alunos. Já o autoritarismo é observado no professor que impunha as regras de convivência. Por sua vez, o produtivismo é encontrado nas práticas de avaliação, que insistiam em medir objetivamente as experiências de aprendizagem. Desse modo, o verbalismo impede a aprendizagem que deveria se dar pela experiência, o produtivismo desrespeita os tempos individuais da aprendizagem, e o autoritarismo só ensina a obedecer acriticamente.

Para manter o funcionamento desses princípios na instituição, a escola emprega métodos supérfluos de controle do comportamento. Ao invés de se preocupar em promover aprendizagens significativas, ela se vale do enfileiramento para concentrar as atenções na fala do professor, do sistema de comando da altura da voz docente para ensinar autoritariamente a obedecer às hierarquias, das atividades mecânicas para fazer de todo o tempo, tempo útil. E o elemento mais agravante é que professores e alunos sustentam esse regime à medida em que cedem suas obediências às práticas e regras do disciplinamento.

Na internet, buscamos por dispositivos de linguagem que ajudassem a sustentar a realidade disciplinar nas escolas e encontramos dicas com estratégias para o professor controlar o comportamento dos alunos.

As dicas de disciplinamento recortam quatro áreas temáticas que ajudam a definir o que designamos por disciplinamento (FOUCAULT, 2014): a organização do espaço, o controle da atividade, a organização das gêneses e a composição das forças. No primeiro campo, busca-se fazer com que a organização dos espaços ensine ao corpo discente onde estar. No segundo, prescrevem-se atividades para ensinar o movimento e o ritmo para o corpo. No terceiro, procura-se organizar a formação em etapas para determinar os graus de aprendizagens. No quarto, intenta-se dar funções (os que fazem as tarefas principais, os que realizam atividades extras) aos estudantes de modo a torná-los úteis para o funcionamento da aprendizagem de todos. É com base nessas estratégias que se estabelecem bases para professores promoverem o controle do comportamento de alunos.

Ao publicar dicas em *blogs* pedagógicos, orientadores, coordenadores, pedagogos, entre outros profissionais, contribuíam por fomentar a ideia de que o disciplinamento era necessário para o trabalho docente. Aquele que não se investisse de suas técnicas, obedecendo aos comandos dos textos, não poderia ser considerado um profissional digno de admiração.

Os textos não deixam claro o tipo de professor a que se dirigem (professor de curso livre, de escola particular, pública). Mas acreditamos que falem mais diretamente a professores da rede particular. Supomos que essa rede de ensino reunisse as condições que levariam mais facilmente os professores a buscarem dicas de controle:

(i) as exigências da coordenação para que o professor utilize todas as páginas das apostilas e, assim, faça valer cada centavo que os responsáveis gastam com o material;

(ii) o estabelecimento de metas que levam o professor a trabalhar mais para fazer seus alunos baterem *rankings* de aprovação, o que definiria a reputação da escola para os que pagam a mensalidade;

Enfim, esses dois indícios nos teriam levado a supor que o interlocutor fosse um docente da rede particular.

Entre os anos de 2013 a 2019, registrou-se um aumento no número de dicas de disciplina. Em certa medida, acreditamos que essa alta se deva à publicação dos resultados da pesquisa *Teaching and Learning International Survey* (Talis), organizada pelo Ministério da

Educação (MEC), e divulgada em período relativamente próximo (2008 – 2018) ao da publicação das dicas (2013 – 2019). A pesquisa seria responsável por relançar a necessidade de se fazer valer o disciplinamento na sala de aula.

De grande expressão no território brasileiro, a 2º edição da Talis (2013/2014), dentre outros objetivos, se ocupou do estudo e da avaliação dos níveis de indisciplina nas escolas, com o objetivo de promover a qualidade da Educação. Publicou, inclusive, o documento *Guía del professorado* (OECD, 2014), que se dirigia exclusivamente a professores com o objetivo de dar instruções sobre como agir para manter a disciplina de alunos em sala.

O tema da indisciplina discente retomou no cenário midiático após a publicação do seguinte resultado da segunda edição da pesquisa Talis (2014, p.21), "os professores brasileiros são os que declaram passar mais tempo mantendo a ordem em sala de aula (19,8%) entre todos os professores participantes da pesquisa". Depois de essa informação ter sido publicada no *Relatório Nacional Talis* (2014), e disponibilizada no *website* do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), foi retomada por jornais eletrônicos – conferir Anexos A, B e C -, que contribuíram por levar o alarme da indisciplina a um público mais amplo. Assim, a pesquisa Talis delineava a indisciplina como um dos principais problemas que atingia a Educação do país.

Os resultados da pesquisa Talis e os jornais delineariam condições para *blogs* pedagógicos produzirem textos de dicas sobre como disciplinar alunos. Esse estudo financiado pelo governo informava aos profissionais da Educação que a indisciplina era um problema grave, e essa informação dava aos *blogs* matéria de trabalho. Já que tinham como função assessorar as escolas, esses *blogs* publicam textos para promover um ensino baseado nos princípios verbalista, autoritário e produtivista.

Entretanto, o problema que afetava a qualidade do ensino e aprendizagem não era propriamente o disciplinamento, nem mesmo os efeitos tediosos que imprimia às aulas, pois o disciplinamento não podia provocar os resultados mencionados sem a prática dos sujeitos da sala de aula. Nesse caso, o problema estava no encontro entre o disciplinamento e os alunos. Ou seja, na atitude obediente que esses protagonistas da sala de aula estavam dedicando a práticas disciplinares.

Apesar de a palavra *obediência* sugerir uma virtude do sujeito, ela não pode indicar uma denotação positiva, pois é ela mesma a responsável por produzir o tédio e a insatisfação nos alunos e professores. A obediência que os alunos prestam às prescrições disciplinares é

responsável por manter o formato conteudista do ensino e as relações autoritárias entre professor e aluno. Nesse sentido, a obediência só pode ser entendida como um problema. Por outro lado, a desobediência, seu contraponto, deve se mostrar como possibilidade para a promoção de uma Educação mais conectada com os interesses e necessidades dos alunos.

Os estudantes reconheceriam o caráter normativo do disciplinamento e estariam obedecendo-o. As técnicas de enfileiramento, direcionamento das atenções e prescrição de atividades ensinavam a obediência à medida em que organizavam os espaços, impunham o silêncio e controlavam o uso do tempo.

Mas, se tudo isso não fosse o suficiente, o regime disciplinar estabelecia ainda penalidades do comportamento, para os que não estivessem em seus devidos lugares, penalidades da atenção, para os que não estivessem atentos ao que o professor explicava, e ainda penalidades da atividade, para os que estivessem de "vagabundagem". Assim, as técnicas e as penalidades ensinavam a obediência, tornando os alunos preparados para reagir ao menor comando de ordem, silêncio e produtividade. Por outro lado, a desobediência seria vista como atentado de rebeldia e desordem.

Como consideramos que a obediência trazia desvantagens para a Educação dos jovens, defendemos uma posição segundo a qual os professores deveriam incitar a desobediência.

Entretanto, fazia-se necessário estabelecer como propósito de pesquisa realizar a crítica ao disciplinamento, verificando como esse buscava exercer o controle sobre os alunos. Esse objetivo permitiria levar professores a estimularem seus alunos a desobedecerem às práticas do regime.

Mais tarde, entretanto, a análise das dicas levaria a compreender que era desejável não só organizar e aperfeiçoar os alunos, mas também disciplinar os próprios professores para a manutenção desse regime. O disciplinamento docente decorreria, pois, dos falsos problemas de comportamento discente.

A descoberta de que o professor também estava sendo disciplinado pelas dicas apresentou novo problema. Consideramos que os professores eram também responsáveis pela manutenção do disciplinamento em sala de aula, ajustando seus comportamentos às normas da escola, atendendo às exigências de se fazer autoritário e conteudista. E os textos de dicas tinham um papel considerável nesse processo de produção da obediência docente, pois lhe

dirigiam as palavras de ordem. Os enunciados das dicas não só indicavam comandos disciplinares, mas também incitavam o profissional a obedecer.

Dessa vez, era necessário fazer a crítica a esse disciplinamento que se dirigia ao professor, de modo a estimular a desobediência docente. Acreditamos, pois, que só a presença de um professor capaz de pensar e desobedecer seria possível para estimular a desobediência dos alunos.

Para tanto, nosso segundo objetivo de pesquisa se tornou realizar também a crítica ao disciplinamento docente, verificando como a linguagem se organizava para fazê-lo funcionar.

Em suma, o propósito desta pesquisa se completa em três partes. Na primeira, buscamos compreender criticamente como as dicas delineiam o disciplinamento discente e docente. Na segunda, refletimos sobre a obediência tanto como garantidor do disciplinamento quanto efeito subjetivo deixado nos indivíduos. E, na terceira, propomos formas de desobediência como alternativas às práticas disciplinarizantes de sala de aula.

Nossa pesquisa se inscreve no Programa de Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na linha de pesquisa Práticas de linguagem e discursividade.

Nossa proposta de pesquisa abre espaço para a discussão tanto a respeito dos métodos disciplinares empregados para o controle de alunos quanto para a condução da conduta de professores. Abre espaço também para a discussão acerca das (des)obediências discente e docente. Ao promover essas discussões, nosso propósito maior é discutir alternativas que permitam alunos e professores questionarem e desobedecerem a métodos disciplinares injustos e tediosos.

Esta dissertação está estruturada em capítulos. Na introdução, apontamos os textos de dicas como material de análise, apresentamos o disciplinamento e a obediência como problemas que trazem prejuízos para o ensino, além de estabelecemos nosso objetivo de pesquisa. No primeiro capítulo, contamos como a anormalidade/indisciplina discente se tornou um problema. Isso permitiu mostrar que ela não se originou nos textos de nosso córpus, mas nas práticas escolares. Buscamos também delinear o contexto sócio-histórico-linguageiro do qual as dicas de disciplina faziam parte, o que permitiu compreender o motivo parcial de sua emergência. No segundo capítulo, discorremos sobre a metodologia,

explicitando o processo de elaboração do material, os procedimentos de análise e a apresentação da pesquisa. No terceiro capítulo, explicitamos a noção de disciplinamento (FOUCAULT, 2014), que foi responsável por orientar as análises, apresentamos a visão de linguagem em perspectiva discursiva (BAKHTIN, 2018), para marcar nosso posicionamento em meio às diferentes noções de linguagem, apresentamos a concepção de gêneros de discurso (MAINGUENEAU, 2013, 2015, 2016), que nos auxiliou a compor o córpus, e a noção de dispositivo (AGAMBEN, 2005), para compreender o modo pelo qual a linguagem dos textos se organizava. No quarto, analisamos como o disciplinamento para o aluno se manifestava nos enunciados que continham a sequência *o(s) alunos + verbo*, como as disciplinas atuavam na organização textual das dicas e como acontecia o disciplinamento docente realizado através de enunciados com a marca do imperativo. No quinto capítulo, pensamos em como a relação professor e aluno no regime disciplinar produz as obediências discente e docente e refletimos sobre as posturas subjetivas que podem dar lugar a elas: a insubordinação e a provocação cínica (GROS, 2018); posturas essas necessárias para o professor e o aluno desobedecerem às regras do regime disciplinar. Na seção de considerações finais, retomamos e avaliamos o percurso desta pesquisa e sistematizamos nossos resultados.

Por meio desta pesquisa, pretendemos contribuir para a crítica dos métodos disciplinares e para a reflexão do modo pelo qual obedecemos às prescrições do disciplinamento. Nosso propósito maior é repensar os modos disciplinares pelos quais se tem feito educação de modo a promover efetivamente um ensino e aprendizagem mais democráticos e satisfatórios tanto para os alunos quanto para o professor.

1 **UMA HISTÓRIA DA INDISCIPLINA**

1.1 **Da anormalidade à indisciplina**

É fundamental que os textos de dicas pressuponham a indisciplina como um problema para cumprir com o propósito de enunciar medidas de correção para ela. Com efeito, as dicas se caracterizam por uma remissão constante à indisciplina como disformidade que precisasse ser expurgada do cotidiano de sala de aula. Esse modo de conceber a indisciplina é, em certa medida, tributário do modo como as práticas do campo pedagógico constituíram a anormalidade de base patológica.

De acordo com Carvalho (2016, p.396), no Brasil do final do século XIX até, pelo menos, a década de 1920, houve a proliferação de discursos que buscavam se legitimar "enquanto saber pedagógico, novo, moderno, experimental e científico", denominados de pedagogia científica. Eles se alimentavam dos saberes produzidos pela Antropologia, pela Anatomia, pela Fisiologia e, especialmente, pela Psicologia Experimental para produzir conhecimento a respeito da criança. Destacam-se a título de exemplo os livros *Como diagnosticar as aptidões dos* escolares, de Claparède (1931), publicado pela Editora Educação Nacional, assim como o livro *Tests*, publicado pela primeira vez em 1924, considerado o primeiro compêndio brasileiro dedicado ao tema dos testes de inteligência, e de autoria de Medeiros e Albuquerque, intelectual brasileiro que atuou como diretor da Instrução Pública no Rio de Janeiro (LIMA, 2018).

A produção desses discursos pedagógicos de base cientificista se dava sobretudo a partir da prática experimental. Nos primeiros anos do século XX, instalavam-se os primeiros laboratórios de Psicologia Experimental, como anexos às escolas normais que formavam os professores (LIMA, 2018, p. 91). De acordo com a referida autora (2019), o primeiro deles foi criado em 1906 no *Pedagogium*, museu de Educação do Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1914, foi seguido pela instalação de outro laboratório do gênero na Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo. A iniciativa de instalar os laboratórios representava os esforços dos cientistas em promover o desenvolvimento científico da pedagogia.

Os laboratórios ofereciam um maquinário para a realização de medidas físico-anatômicas das crianças.

> Assim, por exemplo, os exames 'somato-antropológicos' tinham por finalidade 'estudar a criança na sua forma externa', estudando as 'modalidades de suas funções, o seu tipo de raça, de maneira a saber se o resultado desse estudo corresponde ao tipo normal por sexo, idade e condições éticas sociais" (CARVALHO, 2016, p. 405)

Ana Laura Lima (2018, p.96) destaca que, no artigo de volume especial da revista *Escola Nova*, todo dedicado aos testes, Lourenço Filho afirmava que se media para conhecer, diagnosticar, classificar e prever. O maquinário e os testes eram considerados recursos práticos, objetivos, seguros, que permitiam conhecer as energias individuais das crianças. Mais do que isso, eles permitiam elaborar médias e leis gerais acerca da natureza humana, a partir das quais podiam fixar e inscrever os indivíduos em categorias de (a)normalidade. Assim, a anormalidade patológica despontava do cruzamento dos saberes científicos com as práticas experimentais.

A noção de anormalidade, proveniente das ciências naturais, será amplamente difundida entre os professores, através, por exemplo, da *Revista de Educação*, que, conforme destaca Lima (2018, p. 93), desempenhou um papel expressivo na divulgação dos conhecimentos da Psicologia Experimental "tanto pela sua ampla duração e pelo volume de textos que veiculou, como pela reconhecida autoridade dos autores". Nessa revista, a anormalidade científica poderia orientar a leitura docente interessada em compreender os comportamentos discentes "desajustados".

De acordo com Carvalho (2016), apesar de a pedagogia científica se pretender legítima, porque estava fundada na natureza, as práticas pedagógicas designadas pela expressão "Escola Nova" ganham certa autonomia nas décadas de 30 e 40. Nesse período, verifica-se então no pensamento educacional brasileiro tanto a necessidade de democratizar o acesso à escolarização para as populações mais pobres quanto o princípio pedagógico segundo o qual a escola é que deveria se adaptar às necessidades dos alunos, e não o contrário (LIMA, 2018, p. 10). Assim, esse movimento da Escola Nova desenvolve um modo próprio de compreender a natureza da criança.

> As figuras da deformação, que assombravam a produção discursiva anterior e que traziam a detecção e o controle da anormalidade para o âmago da pedagogia, são como que gradativamente expelidas pelo campo pedagógico e produzidas como tema e objeto da intervenção de outros saberes e poderes. (CARVALHO, 2016, p. 407)

Há uma aposta otimista na natureza infantil e na educabilidade do educando. A criança passa a ser vista como um ser modelável pelo poder disciplinarizador.

Para Carvalho (2016), essa mudança no paradigma filosófico educacional se deve, em certa medida, a movimentos protagonizados por médicos e outras parcelas da intelectualidade em favor da reforma dos serviços de saúde. Para esses grupos, as medidas de política sanitária não surtiriam efeito se não houvesse a introjeção de hábitos higiênicos na população por meio da educação. O movimento deixa, assim, entrever uma dupla pressuposição: (i) a de que os sujeitos são educáveis e (ii) a de que a função da escola é resolver problemas sociais, inserindo os sujeitos em práticas de assepsia. Tais pressuposições serão responsáveis, em certa medida, por corroer gradativamente as representações cientificistas da deformidade que impunham limites às boas intenções pedagógicas.

Além disso, Nagle (1977, p. 100) acreditava que o Brasil, na década de 30, já vivia outros padrões de relações e convivências humanas. Para o autor, a sociedade enxergava a educação como ferramenta potencial para transformar o homem.

Em meados dos anos 1930, no momento em que o mundo proclama métodos de organização do trabalho como elemento essencial para o progresso econômico, recai sobre a escola o dever de preparar e aperfeiçoar os indivíduos para esse tipo de sociedade. (CARVALHO, 2016). A escola passa a ser vista como máquina de racionalização do tempo e dos esforços. Para tanto, passa a empregar métodos que adestram os corpos a ritmos de aprendizagem que buscam a eficiência. O uso desses métodos e a consequente adaptação dos escolares revela a natureza plástica da infância.

Em meio a essas transformações, a noção de anormalidade, que permitia exercer um certo controle sobre cada indivíduo, cede lugar à noção de indisciplina, que permitia exercer o controle sobre todo um grupo escolar.

Os novos sentidos produzidos pelas práticas da Pedagogia da Escola Nova para a natureza da criança mobilizarão uma série de métodos de que falam os textos de dicas de nosso córpus. Com efeito, métodos para controlar a disposição espacial dos alunos, métodos para preencher seu tempo livre. Enfim, métodos que servem para delimitar o que é a indisciplina.

É justamente a mobilização dos métodos de controle (enfileiramento, estabelecimento de regras, prescrição de atividades etc.) que tornará possível fazer do comportamento

indisciplinado um objeto de intervenção. A pedagogia vai se mostrar então como uma arte prática, voltada para os fatos e distante dos saberes livrescos e cientificistas. Ela vai atribuir ao professor a responsabilidade de aplicar esses métodos de controle, conforme veremos no capítulo de análises.

Em suma, se antes a anormalidade se produzia em laboratórios que buscavam medir a distância que determinadas crianças guardavam com relação a padrões médicos; depois, com as práticas da Escola Nova, abriu-se caminho para o próprio professor identificar na sala o que era disforme às rotinas, práticas e tempos disciplinares. Orientado pelo paradigma naturalista no qual se concebia a anormalidade, o profissional da educação podia substituir a necessidade de reabilitar pela de normalizar, o tratamento terapêutico pela aplicação dos métodos disciplinares; podia ainda repor as pesquisas que atribuíam as "incompetências" dos alunos a causas fisiológicas por textos que buscassem instaurar na sala as condições ideais de aprendizagem.

1.2 **Da necessidade de dicas de disciplina para o professor**

A seguir, contamos o processo de realização da pesquisa Teaching and Learning International Survey (*Talis*), dirigida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com o propósito de integrar os textos de nosso córpus, formado por dicas de disciplina para o professor, a um contexto sócio-histórico-discursivo mais amplo.

Pode-se dizer que, ao menos, desde a primeira década do século XXI, o governo brasileiro tem se preocupado em realizar estudos e pesquisas que buscam conhecer a realidade docente. Em 2004, o governo federal publica o documento *Estatística dos professores no Brasil* para sintetizar os dados reunidos entre 1991 e 2002 a respeito do mercado de trabalho docente e de problemas relacionados com a falta de professores para disciplinas específicas. Em 2009, o governo avança e busca mapear o número de professores que lecionavam na rede pública e não tinham formação adequada para o cargo ocupado. Era clara sua preocupação quanti e qualitativamente com o ensino. No mesmo ano, entretanto, o governo dá uma guinada no perfil de suas pesquisas. Com a pesquisa *Talis (2009)*, decide estudar as crenças e práticas dos professores em sala de aula. Passava a interessá-lo então a realidade subjetiva dos

docentes, acreditando que essa poderia interferir diretamente nos resultados da qualidade da educação.

A pesquisa *Talis* foi realizada no Brasil pela primeira vez em 2007, mas os resultados só foram publicados em 2009. Ela examinava aspectos importantes para o progresso da qualidade da educação, como o desenvolvimento profissional, ideias e práticas dos professores em sala, além dos efeitos que a avaliação realizada por diretores de escolas produzia sobre os docentes. A escolha por transformar o docente em objeto de investigação se formalizara em 2000, tanto por ocasião da Assembleia Geral da OCDE (2001), realizada em Tóquio, quanto pelo encontro realizado pelos subministros da OCDE, em Dubai, no ano de 2001 (MEETING, 2001). Ambos os eventos se basearam nos resultados fornecidos pelo documento Teachers Matter: Attracting, Developing and Retaining Effective Teachers (OECD, 2005), que identificou a necessidade de conhecer aspectos mais pormenorizados da população docente, como crenças, atitudes, locais de trabalho, etc. que poderiam interferir diretamente no ensino.

No Brasil, a primeira edição da pesquisa *Talis* (2008) foi justificada através de uma Nota, publicada no *website* do governo federal, na seção do Inep, segundo a qual a *Talis* apostava em noções inovadoras sobre alguns dos fatores que podiam explicar as diferenças nos resultados de aprendizagem entre os países, revelados pelo Programme for International Student Assessment ou Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (Pisa) (BRASIL, 2008). Teria o governo entendido a importância de se ampliarem os estudos estatísticos acerca de questões subjetivas do trabalho docente, como as ideias e atitudes dos profissionais, já que elas interferiam diretamente nos níveis de aprendizagem dos alunos e, consequentemente, nos resultados dos *rankings* internacionais do país.

A pesquisa *Talis*, que foi realizada posteriormente a uma série de produções a respeito da indisciplina, como Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado, Artigos acadêmicos etc., parece, entretanto, sobrepor-se a todas elas em grau de relevância. Trata-se, pois, de uma investigação realizada em âmbito nacional, coordenada pelo Inep, órgão do governo federal, e desenvolvida com base numa amostra representativa da população docente. (BRASIL, 2008)

O tema da disciplina enquanto um dos objetos de investigação surgia na seção da pesquisa intitulada “políticas escolares e sua efetividade” (TECHNICAL REPORT, 2008). O estudo desse domínio se justificava com base nas necessidades educacionais dos países

participantes da pesquisa, além da possibilidade de darem continuidade a temas já estudados pela OCDE. (TECHNICAL REPORT, 2008)

O Relatório Técnico (T*alis*, 2008), que ficara encarregado de contar os procedimentos envolvidos na realização da pesquisa, apresentava a seguinte justificativa pedagógica para o estudo do item disciplinar.

> *Talis* escolheu o clima disciplinar porque esta variável tem um forte impacto na aprendizagem dos alunos em diferentes disciplinas e porque foi demonstrado que – ao contrário de outras características do clima – existe um alto nível de concordância entre professores, alunos e observadores a respeito desse indicador (TECHNIC REPORT, 2008, p.33)

A justificativa se faz em nome da demanda trazida pelos protagonistas da escola. Entre professores, alunos e estudiosos, haveria a necessidade de tornar os ambientes de aprendizagem mais organizados e silenciosos; enfim, mais disciplinados.

Ainda de acordo com o mesmo Relatório Técnico (2008), haveria uma relação indissociável entre as práticas profissionais desenvolvidas pelos professores e a qualidade do clima disciplinar de sala de aula: “A qualidade do ambiente de sala de aula (...) é em grande medida determinada pelos métodos instrutivos e práticas de sala de aula usadas pelo professor.” (TECHNICAL REPORT, 2008, p. 33). Essa afirmação estabelecia uma lógica de causa e consequência como se o tipo de práticas docentes determinasse o nível de disciplina na sala. Nesse jogo de relações, a pesquisa atribuía ao profissional a responsabilidade pelo controle disciplinar da turma.

Para verificar os tipos de práticas que estariam mais relacionadas a altos níveis de indisciplina, a pesquisa extraía, através da aplicação de questionários, informações tanto a respeito do tipo de práticas mobilizadas por um docente, quanto sua percepção sobre os níveis de indisciplina. O objetivo era constatar no nível mais geral as práticas que fomentavam o comportamento indesejado e as que, por outro lado, funcionavam como estratégias de combate à indisciplina.

Mas o que era a indisciplina para a pesquisa? A questão de número quarenta e três do questionário aplicado para professores nos ajuda a responder a essa questão.

Figura 1- Questão 43 - Talis

43 O quanto você discorda ou concorda com cada uma das afirmações a seguir no que diz respeito a essa turma específica?

Por favor, marque apenas uma alternativa em cada linha.

		Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
a)	No início da aula, tenho que esperar muito tempo até que os alunos se acalmem.	☐ 1	☐ 2	☐ 3	☐ 4
b)	Os alunos dessa turma ajudam a criar uma atmosfera agradável para o aprendizado.	☐ 1	☐ 2	☐ 3	☐ 4
c)	Eu perco muito tempo porque os alunos interrompem a aula.	☐ 1	☐ 2	☐ 3	☐ 4
d)	Há muito barulho nessa sala de aula.	☐ 1	☐ 2	☐ 3	☐ 4

Fonte: OECD, Questionário I - *Talis* (2013), p.23

Nessa questão, o professor deve decodificar as afirmações e avaliar se representam sua realidade de trabalho de sala. Elas se enunciam na perspectiva do professor – por isso o uso da primeira pessoa - como se o profissional se queixasse do comportamento dos alunos. Os termos “esperar”, “interromper” apresentam a indisciplina discente como o fenômeno que impede o curso natural das atividades. Por sua vez, a alternativa de letra “b”, segundo a qual, “Os alunos dessa turma ajudam a criar uma atmosfera agradável para o aprendizado”, permite ler, no avesso, que a indisciplina corresponderia a uma atmosfera desagradável de aprendizagem, marcada pelo mau uso do tempo e também pela falação.

A questão a seguir, retirada também do questionário, busca verificar o aproveitamento do tempo para representar a indisciplina.

Figura 2 – Questão 41 – Talis

41. Para essa turma específica, que percentual de tempo em uma aula típica é gasto em cada umas das seguintes atividades?

Escreva o percentual para cada atividade. Escreva 0 (zero) em caso de nenhuma.

Por favor, certifique-se de que as respostas somem 100%.

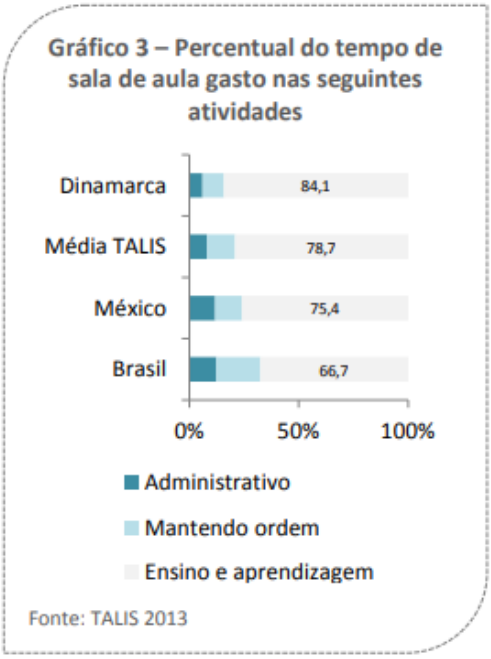
a)	___	%	Tarefas administrativas (como, por exemplo, registro de freqüência, distribuição de informativos/formulários da escola)
b)	___	%	Manutenção da ordem em sala de aula (manutenção da disciplina)
c)	___	%	Ensino e aprendizagem de fato
	100	%	Total

Fonte: OECD, Questionário *Talis* (2013), p. 21

Mas, dessa vez, o questionário se vale do recurso aos números, que produzem o efeito de se estar diante da possibilidade de colher respostas mais objetivas. A questão reparte o tempo de aula em três fatias (tarefas administrativas, manutenção da ordem e ensino e aprendizagem) e solicita ao professor informar o percentual de tempo que considera gastar com cada uma dessas partes. Ao separar o tempo do ensino do tempo que é dedicado à manutenção da ordem faz entrever a indisciplina tanto como a desordem quanto como a não aprendizagem.

Depois de coletadas as informações através do questionário, a pesquisa os apresentou no Relatório Nacional, publicado em 2014, pelo Inep: “Os professores brasileiros são os que declaram passar mais tempo mantendo a ordem em sala de aula (19,8%) entre todos os professores participantes da pesquisa.” (BRASIL, 2014). Em seguida, o documento completa:

Figura 3 – Percentual do tempo de sala de aula gasto



Fonte: MEC, Relatório Nacional - *Talis*, 2014

Para proceder à apresentação desses resultados, o documento se valia tanto dos enunciados linguísticos quanto do gráfico, que permitiam esquematizar os resultados de cada país e a comparação entre eles. A comparação, que fora realizada com o México e a Dinamarca, países que apresentavam resultados próximos aos do Brasil na primeira edição (2008), produzia o alarme pelo fato de o Brasil ocupar o último lugar do *ranking*. Por sua vez, a "Média Talis" permitia realizar uma comparação do Brasil com todos os outros países ao mesmo tempo. Oferecia-se, assim, condições para determinar a indisciplina como um problema relevante para o espaço escolar.

Esses resultados gozavam de credibilidade. A pesquisa *Talis* (2014) contava com o documento Technical Report (OCDE, 2008), encarregado de contar o rigoroso processo de elaboração e desenvolvimento da pesquisa. Esse documento citava manuais que descreviam os passos necessários para os países participantes aplicarem a investigação com sucesso, como o *Talis* Sampling Manual; fazia também menção ao órgão de Secretaria de Coordenação e Qualidade da Pesquisa como para dar veracidade aos resultados (TECHNICAL REPORT, 2008). Assim, esse documento respaldava os resultados da pesquisa.

Uma busca pelos jornais eletrônicos publicados entre 1 de janeiro de 2014 a 31de dezembro de 2016 – três anos seguintes à 2º edição da *Talis.* – mostrou que, dentre as informações produzidas pelo Relatório Nacional *Talis* (2014), o dado de que 19,8% (20%) do tempo de sala era perdido pelo professor com indisciplina foi o que recebeu o maior destaque entre os veículos de comunicação. Observa-se que a plataforma *Uol*, em sua seção de Educação, publica, em 26/06/2014, notícia com manchete "Professor brasileiro gasta 20% do tempo de aula com indisciplina" – conferir Anexo - A. Em 05/02/2015, é a vez do jornal *Amambai*, do Mato Grosso do Sul, publicar também "Brasil é número um em mau comportamento na sala de aula, indica pesquisa" - Conferir Anexo - B. Em 01/03/2015, o *G1*, anuncia os resultados da pesquisa "Professor no Brasil perde 20% da aula com bagunça na classe, diz estudo." - conferir anexo C. Esses jornais eletrônicos recuperavam a informação do Relatório Nacional (2014) publicada pelo Ministério da Educação (MEC) e a relançavam em espaços de maior visibilidade social. Isso contribuía para pulverizar a ideia de que a indisciplina seria um problema não só para o progresso da nação, mas especialmente para o professor.

Para proceder a uma problematização da indisciplina, os títulos majoritariamente apresentam os resultados da pesquisa como objetivamente verificáveis, fazendo supor que a indisciplina fosse um problema atestado empiricamente, e não a interpretação que determinados docentes realizavam do comportamento de alunos. Apagava-se também o fato de que os professores que tinham uma concepção tradicional de educação tendiam a responder que suas salas tinham mais indisciplina que a de professores mais progressistas. Assim, os jornais acabavam por encobrir o caráter subjetivista da pesquisa, destacando as informações pretensamente objetivas (informações numéricas).

Interessante notar também nesse processo de migração dos resultados do Relatório Nacional (2014) para os jornais eletrônicos que o gráfico em barras desaparece nas notícias – conferir anexos. O dispositivo notícia prefere os enunciados linguísticos, as gravuras e os números como se esses fossem mais apropriados para apresentar as informações a um público mais amplo que o do Relatório Nacional (2014). Contudo, o efeito de objetividade que se desdobrava do gráfico se manteve na formulação dos títulos das notícias, que, como já dissemos, encobrem a relativização das informações da pesquisa.

Mas o que se pretendia com a pesquisa a respeito do estudo da indisciplina nas escolas?

A pesquisa buscava identificar as queixas que professores apontavam a respeito das questões disciplinares para promover políticas que as solucionassem. Como a pesquisa era administrada pelo Governo Federal, cabia a esse governo democrático dar aos docentes o tipo de clima escolar que eles julgavam precisar, mesmo se esse julgamento estivesse baseado em princípios produtivistas, verbalistas e tradicionais de Educação. Assim, o governo dava à população o direito de estabelecer um modelo disciplinar.

Talvez o resultado mais audacioso produzido pela pesquisa tenha sido o *Guia do Professorado Talis 2015*, documento publicado na biblioteca da OCDE, em 03 de outubro de 2014. Ele realizava uma síntese das principais descobertas e dos problemas mais relevantes que atingiam a Educação de diferentes países. Em seguida, apresentava aos professores conselhos, recomendações e sugestões de como agir para enfrentar esses problemas. A temática da indisciplina aparecia assim:

Figura 4 – Dicas

Los docentes pueden...

- Ampliar sus conocimientos pedagógicos en las asignaturas que imparten, algo que puede conducirles a explorar prácticas de enseñanza activas y enfocadas a los alumnos, tales como organizar a los estudiantes en pequeños grupos de trabajo o involucrarlos en proyectos cuyo tiempo de compleción exceda de una semana.
- Participar en algún tipo de actividad de desarrollo profesional, ya sea asistiendo a talleres y conferencias, observando a otros profesores, realizando trabajos de investigación individual o en equipo o interviniendo en actividades de mentoría, pues los resultados de TALIS revelan que los docentes que participan en este tipo de actividades son más propensos a poner en práctica métodos de enseñanza orientados al estudiante.
- Tomar parte en actividades de mentoría para reforzar la cooperación entre colegas de profesión, infundir confianza y fomentar un clima escolar positivo. La cooperación no es la única forma de compartir y comparar prácticas docentes, sino que también puede contribuir a elaborar respuestas más eficaces ante problemas de conducta del alumnado e interrupciones de la clase.
- Informar al director de su centro escolar acerca de las ineficiencias diarias o semanales, como pueden ser aquellas tareas administrativas que podrían realizarse por el personal de apoyo o de forma automatizada, para poder dedicar más tiempo a la enseñanza.

Fonte: OECD, Guía del professorado, 2014, p. 9

Nele, destacam-se ações que são sugeridas ao professor para enfrentar a indisciplina. A expressão “Los docentes pueden” introduz uma lista de estratégias, que se materializam nos infinitivos “ampliar”, “participar”, “tomar” e “informar”. Além disso, o documento é bastante didático ao oferecer ações prontas: “tais como organizar os estudantes em pequenos grupos de trabalho ou envolvê-los em projetos”, “seja assistindo a oficinas e conferências, observando a outros professores” (GUÍA, 2013 p. 9), que dão clareza aos comandos de forma a conduzir eficientemente a conduta dos professores.

Certamente a descoberta da indisciplina como um problema que afeta um número considerável de docentes e a consequente publicação do Guía, que fornece orientações sobre como enfrentar esse problema, devem ter delineado no contexto sócio-histórico-discursivo condições para a elaboração e publicação, em *blogs*, de textos de dicas dirigidos a professores. Com efeito, a 2º edição da pesquisa *Talis* aconteceu durante o ano de 2013, com seus resultados e guia publicados em 2014, anos relativamente próximos às datas de publicação dos textos de dicas que compõem nosso córpus: 2013, 2015, 2017, 2018 e 2019. Assim, os resultados da pesquisa *Talis* acabaram por informar a essas plataformas prestadoras de serviços a necessidade de aperfeiçoar professores no quesito disciplinamento de alunos.

Além do mais, havia duas semelhanças significativas entre a pesquisa *Talis* e os textos de dicas publicados em *blogs* pedagógicos. Primeiro, ambos tinham o propósito de assessorar docentes com questões disciplinares. Segundo, tomavam o papel do professor como central na resolução do que denominavam de problemas de indisciplina de alunos. Por isso, os textos de dicas se dirigiam aos professores, enquanto o Technical Report Talis (2008, p. 33) explicitava que, no que se refere ao papel do professor: “A qualidade do ambiente de aprendizagem na sala de aula é largamente determinada pelos métodos de instrução e práticas utilizadas pelo professor.”. Enfim, ambos supunham a *indisciplina* como um problema que cabia ao professor resolver.

Observemos ainda que a escolha da pesquisa *Talis* (2014) por investigar atitudes e crenças dos professores oferece condições para a formulação de enunciados como “não presuma o pior do aluno” (Texto II), “Assuma que o aluno difícil é um desafio pedagógico, e não “um saco”, “Tenha o hábito de fazer registros” (Texto II) ou “Saber reagir aos problemas de indisciplina (Texto III), encontrados em nosso córpus. Observe-se que esses enunciados incidem sobre os objetos da pesquisa (crenças e práticas).

Os conselhos presentes no *Guia do Professorado Talis 2015* se baseiam no modelo teórico das pesquisas de Kliem *et al* (2006), obtido de experimentos. De acordo com esse modelo, há três itens responsáveis pela produção da disciplina discente: a boa instrução, que se verifica na gestão estruturada e organizada da sala de aula; a orientação individualizada, dada a cada aluno para atender a necessidades particulares; e a organização de demandas cognitivas e de apresentação do conteúdo, como o estabelecimento de temas de interesse dos alunos e a disposição graduada dos níveis de dificuldade das atividades. (TECHNICAL REPORT, 2008). Ao conferir destaque a esse modelo teórico no Brasil, a pesquisa *Talis* potencializa o aparecimento de enunciados como "Estabeleça as regras desde o primeiro dia" (Texto II), "Explique o planejamento" (Texto II), que promovem uma gestão organizada da sala de aula; ou ainda enunciados como "Valorize o aluno na sua individualidade", que conduzem o professor a uma prática de atendimento particularizante.

Em suma, a hipótese que buscamos levantar é a de que a realização da segunda edição da pesquisa *Talis* contribuiu para relançar a questão da indisciplina discente no cenário social. Acreditamos que a irradiação das informações dos documentos da pesquisa para jornais e blogs pedagógicos tenha acentuado a problematização que se tornou possível realizar de comportamentos como a falação, o mau uso do tempo e o não engajamento dos alunos em atividades. Enfim, tendo sido amplamente divulgada a indisciplina como um problema da Educação brasileira, surgem guias e dicas que atribuem aos professores a responsabilidade por ajustar comportamentos indisciplinados a um modelo verbalista, produtivista e tradicional de ensino.

2 **CAMINHO DA PESQUISA**

A seguir, contamos o processo de elaboração da pesquisa, passando desde a constituição do material de análise até a dissertação dos capítulos.

Com o objetivo de elaborar nosso material, pesquisamos textos que abordassem a temática do disciplinamento e da obediência discente no *software Google*. Com efeito, em meados de 2020, digitamos a entrada "indisciplina escolar" na caixa de buscas desse *software.* Acreditávamos que a entrada "indisciplina" daria acesso ao universo disciplinar e, então, aos métodos de correção. Após a busca, obtivemos artigos acadêmicos, notícias de jornal, dicas, entre outros tipos de textos. Dentre essa diversidade de conteúdo, escolhemos trabalhar com as dicas. Elas apresentavam mais informações sobre como conduzir o comportamento.

Como o número de textos de dicas encontrados não era suficiente para constituir um córpus produtivo para análise, modificamos a entrada de pesquisa para "Dicas de disciplina escolar", o que permitiu reunir textos com base no critério de gêneros de discurso (MAINGUENEAU, 2015) e verificar como as recomendações de disciplina haviam sido pensadas e formuladas.

Dispomos no quadro abaixo os resultados que encontramos.

Quadro 1: amostra de textos sobre dicas de disciplina

TEXTO	TÍTULO	ANO DA PUBLICAÇÃO/MODIFICAÇÃO	CATEGORIA LINGUÍSTICA EM DESTAQUE	ORIGEM DO TEXTO
1	4 dicas de disciplina em sala de aula para novos professores.	Com indicação abaixo do título: 14 de dezembro de 2018.	Infinitivo, locução verbal, nominalização, negação.	*Site* de notícias da *Universia*, entidade privada, sem fins lucrativos, promovida pela *Universia*, rede de cooperação universitária de países de língua hispânica e portuguesa.
2	Como lidar com a indisciplina escolar	Certamente depois do início de 2015, pois o texto cita a pesquisa *Talis*, feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico: "No início de 2015, foi divulgado o resultado de uma pesquisa feita pela OCDE" (p.1)	Imperativo, nominalizações, negação.	*Blog* educativo que oferece gratuitamente materiais relacionados ao ensino de Língua Portuguesa e ao magistério para qualificar alunos, estudantes do ENEM, professores. O *blog* é dirigido apenas por um professor de Língua Portuguesa que recebe pela publicidade de cursos e livros anunciados em seu *blog*.
3	Como ajudar o professor a lidar com uma turma muito agitada.	Com indicação abaixo do título: 23 de janeiro de 2019.	Imperativo, nominalizações, negação.	*Blog* da empresa particular *WPensar*, que vende sistemas e aplicativos para atender às necessidades financeiras e pedagógicas de cursos e escolas.
4	Indisciplina na escola: como lidar com alunos	Com indicação abaixo do título: 07 de junho de 2017.	Infinitivo, imperativo, nominalizações, negação.	*Blog* da empresa *Proesc*, que vende sistema online para a gestão de escolas particulares.

	indisciplinados?			Utilizado por escolas no Brasil, Portugal, Moçambique, Angola, Senegal, Japão.
5	Como manter a disciplina em sala de aula.	Na página do código fonte, encontramos "Published 2013".	Nominalização, infinitivo, imperativo, negação.	Site *WikiHow*, onde qualquer pessoa pode escrever ou reeditar textos. A missão do site é produzir instruções úteis e gratuitas para ajudar.
6	A importância da disciplina em sala de aula.	Com indicação abaixo do título: 19 de maio de 2017.	Nominalização, infinitivo verbal.	No site do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Minas Gerais (IFMG), o texto é registrado na seção "pages".

Fonte: O autor.

Esses textos foram gerados pelo *Google Pesquisa* a partir de três etapas básicas. O rastreamento, processo em que o *Google* descobre quais páginas os usuários da rede disponibilizam na *Web*. A indexação, que nada mais é senão a organização de centenas de bilhões de páginas da rede em índices de pesquisa. E, por último, a apresentação dos resultados de pesquisa: finalmente o que torna possível o encontro do pesquisador com os textos.

No processo de indexação, as páginas da *Web* aparecem para o pesquisador/internauta segundo um sistema de classificação que leva em consideração principalmente as palavras da consulta, a usabilidade das páginas, o conhecimento das fontes, o local do pesquisador. O objetivo principal é oferecer informações adequadas às entradas de pesquisa. Vale ressaltar que o Suporte *Google* deixa claro que os interesses de mercado não interferem na apresentação dos resultados. Sempre que um site comercial ou anúncio aparece como resultado da pesquisa, eles são indicados como tais. (disponível em:< https://support.google.com/webmasters/answer/70897?hl=pt-BR> Acesso em 08/04/2020).

Em suma, os textos da tabela acima configuram-se como material relevante de pesquisa porque foram obtidos por procedimento da Pesquisa *Google* segundo o qual são

selecionadas as páginas mais acessadas pelos internautas. Isso permite considerar esses textos como enunciados de grande circulação no espaço digital brasileiro.

Uma vez constituído o material, buscamos mostrar de que modo o disciplinamento estava presente nas dicas, organizando sua linguagem. Assim, validamos o pressuposto de que o disciplinamento estava presente nesses textos.

Em seguida, procedemos à análise dos textos de dicas para verificar como disciplinavam alunos. Observamos que havia tanto enunciados que causavam alegria, afeto responsável por dar ao sujeito o poder de agir sobre si mesmo, quanto aqueles que produziam tristeza, afeto responsável por diminuir essa possibilidade de ação, sobre o corpo discente. (SPINOSA, 2009)

Nossa experiência de trabalho em sala de aula levava a identificar as dicas que fomentavam a felicidade. Em “Não humilhe o aluno”, enunciado dirigido ao professor, buscava se produzir um profissional que fizesse o aluno não se sentir ameaçado. Ou, em “Ouça os alunos”, dava-se espaço para o aluno expor suas inquietações e desejos. Essas dicas proporcionam a construção de um espaço de aprendizagem seguro e acolhedor para o desenvolvimento das potencialidades intelectuais, afetivas e sociais dos educandos.

Por outro lado, havia dicas que incitavam tristeza e insatisfação nos alunos, ao que indica nossa observação em sala. Em “Decida as regras”, enunciado dirigido ao professor, subtraía-se o direito de o aluno agir sobre os modos de convivência, votando as regras que regulam as relações. Já em “Organize as carteiras em fileiras”, impedia-se o bom encontro entre os “iguais” – alunos podem se compreender melhor do que quando conversam com o professor. Ou ainda em “Explique com clareza”, explicações autossuficientes que só impõem ao aluno a posição de espectador passivo. Ao diminuir a potência inventiva que os alunos poderiam descobrir em si mesmos participando da vida comum e pensando criticamente, essas dicas inviabilizam a possibilidade de o corpo discente reivindicar o tipo de ensino que desejaria experimentar.

Selecionamos, então, os enunciados que buscavam diminuir a potência criadora dos discentes. Enunciados que prescreviam a disciplina a partir da imposição de regras, do tedioso enfileiramento e da prescrição do ensino verborrágico. Nosso objetivo era compreender como esses enunciados disciplinavam os alunos.

Era ainda necessário selecionar uma marca linguística que funcionasse como entrada para a análise das dicas. Esse enunciado deveria conter informações que permitissem responder à pergunta: como se disciplinam os alunos? Acreditamos que o sintagma *o(s) aluno(s)* seguido por verbo apresentasse a informação que buscávamos. Assim, selecionamos esses enunciados – Conferir Apêndice A -, colocamos em negrito a sequência formada pelo sintagma nominal mencionado + verbo e os apresentamos no capítulo de análises. É importante mencionar que explicitamos a sequência *os alunos* + verbo, entre colchetes, quando o enunciado a deixava subentendida.

No capítulo de análises, apresentamos esses enunciados, organizando-os em grupos: a sala de aula, atividades, a organização das gêneses, a composição das forças e a sanção das regras. Em certa medida, a nomenclatura dessas unidades recuperava o modo como Foucault (2014) dissera que atuavam as "disciplinas", no livro *Vigiar e Punir. O nascimento da prisão*.

A análise desses enunciados nos levou a observar que o disciplinamento discente exigia enquanto condição o disciplinamento do professor. Era como se o professor competente no manejo das técnicas disciplinares fosse requisito para se obter um aluno disciplinado. Assim, as dicas defendiam a necessidade de o profissional se aperfeiçoar nessas técnicas para o controle dos alunos.

Como o disciplinamento discente se realizava de modo a prescrever métodos autoritários de gestão da sala, formas conteudistas de ensino, prescrição de atividades mecânicas, entre outras determinações; estabelecemos como segundo objetivo de pesquisa verificar como os enunciados de dicas buscavam disciplinar os professores à medida em que declaravam ensiná-los a como disciplinar somente os alunos. Acreditávamos que compreender o modo de funcionamento do disciplinamento docente permitiria repensar as práticas pedagógicas.

Com a atenção sobre o texto, para encontrar marcas linguísticas que permitissem compreender como o professor era disciplinado, constatamos que os enunciados que apresentavam o imperativo verbal eram produtivos e pertinentes para responder à segunda questão de investigação.

Com efeito, o modo imperativo se repetia e funcionava como um desses "métodos (...) que realizam a sujeição constante" (FOUCAULT, 2014), ou seja, como um desses métodos que conduzem a conduta daqueles com quem se fala.

Decidimos listar os enunciados que apresentavam verbos no imperativo. Nessa lista (conferir Apêndice – B), observamos que havia tanto enunciados defensores de uma gestão democrática de sala de aula e, consequentemente, enunciados produtores de felicidade para os alunos, quanto defensores de práticas autoritárias e tradicionais, responsáveis por minar o impulso criador (SPINOSA, 2009). Considerando que analisar discursos é uma tarefa que deve ser realizada de modo a contribuir para que professores e alunos melhorem a qualidade de suas relações, incluímos no córpus somente o segundo conjunto de enunciados. Nosso objetivo, assim, era realizar uma análise e, ao mesmo tempo, fazer a crítica do disciplinamento.

Listamos então os enunciados que apresentavam problemas – Conferir Apêndice C - e os organizamos – Conferir Apêndice D - de acordo com as noções e os eixos de atuação das disciplinas (FOUCAULT, 2014). Depois disso, notamos que alguns desses enunciados eram muito parecidos e, por isso, poderiam receber uma mesma análise. Para tanto, construímos inicialmente grupos formados a partir do objeto que os enunciados colocavam em comum. Com efeito, como “Estabeleça as regras desde o primeiro dia” (Texto II) e “Fale sobre as regras no primeiro dia” (Texto III) emergiam por ocasião do objeto *regras*, agrupamos esses dois enunciados em uma pretensa tabela representada por linhas horizontais e verticais ao redor. Essas pretensas tabelas contribuíram para não tornar as análises repetitivas, permitindo que dois ou mais enunciados recebessem a mesma análise.

Um pouco antes de cada uma dessas pretensas tabelas, explicitamos a concepção do disciplinamento que orientou nossa análise.

No primeiro capítulo, contamos a história da indisciplina discente para explicar como se tornou um problema e, por isso, produziu a necessidade de os professores empregarem métodos disciplinares para resolvê-la. Contamos também o processo sócio-histórico-linguageiro de que as dicas faziam parte para explicar parcialmente sua emergência em *blogs* pedagógicos.

No que se refere ao aporte teórico, adotamos uma perspectiva discursiva de linguagem enquanto fenômeno de interação (BAKHTIN, 2018). Ela permitiu analisar o que os enunciados produziam sobre seus interlocutores. Utilizamos a noção de gêneros de discurso enquanto dispositivos de comunicação (MAINGUENEAU, 2013, 2015, 2016). Essa noção orientou a composição de um córpus exclusivamente formado por dicas para compreender como o disciplinamento funcionava nesse dispositivo. Adotamos também as reflexões de

Agamben sobre os dispositivos de comunicação como “a maneira pela qual são dispostas as peças de um mecanismo.” (2005, p. 11). Ela permitiu compreender melhor de que modo a linguagem das dicas se organizava para disciplinar. Por fim, utilizamos as reflexões de Foucault sobre as “disciplinas” enquanto “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo” (2014, p. 135). Elas orientaram as análises do texto.

Após as análises dos enunciados, que buscavam disciplinar alunos e professores, elaboramos o capítulo denominado de *Desobediência*, no qual tecemos críticas ao disciplinamento e reflexões sobre a obediência enquanto efeito produzido pelo disciplinamento sobre os sujeitos. Refletir sobre a obediência permitiu pensar em algumas possibilidades sobre como desobedecer ao disciplinamento. Dentre elas, propomos a insurreição discente e a provocação cínica docente na medida em que acreditamos que essas formas de desobediência permitem reconfigurar problemas deixados pelo disciplinamento na relação de ensino e aprendizagem.

3 **QUADRO TEÓRICO**

3.1 **Disciplinamento**

De acordo com Foucault (2014), a Época Clássica (S. XVI e XVII) assistiu à produção de um conjunto de conhecimentos a respeito do corpo que permitiram fazer dele objeto e alvo de poder. De um lado, um conjunto de regulamentos militares, escolares e processos empíricos para controlar e corrigir seus comportamentos; de outro, a produção epistemológica de filósofos e médicos preocupados em tornar os corpos saudáveis para desempenharem funções. Reuniam-se, nessa profusão de conhecimentos e regulamentos, as condições epistemológicas que permitiram às instituições, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, elaborarem fórmulas gerais de dominação, denominadas de "disciplinas", métodos que exigiam do corpo colocar-se a serviço do correto funcionamento das instituições.

As "disciplinas" são definidas por Foucault (2014) como

> métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de disciplinas. (p. 135).

Com base nas considerações de Foucault (2014), apresentamos a seguir alguns desses métodos, também designados de técnicas disciplinares.

3.1.1 **A organização do espaço**

Em primeiro lugar, as "disciplinas" organizam os espaços da instituição de modo a distribuir metodicamente os indivíduos por eles - 1º técnica. Para isso, a "cerca" da escola determina o público que deve estar dentro dela, enquanto as salas delimitam o tamanho das turmas. Nesse sentido, a "cerca" e as salas funcionam como elementos disciplinares que tendem a dividir os grandes espaços para controlar a disposição dos indivíduos.

Esses procedimentos disciplinares que "encarceram" os indivíduos no espaço não são suficientes para caracterizar o funcionamento das disciplinas. Eles segmentam também os

espaços da escola com base no princípio do quadriculamento, que consiste na possibilidade de repartir esse espaço em unidades menores e dispor cada indivíduo numa dessas unidades. Na sala de aula, por exemplo, a cada carteira se deve fazer corresponder um aluno, assim como a cada sala se deve fazer corresponder um professor. Assim, torna-se possível exercer, por meio do "encarceramento", ou também designado por Foucault (2014) de princípio da clausura, um controle da relação que cada indivíduo deve estabelecer com o espaço quadriculado.

Com base nas "regras das localizações funcionais" (FOUCAULT, 2014, p. 141), as "disciplinas" transformam a instituição num lugar útil, segmentando seus espaços em função de atividades específicas, e equipando-os com os instrumentos necessários para a correta realização dessas tarefas. Surgem, assim, os laboratórios de informática, as salas de artes, as salas de aula, a sala dos professores etc. Uma vez estabelecidos o espaço e os materiais necessários a essas atividades, as "disciplinas" distribuem ainda os indivíduos sobre um "aparelho de produção", ou seja, distribuem os indivíduos segundo o lugar que melhor corresponda a cada um para desempenhar as funções previstas. Na sala de aula, por exemplo, para que a máquina de aprender funcione corretamente, é preciso não só dispor os mais "bagunceiros" sentados na frente, mas também interditar comunicações paralelas, separando os “amigos”. Por processos de divisão e distribuição, organizam-se os espaços, definem-se as atividades e distribuem-se os indivíduos.

As "disciplinas" definem também a fileira como forma de repartição dos indivíduos. Elas são tanto o instrumento através do qual os alunos chegam às salas quanto a ferramenta que orienta a disposição deles na sala.

Em suma, as "disciplinas" organizam os espaços, preparam-nos para a realização de atividades, distribuem os indivíduos sobre eles, constroem espaços individuais. Tudo isso é realizado de modo a tornar possível constituir a técnica do "quadro", ou seja, o artifício da imagem que permite representar a localização exata dos indivíduos. Em suma, é pela visibilidade que o quadro projeta a respeito da localização dos sujeitos que se torna possível controlar sua circulação pelo espaço ou saber onde encontrá-los.

3.1.2 O controle da atividade

Em segundo lugar, Foucault mostra que as "disciplinas" operam sobre as atividades, decompondo-as. Consideramos que a rede de relações entre o horário, o ajuste dos comportamentos às temporalidades segmentadas e o uso do tempo segundo um princípio crescente de aproveitamento configuram o eixo fundamental para o controle da atividade.

As "disciplinas" não utilizam os horários - Segundo Foucault (2014), velha herança das disciplinas - apenas para marcar o início ou término de uma atividade, mas para obrigar a convocações determinadas e impor um ritmo ao trabalho. Os horários levam os docentes da turma 701 a 702, da 702 à sala dos professores; levam também os alunos da sala de aula à sala de artes, da sala de artes ao refeitório. Assim, os horários ficam responsáveis por fazer com que a cada momento alunos e professores se encontrem ocupados.

A duração das atividades deixa de apresentar meras denotações cronológicas para codificar atributos a respeito dos indivíduos. A duração se torna a medida para definir o quão lento, adequado ou eficiente um aluno é durante a realização das atividades; ou o quão eficiente é o professor que inicia e conclui sua aula no tempo previsto. Para ajustar as temporalidades individuais ao tempo "ótimo" das atividades, é necessário desarticular o movimento na pequenez de seus gestos, como, por exemplo, numa atividade de caligrafia: "estando o cotovelo pousado na mesa, o queixo possa ser apoiado sobre a mão" (FOUCAULT, 2014, p. 149). Em suma, a elaboração do tempo deve permitir extrair do corpo o máximo de eficiência.

As prescrições a respeito de como as atividades devem ser realizadas não se encerram por aí. As disciplinas se ocupam também de fazer corresponder a cada parcela mínima de tempo um gesto preciso e determinado, como, numa prova de aula, em que o plano deve conter o tempo exato previsto pelo professor para apresentar, explicar, comparar e concluir ideias. Essa articulação tempo e gesto será responsável por conferir eficiência aos corpos. Assim, as "disciplinas" impõem aos corpos um conjunto de prescrições minuciosas que permitem exercer um controle acirrado sobre cada uma de suas partes.

A divisão acirrada do tempo revela o propósito de se constituir um tempo integralmente útil. Para garantir esse aproveitamento fracionário do tempo, ou sua "utilização exaustiva" (FOUCAULT, 2014, p.151), Foucault (2014) aponta que a escola mútua valeu-se de sinais, apitos e comandos que não só impunham um ritmo à aprendizagem, mas garantiam acelerar seu processo, como se fosse possível atingir um "ponto ideal em que o máximo de rapidez encontra o máximo de eficiência" (p.151).

O elemento que o controle da atividade coloca em apreço é o exercício, que tem sua ordem, seu tempo, seus elementos constituintes. Em suma, o exercício, ou também denominado de manobra, impõe ao corpo se adaptar às temporalidades segmentadas e usar o tempo segundo um princípio crescente de aproveitamento.

3.1.3 A organização das gêneses

Nesse eixo, o autor propõe pensar as "disciplinas" como aparelhos para adicionar e capitalizar o tempo através de quatro processos que não só a organização militar mostrou com clareza, mas também a escola. Primeiro, as "disciplinas" submetem o tempo de formação a uma divisão que produz segmentos temporais específicos: "instrução dos recrutas", "exercício dos veteranos" (FOUCAULT, 2014, p.155) ou 1º, 2º ano do Ensino Fundamental. Segundo, impõem que essas etapas de tempo devem se organizar sequencialmente, de modo a respeitar o princípio crescente de dificuldade das tarefas: "ensinar sucessivamente a postura, depois a marcha, depois o manejo das armas" (FOUCAULT, 2014, p. 155); apresentar genericamente no Fundamental II os conteúdos que serão pormenorizados no Ensino Médio. Terceiro, encerram esses segmentos temporais por avaliações que indiquem se o indivíduo adquiriu ou não os conhecimentos mínimos. E, por último, prescrevem a cada indivíduo o exercício ou a avaliação que lhe convenha conforme suas aptidões e capacidades desenvolvidas ao longo do percurso. Em suma, as "disciplinas" organizam um tempo linear, cujos segmentos dispõem-se um ao lado do outro, separados por provas, comportando uma série de exercícios segundo níveis de complexidade, de modo a transformar todo o tempo em tempo útil, ou seja, em tempo de aperfeiçoamento.

As “disciplinas” dividem o tempo de formação em segmentos de modo a distribuir os indivíduos segundo o conhecimento escolar de que cada um dispõe. Se já sabe ler, pode ser promovido para o 3º ano; se já aprendeu a classificar as orações subordinadas, pode ingressar no Ensino Médio. Essa distribuição permite prescrever os exercícios mais adequados, conforme o nível de aptidão desejado. Assim, o tempo disciplinar é o eixo que permite o investimento de um poder capaz de oferecer os conteúdos necessários para o aperfeiçoamento dos indivíduos.

As “disciplinas” organizam o tempo de formação linear e progressivamente. Em meio a esse processo, o exercício desempenha um papel fundamental para capitalizar a formação e transformá-la em produtividade nos indivíduos. Para isso, os exercícios, "técnica pela qual se impõe aos corpos tarefas ao mesmo tempo repetitivas e diferentes" (FOUCAULT, 2014, p. 158), marcam a aquisição progressiva do saber, do bom comportamento e permitem identificar os indivíduos mais "capazes".

Em suma, a organização do tempo, fundamental para a disposição dos exercícios mais adequados para cada classe, faz surgir, segundo Foucault (2014), o tempo disciplinar, ou seja, a gênese de um percurso de instrução que se inicia pelo investimento do poder desde os exercícios mais elementares, correspondentes ao momento "zero", até mesmo os mais complexos.

No tempo disciplinar, - que substitui o tempo "iniciático, o qual era controlado só pelo mestre e sancionado por uma única prova nas escolas elementares (FOUCAULT, 2014) -, o exercício passa, então, a ser a técnica através da qual o poder vai acompanhar os indivíduos por todo seu percurso formativo.

3.1.4 A composição das forças

As "disciplinas" podem também ser compreendidas como uma arte de compor forças para obter um aparelho eficiente, e isso pode ser feito de algumas maneiras. De acordo com Foucault (2014), é possível trabalhar sobre os indivíduos não só como unidades autônomas; mas considerando-os também como peças articuladas de uma máquina de aprender. É nesse sentido que se estabelecem as diferentes funções dos integrantes de turma: o representante, os que copiam do quadro, os que anotam os nomes dos que conversam. O objetivo é fazer com que todos aprendam.

É possível também constituir máquinas de aprender, levando cada indivíduo a ajustar seu tempo ao tempo dos companheiros de modo a produzir uma aprendizagem ótima. Para isso, obrigam-se os indivíduos a concluírem os exames e as atividades no mesmo período que o dos demais.

Por último, a combinação cuidadosamente medida das forças exige um sistema preciso de comando. Com efeito, é preciso que a linguagem imprima sobre cada uma das peças

técnicas de comando, tais como "sinos, palmas, gestos" (FOUCAULT, 2014, p. 163) de modo a provocar o comportamento desejado.

Em suma, esses exemplos ilustram algumas técnicas disciplinares que, segundo Foucault (2014), fazem surgir a "tática", isto é, a "arte de construir (...) aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada. (2014, p. 165)", e que permite organizar as multidões dispersas.

3.1.5 A sanção normalizadora

A sanção normalizadora, segundo Foucault, é um pequeno mecanismo penal que se reparte em modelos de "micropenalidade do tempo (atrasos, ausências), da atividade (desatenção, negligência), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência)" (2014, p. 175) etc. Esses modelos penalizam tudo o que é disforme às regras e aquém do que se espera.

Os castigos podem se traduzir em não entrar até que um tempo de aula tenha se completado, ser chamado a atenção, ficar sem recreio, ir para a sala da direção, ou até mesmo copiar repetidamente a palavra errada ou a refazer a prova.

Entretanto, as instituições fazem operar preferencialmente as "penalizações" pelas promoções dos lugares hierarquizados (o melhor aluno da turma, o professor amigo da direção escolar) em detrimento do castigo ou das humilhações explícitas, como algumas das citadas no parágrafo acima. Por penalizações preferenciais citamos as avaliações e as notas, que têm por objetivo favorecer uns, os aprovados, ao mesmo tempo em que sanciona outros, aqueles com as notas abaixo da média, através da reprovação, por exemplo. A função maior da sanção, pois, é homogeneizar, obrigar os pouco aplicados a se filiarem ao corpo daqueles que têm uma aprendizagem compatível com o nível de escolaridade, e, ao mesmo tempo, diferenciar, ou seja, distribuir os indivíduos pelos lugares hierárquicos, descobrindo os mais competentes.

Para Edgar Castro (2018, p. 94), a função maior da sanção é a de adequar, homogeneizar, normalizar; pois, nas instituições disciplinares, não se busca separar uns de outros, mas normalizar: dispor os indivíduos "em relação a um campo de comparação no qual há maior ou menor adequação a respeito do que se considera ótimo."

Em suma, a normalização serviria para diminuir as diferenças que podem existir entre dois ou mais indivíduos: ela iguala os níveis de aprendizado. Enfim, a normalização iguala os sujeitos (CASTRO, 2018).

3.2 **O discursivo**

Nesta seção da pesquisa, discorremos sobre a teoria de construção dos sentidos, apresentando os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam nossa pesquisa: linguagem enquanto fenômeno de interação (BAKHTIN, 2018). Ela permitiu analisar a relação social estabelecida entre os interlocutores das dicas. Utilizamos a noção de gêneros de discurso enquanto dispositivos de comunicação (MAINGUENEAU, 2013, 2015, 2016). Essa noção orientou a composição de um córpus exclusivamente formado por dicas. Por fim, adotamos também as reflexões de Agamben sobre os dispositivos de comunicação como "a maneira pela qual são dispostas as peças de um mecanismo." (2005, p. 11), pois permitiu compreender melhor de que modo a linguagem das dicas se organizava para disciplinar docentes.

3.2.1 Visão social de linguagem

O modo como empregamos a palavra *Discurso* ativa concepções de linguagem. Daí A necessidade de se definir o que entendemos por ela. Optamos pelas formulações do círculo de Bakhtin. (2018) que explicitamos a seguir.

No Círculo de Bakhtin, encontramos uma visão materialista de linguagem como para fazer oposição ao que o próprio autor denominou de objetivismo abstrato. Bakhtin (2018) defende uma perspectiva de estudos da linguagem que decide observá-la na realidade concreta da comunicação, com seus interlocutores engajados em estratégias discursivas. Essa perspectiva vem fazer frente aos estudos objetivistas, ou seja, aqueles que desconsideravam as condições discursivas, já que não permitiam compreender as relações internas entre os elementos linguísticos (sujeito, predicado etc.). Na perspectiva do Círculo de Bakhtin (2018,

p. 174), "a língua é um fluxo de formação ininterrupto", que tem fins de comunicação e serve como meio de interação entre interlocutores.

Dessa concepção decorre que a significação enquanto dimensão constitutiva do signo bakhtiniano não provém exclusivamente da relação entre um significante e um significado, como defendido por linguistas estruturalistas, mas por elementos que compõem a situação de comunicação (interlocutor, espaço, tempo). Assim, o sentido da palavra é determinado pelo contexto, podendo existir tantas significações para uma palavra quantos contextos de uso (BAKHTIN, 2018).

Dessa realidade sistêmica e não sistêmica a que a língua está submetida, decorre que ela não se revela somente como um sistema de formas linguísticas, mas também como um fluxo real de comunicação operada pelo signo.

Se, na realidade sensível da comunicação, a significação se dá na relação entre o uso da língua e a situação discursiva (falante, ouvinte), haveria a predominância de algum dos elementos que compõem essa situação discursiva (o falante, o lugar, o ouvinte) como se estivessem comandando a produção dos sentidos? Não se trata, pois, de pensá-los separadamente por duas razões. Primeiro, porque o sujeito que fala não pode controlar todos os sentidos atribuíveis ao que diz. Segundo, porque aquele que ouve tem de considerar o texto do outro para sua resposta ganhar inteligibilidade. Desse modo, é na interação entre os interlocutores, organizados socialmente, que se produz o sentido.

Os sentidos linguageiros são então determinados pela organização do sistema linguístico e pela relação entre os interlocutores engajados em atividades sociais (a venda de um produto, o ensino de uma disciplina). E dessa relação relativamente conjunta entre o uso de linguagem e os interlocutores surgem os enunciados, unidades reais da comunicação (BAKHTIN, 2018), ou seja, unidades reais de realização da língua, que carregam as marcas para o estudo da relação social entre interlocutores.

Nas palavras de Bakhtin (2018), conferimos a seguir que há tanto um eixo macro quanto microssocial determinando o modo pelo qual a interação se apresenta sob a forma dos enunciados.

> Essa situação mais próxima e os participantes sociais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais do enunciado. As camadas mais profundas da sua estrutura [campo semântico, modos de enunciabilidade, curvas de visibilidade] são determinadas por ligações sociais mais duradouras e essenciais das quais o falante participa. (BAKHTIN, 2018, p. 206).

Em suma, o enunciado se revela como um espaço de análise privilegiado para a observação da relação entre o social e a linguagem.

3.2.2 Gênero do discurso

O gênero do discurso só pode existir de fato através dos enunciados que regulam os modos de comunicação nos campos de atividade social (setor de educação, setor da administração etc.). Os gêneros são modalidades específicas de comunicação (jornal, dissertação acadêmica etc.)

Para Maingueneau (2016, p.234), o gênero do discurso corresponde a "dispositivos de comunicação sócio e historicamente definidos" por força das rotinas de comunicação. Isso significa que os gêneros existem independentemente da consciência subjetiva dos falantes. Ainda que os sujeitos atribuam significados distintos às atividades de que participam, eles não são capazes de desarticular os gêneros. Os gêneros do discurso pertencem, pois, ao plano sócio-histórico.

Falamos apenas através de certos gêneros de discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm formas relativamente estáveis e típicas de construção do conjunto. (BAKHTIN, 2016, p. 38)

Os gêneros do discurso correspondem, de certo modo, a dispositivos de coerção da fala na medida em que impõem aos falantes posições sociais, práticas de linguagem (saudações, perguntas etc.), atividades verbais (narração, prescrição) etc. Com efeito, os gêneros do discurso organizam o nosso discurso, conferindo-lhe determinadas palavras, certa extensão do conjunto discursivo, uma determinada construção composicional. (BAKHTIN, 2016).

Os gêneros de discurso não se confundem com os atos de fala (prometer, culpar). Segundo Maingueneau (2015), os gêneros são dispositivos que regulam atividades de fala (o pedido, a promessa etc..); ao passo que o ato de fala deve se integrar a esses dispositivos. Além disso, enquanto os gêneros estão estritamente ligados a lugares e práticas sociais; os atos de fala são determinados por restrições mais locais, como o tipo de interação entre os falantes.

3.2.3 Condições de um dispositivo de comunicação

"Atividade social de um tipo particular, o gênero manifesta-se em circunstâncias apropriadas e com protagonistas qualificados " (MAINGUENEAU, 2016, p. 230) para adquirir o estatuto de uma atividade autônoma. Maingueneau, em seu livro *Análise de textos de comunicação* (2013), considera os seguintes elementos de base situacional como condições para a emergência de uma atividade específica e independente de comunicação.

> Uma *finalidade*: "Todo gênero de discurso visa a um certo tipo de modificação da situação da qual participa. (...) A determinação correta dessa finalidade é indispensável para que o destinatário possa ter um comportamento adequado ao gênero de discurso utilizado (MAINGUENEAU, 2013, p. 72).

O *estatuto de parceiros legítimos*: "a fala num gênero do discurso não parte de qualquer um, nem é dirigida a qualquer um, mas de um indivíduo detentor de um dado estatuto a outro " (MAINGUENEAU, 2016, p. 235)

Para uma atividade cumprir com seus propósitos, é preciso não só que o sujeito falante ocupe um lugar social que lhe confira o direito de enunciar, mas também que haja um coenunciador atendendo às expectativas previstas para seu lugar. Observa-se, portanto, que a emergência de um gênero e o sucesso da comunicação que ele torna possível não dependem das particularidades subjetivas dos sujeitos, mas da existência de posições discursivas ocupáveis por diferentes indivíduos.

O *lugar e o momento legítimos*: "Todo gênero de discurso implica um certo lugar e um certo momento" (MAINGUENEAU, 2016, p. 235). Esse lugar pode se manter o mesmo (as dicas na internet permanecem numa mesma página da *Web*) ou se modificar durante uma atividade (uma aula de biologia pode percorrer toda uma floresta).

A legitimidade de um lugar e de um momento podem ser dadas pela possibilidade que os meios materiais oferecem à realização da atividade de comunicação, como o papel torna possível o jornal; o *software*, o *blog;* ou as salas de aula, a própria aula. Mas essa legitimidade pode provir também de ordens diversas: da tradição que um telediário adquire ao longo do tempo (Voz do Brasil), do teor da informação (cobertura 24 h - não se espera o horário do telediário para anunciar a queda das torres gêmeas, por exemplo. Faz-se imediatamente.)

É preciso acrescentar que a própria realização do enunciado sob determinadas condições espaço-temporais contribui também para legitimar o espaço e o momento que abrigam a atividade na medida em que asseguram a comunicação.

Um *modo de inscrição na temporalidade:* a periodicidade, ou a singularidade das enunciações, sua duração previsível, sua continuidade, seu prazo de validade. (MAINGUENEAU, 2015, p. 122).

Um *suporte material*: modo de existência material: modo de *suporte, transporte e de estocagem*, logo, de *memorização* (MAINGUENEAU, 2013, p. 75).

É importante destacar que uma modificação no suporte de um texto (manuscrito, impresso, etc.) condiciona expressivamente o formato da comunicação: as dicas de um *blog* podem se estender por páginas a fio, ao passo que o mesmo não se pode dizer das que figuram nos jornais de concurso, reduzidas a espaços quadriculados por medidas econômicas.

> *Organização textual*: " todo gênero de discurso está associado a uma organização textual que cabe à linguística textual estudar. Dominar um gênero de discurso é ter uma consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento dos seus constituintes em diferentes níveis: de frase a frase, mas também em suas partes maiores." (MAINGUENEAU, 2013, p. 75).

Uma atividade verbal específica desenrola-se sob estruturas predominantemente narrativas, descritivas, injuntivas, que são colocadas a serviço das estratégias dos sujeitos engajados em posicionamentos: um vendedor descreve um produto a serviço da venda, um professor experiente confere dicas a colegas mais novos a serviço do disciplinamento.

> *Recursos linguísticos específicos*: "Todo gênero de discurso implica que seus participantes dominem um certo uso da língua, caso desejem corresponder convenientemente às expectativas do gênero" (MAINGUENEAU, 2013, p. 76).

Alguns gêneros podem fazer usos recorrentes de categorias linguísticas determinadas: uma dissertação de mestrado precisa utilizar conectivos, as dicas de disciplina para o professor se valem de nominalizações, etc.

Em suma, embora tenhamos apresentado esses elementos (finalidade, estatuto dos parceiros etc.) separadamente, conforme o autor (2016) o faz, ao que nos parece ser uma estratégia didática, na verdade, eles, que são heterogêneos e ajudam a compor um gênero de discurso, articulam-se, de fato, sem uma organização prévia ou linear, de modo a configurarem dispositivos de comunicação (MAINGUENEAU, 2016).

Segundo Maingueneau (2016, p.45), essa compreensão sobre os gêneros evita pensá-los como se engendrassem respectivamente a escolha de um sentido, depois a escolha de um suporte e assim sucessivamente. Ao mesmo tempo, permitir analisar os gêneros relacionando

posição discursiva de autor, lugar previsto para o público, suporte material; enfim, todos esses elementos como constitutivos da mensagem.

3.2.4 Dispositivo de comunicação

A fim de tornar o termo "dispositivo" um pouco mais claro e, assim, elucidar a noção de gêneros de discurso, vamos nos valer da investigação etimológica que o filósofo italiano Giorgio Agamben (2005) realizou acerca do termo. Para tanto, dividimos o texto do autor em três momentos de acordo com o contexto sócio-histórico investigado

Num primeiro momento do texto “O que é um dispositivo?”, de Giorgio Agamben (2005), o autor propõe elucidar o conceito de *positivé,* termo que é etimologicamente próximo a “dispositivo”. Para isso, revisita a noção de positividade na obra *A positividade da religião Cristã,* de Hegel, por intermédio do texto de Hypollite, professor de Foucault. Por esse percurso de leitura, Agamben depreende a "positividade" como

> o elemento histórico, com toda a sua carga de regras, ritos e instituições impostas aos indivíduos por um poder externo [e que se torna] interiorizada nos sistemas das crenças e dos sentimentos. (2005, p.10)

Conforme se pode observar pela expressão hiperônima (elemento histórico) e seus hipônimos (regras, instituições), decorre que "dispositivo" se trata de termo amplo o suficiente para se perder de vista sua essência. Por isso, Agamben (2005) propõe chamar "de dispositivo qualquer coisa" (2009, p. 13). Para o autor (2005), dispositivo é “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (2009, p. 13). Com efeito, a confissão, o lápis, a escola podem ser considerados como dispositivos, desde que, a nosso ver, sejam responsáveis por modificar uma dada realidade social. Por sua vez, os gêneros de discurso também podem ser considerados como dispositivos, mas somente na medida em que se refiram à linguagem como uma tecnologia de poder. Em suma, os dispositivos de comunicação necessariamente colocam a linguagem a serviço de interesses sociais.

Num segundo momento, Agamben examina as definições do termo em questão nos dicionários franceses de uso comum: (i) parte de uma lei que decide, (ii) maneira pela qual são dispostas as peças de um mecanismo e (ii) - definição retirada de contexto militar: meios

dispostos de acordo com um plano (2005, p. 11) . Para o autor, tais sentidos estariam também presentes na obra de Foucault; e, diante das três definições, generaliza que a noção de dispositivo "parece se referir à disposição de uma série de práticas e mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos e não linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) com o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito" (2005, p. 11).

Por extensão, os dispositivos de comunicação mobilizam, conforme identificaremos mais precisamente na seção seguinte mecanismos de linguagem (atividades verbais, modos de dizer, encadeamentos textuais) e práticas sociais (um lugar específico, um momento adequado para a realização de uma atividade de comunicação) que se colocam à disposição dos sujeitos falantes para atender a interesses de grupos e modificar o social. Assim, podemos caracterizar os dispositivos de comunicação como, para usar as palavras da Conferência de Agamben (2005, p. 9), "um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguística e não linguística no mesmo título: discursos, instituições".

Num terceiro momento, Agamben (2005) busca o significado da palavra *Dispositio*, reconstituindo o contexto filológico e teleológico dos primeiros séculos da Igreja Católica - entre o segundo e o sexto século – e descobre que essa palavra significava administração da casa, da vida e do mundo. (AGAMBEN, 2005).

De acordo com o autor (2005), *Dispositio* adquiriu esse significado, pois se instalou na igreja o problema a respeito da identidade de Deus. Seria Deus uma só pessoa ou Ele estaria repartido em Pai, Filho e Espírito Santo? Para evitar que o politeísmo ganhasse terreno entre os fiéis, os padres introduziram o termo *oikonomia*. –, cujo significado era administração da casa, da vida e do mundo (AGAMBEN, 2005). Esse termo permitia estabelecer um corte epistemológico entre ser e ação, quando se falasse de Deus, de modo que "Deus, quanto ao seu ser e a sua substância, [seria], certamente, uno, mas quanto a sua *oikonomia,* isto é, o modo como administra[va] sua casa (...) [seria], ao invés, tríplice. (2005, p. 12)

Oikonomia tornou-se assim um dispositivo que permitiu manter a ideia de um governo tríplice e, ao mesmo tempo, a identidade unitária de Deus. Para Agamben, essa palavra fazia referência a “um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo [era] administrar, governar, controlar e orientar em um sentido em que se supõe útil, os comportamentos, os gestos e os pensamentos dos homens.” (2005, p. 12) A passagem do termo *oikonomia* para o latim *Dispositio* foi então responsável por transferir ao segundo termo os significados de que dispunha o primeiro.

Em suma, se “dispositivo” seria um conjunto de saberes utilizados para administrar os homens, os gêneros de discurso seriam então uma dessas modalidades que só poderia se realizar através da linguagem. Com efeito, as dicas de *blogs*, inexequíveis sem os enunciados, colocam a linguagem a serviço do controle do comportamento discente. Enfim, a noção de discurso ativa o caráter pragmático da linguagem, ou seja, a possibilidade de ela interferir na realidade.

4 **ANÁLISES: EXPLICITANDO O FUNCIONAMENTO DAS DISCIPLINAS NO DISCURSO**

Neste capítulo, buscamos explicar como o discurso das dicas disciplinam alunos, como sua materialidade é organizada conforme o regime disciplinar e como os textos acabam por disciplinar professores à medida em que falam da necessidade de se disciplinar alunos.

4.1 **Dos métodos disciplinares para o aluno**

Nesta subseção, temos por objetivo verificar como enunciados dos textos de dicas buscam disciplinar os alunos durante a interlocução que travam com os professores leitores. Para apresentar nossas análises, mantivemos dos textos apenas os enunciados que apresentavam problemas éticos e organizamos esses enunciados conforme a organização e as reflexões dadas por Foucault (2014) no livro *Vigiar e Punir*. Em seguida, sublinhamos os fragmentos que funcionaram como marca de entrada para realizarmos as análises.

4.1.1 A sala de aula

A referência a elementos relacionados à sala de aula dá forma a esse conjunto de enunciados. O espaço codifica em sua estrutura o tanto de disciplina que deve ser transmitida ao corpo discente.

1.0 Exigir que **os alunos se sentem** nos seus lugares, conforme estabelecido no espelho de classe ou mapeamento.

Considera-se que demarcar lugares específicos na sala de aula e fazer os alunos se distribuírem pelos assentos conforme o mapeamento estabelecido é um modo de disciplinálos. Os alunos terão de se acostumar a aprender de um lugar da sala que não escolheram. No entanto, a insatisfação por não estarem próximo de amigos queridos pode dificultar de os alunos desenvolverem o gosto pelos estudos.

2.0 Mantenha a sala em ordem para que **os alunos fiquem** mais organizados. e Caminhe pela sala, evitando que **os alunos levantem**

O princípio disciplinar consiste em dispor um aluno em cada lugar e em cada lugar um aluno. Ele coincide com o que se denomina de sala de aula organizada. Os alunos deverão então se adaptar a ele e evitar assim de juntar suas carteiras com as de colegas. Essa organização das carteiras costumeiramente enfileiradas e dos corpos conformadamente sentados é codificada no espaço de modo a incitar a disciplina. Contudo, essa forma de organizar os alunos impede que se ajudem para aprender.

4.1.2 Atividades pedagógicas

A unidade deste conjunto é dada pela noção de atividade que subjaz no emprego dos verbos que compõem os enunciados abaixo. As atividades a seguir prometem disciplinar alunos.

3.0 Aja profissionalmente para que **os alunos o levem** a sério**.** Ser casual demais pode fazer com que **[os alunos] duvidem** de sua autoridade

O professor que assume uma postura séria diante de seu trabalho acaba por disciplinar seus

alunos. Mas não ensina a possibilidade de aprender, divertindo-se.

4.0 Os educandos **[os alunos] começaram** a pesquisar, por conta própria, capitais de países para questionar o professor.

Induzem-se os alunos a admirarem a inteligência e o conhecimento de que o professor dispõe. O professor de geografia surpreende, pois, seus alunos por sua capacidade de memorizar o nome de muitas capitais. Essa relação pedagógica produz no aluno a vontade ingênua de descobrir o nome das capitais que o professor desconhece. Por outro lado, acreditamos que a educação deve ser praticada com base na própria compreensão do que pode o conhecimento fazer pelo aluno: refazer relacionamentos, modificar concepções sobre o próprio modo de ser, permitir se comunicar em diferentes situações etc.

4.1.3 A organização coletiva das gêneses

Sabe-se que as disciplinas podem ser aparelhos para organizar o tempo de modo a dividir a formação em etapas, dispor os indivíduos nelas e prescrever a cada um o exercício que corresponde a seu nível.

5.0 Ao levantar sua mão, peça a **eles que façam** o mesmo**.** E Com alunos mais novos, você pode bater palmas três vezes e ensiná-**los a bater** responsivamente duas vezes.

O disciplinamento discente se faz por meio da comunicação não verbal. O aluno deverá observar uma mão se erguer sobre a cabeça para lhe capturar a atenção ou ainda, se for mais novo, ouvir uma sequência de três sons representando a necessidade por disciplina. Em seguida, terá de corresponder, repetindo o sinal proposto. Enfim, o disciplinamento acontece ao se prescrever a cada um, de acordo com seu nível ou antiguidade, o exercício disciplinar que lhe convém. Contudo, não são apenas os professores que avaliam a pertinência dos exercícios, mas os próprios estudantes. Daí que o professor corre o risco de propor um exercício que não vai surtir os efeitos disciplinares porque foi considerado pelos alunos como aquém ao nível de maturidade.

6.0 Explique de maneira clara e objetiva o que **os alunos devem fazer** e faça-**os [os alunos] produzir!** O disciplinamento discente acontece tanto pela explicação que deve capturar a atenção do aluno quanto pelo exercício que lhe cobra o dever de se exercitar. Esse disciplinamento divide a formação em etapas separadas. No enunciado, observa-se que a conjunção "e" divide a formação em tempo da aprendizagem e o período da prática.

4.1.4 A composição das forças da turma

A disciplina é a arte de compor forças para obter um aparelho eficiente de aprendizagem.

7.0 Reorganize os assentos uma vez por mês (...). Isso ajuda a controlar **[os alunos] quem senta** próximo de quem e a eliminar alguns problemas comportamentais. Demarcar lugares específicos e distribuir os alunos por esses espaços na sala não é suficiente para fazer cessar a falação e a falta de atenção decorrente das conversas paralelas, que podem ser entendidas como problemas de comportamento. Onde os alunos se sentam produzem-se amizades e relações de aliança prejudiciais ao ensino integralmente individual. É preciso então tornar os alunos peças móveis que possam ser deslocadas pelo conjunto de assentos de modo a desfazer essas relações, torna-los úteis uns para os outros e, então, rentável a formação de cada um. Daí a necessidade constante de mapear e remapear os estudantes para obter a disciplina de todo o grupo. No entanto, os alunos podem também se mostrar úteis uns aos outros, ajudando-se mutuamente a pensar, ler, realizar trabalhos etc.
8.0 Ao pedir que **os alunos guardem** seus cadernos e **façam grupos,** seja afirmativo e firme, em um tom imperativo. Quando perguntar ou pedir a participação dos alunos na sala de aula, ou questionar a importância de determinado fato, use um tom convidativo e informal.

A fala é um dos recursos fundamentais para disciplinar todo o grupo. No entanto, é preciso um controle minucioso de seu tom de modo a formar um sistema preciso de comando. O tom enérgico induz os alunos a guardarem seus materiais e formarem grupos. Por outro lado, o tom precisa ser amigável para convocá-los a participar da aula. Ambos os pedidos devem ser feitos da mesma maneira: poucas palavras, sem explicações. Assim, produz-se o aluno solícito, isto é, aquele que reagirá imediatamente, e conforme o esperado, ao sistema de comando. Mais importante, entretanto, do que o tom de voz deve ser a consideração que o professor deverá fazer aos motivos que o levam a pedir que os alunos guardem seus materiais ou participem da aula. Só assim os estudantes poderão obedecer com a ciência de que estão agindo em prol de si mesmos.

4.1.5 A sanção das regras

Os enunciados abaixo ocorrem por ocasião dos modelos prescritivos. Eles orientam a conduta em direção ao comportamento considerado ótimo, ao mesmo tempo em que servem para punir os que restam.

9.0 Dite as regras do jogo para que **os alunos saibam jogar** e Dizer o que se espera da criança ou adolescente é o primeiro passo para que **[os alunos] façam** o que é estabelecido.

As regras da escola, as regras da sala de aula, as regras pessoais do professor, todas elas servem para impor uma conduta a ser perseguida pelos alunos. O aluno terá então de agir, corroborando as expectativas.

10.0 Se a escola estabelece as regras e o professor não cumpre, por que um **aluno irá cumprir** uma regra estabelecida pelo professor?

É preciso observar que o aluno só é disciplinado mediante o exemplo do professor que pode mandar porque antes obedeceu à regra da escola. O aluno deverá imitar simplesmente o comportamento de seu professor.

11.0 É fácil cometer algum deslize quando desconhecemos alguma regra e, dessa maneira,

[os alunos] criam-se as controvérsias, pois abre-se espaço para o “disse-e-não-disse”.

Não é suficiente somente ditar as regras do jogo, mas é preciso também fazer o aluno tomar consciência das proibições e permissões. O aluno disciplinado é um indivíduo informado do que pode ou não fazer, tornando-se inteiramente responsável por suas atitudes. Assim, ele não discute com o professor.

Apesar de os enunciados acima buscarem incitar a obediência tanto pelo mecanismo da autoridade que dita uma regra, quanto pelo da autoridade que obedece exemplarmente, a obediência, na verdade, deve provir do reconhecimento de que a regra faz valer um princípio de justiça, como assegurar o respeito nas relações.

4.2 **Dos métodos disciplinares nos textos de dicas**

Nesta subseção do capítulo, propomos observar os textos de dicas para estudar de que modo o discurso organiza sua materialidade disciplinar. Para isso, vamos nos basear nas reflexões foucaultianas (2014) a respeito do disciplinamento, organizadas nos eixos disciplinares: a organização dos espaços, o controle da atividade, a organização das gêneses e a composição das forças - modos de operação das "disciplinas".

4.2.1 A organização do espaço

O poder disciplinar age organizando a linguagem pelo texto, território de dominação e controle da população de professores.

As disciplinas exigem enunciados que se apresentam sob a forma de títulos, como, por exemplo, no Anexo - G, "4 DICAS DE DISCIPLINA EM SALA DE AULA PARA NOVOS PROFESSORES". Em caixa alta e situado no topo da página, ele serve para especificar ao máximo a heterogeneidade do texto, ou seja, dizer que o texto não pode se confundir com dicas de maquiagem ou dicas de disciplina para alunos. Ao delimitar seu público, o título

torna possível convocar a clientela adequada, ou seja, professores inexperientes que enfrentam a indisciplina, e, ao mesmo tempo, constituir um espaço de instrução homogêneo, separando os inexperientes dos profissionais com experiência.

Os aparelhos disciplinares não se contentam em delimitar somente os espaços que determinam o público que participa das dicas e o que fica fora dessa atividade de comunicação. Eles trabalham também os espaços do texto. No Anexo - E, observa-se que nem todos os enunciados se distribuem da mesma maneira pelo espaço. 'Incentive o bom comportamento" e "Deixe as regras visíveis" se separam dos outros enunciados por mais espaços em branco do que os espaços que separam "Mantenha os combinados escritos em letras grandes" de "Fale sempre com as crianças a respeito deles", por exemplo. O aparelho disciplinar atua, na realidade, segundo o princípio do quadriculamento: ele estabelece um lugar determinado para cada dica, que é construído pelos espaçamentos em branco.

Em complementaridade ao princípio do quadriculamento, que serve para organizar espaços para as dicas, o aparelho disciplinar utiliza também o negrito e a caixa alta para dar corpo ao princípio das localizações funcionais, fundamento que consiste em criar espaços úteis. Pode-se dizer que o negrito e a caixa alta estabelecem no texto um espaço útil, visto que destacam os fragmentos capazes de sintetizar fundamentalmente as estratégias de disciplina. Com isso, o objetivo do aparelho disciplinar é capturar a atenção do professor. Em suma, ao aparelho disciplinar importa não somente distribuir as dicas por um espaço onde possam ser organizadas, mas também utilizar recursos (negrito, caixa alta) que facilitem a instrução do professor, permitindo-o identificar rapidamente o início, a extensão e o término das dicas.

Nos Anexos – F e - L, observa-se que o aparelho disciplinar dispõe cada dica num lugar definido pela cardinalidade. Ele as numera segundo o princípio crescente e define, assim, a fileira. Ao final dessa fileira de dicas, ele permite quantificá-las e mostrar o quão diverso é o leque de estratégias disciplinares de um texto. Em tese, quanto mais diverso for, maior será a possibilidade de atender às diferentes necessidades dos docentes e mais bem preparados esses profissionais estarão.

Em suma, observamos de que modo as "disciplinas" procedem à organização do espaço textual, ao uso de recursos tipográficos e aos números, operando segundo as "celas", o princípio do quadriculamento, o princípio das localizações funcionais e as "fileiras". Todos esses investimentos disciplinares mobilizam o formato das dicas para aperfeiçoar e colocar os professores a serviço do disciplinamento na escola.

4.2.2 O controle da atividade de trabalho do professor

Assim como o "horário", velha herança disciplinar, serve para obrigar a ocupações determinadas (FOUCAULT, 2014), os imperativos servem também para impor a conduta ao professor. Em, (i) *Garanta* que os alunos conheçam as regras (Texto II) e (ii) *Dite* as regras do jogo para que os alunos saibam jogar (Texto II), os verbos definem o estabelecimento de condutas como as posturas necessárias para o exercício do disciplinamento.

A atividade de um regime disciplinar não pode, entretanto, se realizar de qualquer modo, como se simplesmente a execução do ato bastasse por si mesmo. Para comunicar como realizar o estabelecimento de regras em sala, o aparelho disciplinar seleciona cuidadosamente os termos que preencherão o enunciado. Observemos que tanto em (i) quanto em (ii), os enunciados solicitam ao profissional assumir uma postura autoritária diante dos alunos, porque silenciam sintagmas como "Combine regras com os alunos". Desse modo, o aparelho disciplinar se vale de informações contidas nos imperativos para determinar como realizar a atividade.

As disciplinas buscam garantir a qualidade do tempo empregado no próprio comando. Os enunciados "Aguarde que cada aluno reconheça sua presença" (Texto I), "Dizer o que se espera da criança" (Texto II), "é importante incentivar a reflexão" (texto III) mostram que o uso recorrente de imperativos desacompanhados de modalizadores, de orações reduzidas ou de orações sem sujeito veta termos acessórios para a constituição de um tempo enunciativo integralmente útil. Em suma, a elaboração da prescrição, que incita ao disciplinamento, deve o seu sucesso à concisão linguística e ao tempo enxuto da enunciação.

Enfim, as disciplinas operam pelos infinitivos verbais para determinar as atividades, valem-se dos artifícios de linguagem para dizer "como" devem ser realizadas e controlam ainda a própria qualidade do comando de modo que ele incite a obediência dos dominados.

4.2.3 A organização individual das gêneses

Nos Anexos – G, - H, - I, -J, - K e -L podemos observar que os textos de dicas dividem a duração da formação disciplinar em duas grandes etapas, cuja separação destacamos horizontalmente nesses anexos. Tratam-se, a nosso ver, de um primeiro momento, que nomeamos de mobilização docente, e de um segundo, denominado de instrução disciplinar. A seguir contamos o processo discursivo que se desenvolve em cada uma dessas etapas de formação.

TEXTO I

Na primeira etapa, o texto busca ganhar a simpatia do professor, reconhecendo que é mesmo difícil dispor no início da carreira dos conhecimentos necessários para enfrentar a indisciplina; depois o texto sugere ao professor ouvir conselhos. Já na segunda etapa da instrução, tendo sido o professor preparado para aprender, as dicas procedem à apresentação das estratégias de controle.

TEXTO II

Antes da apresentação propriamente dita das dicas, o texto contextualiza a temática da indisciplina escolar, problematiza a possibilidade de o professor rotular alunos como aluno-problema, busca flexibilizar as concepções a respeito do que é uma turma indisciplinada e atribui a culpa decorrente do mau comportamento a todos os envolvidos, inclusive aos professores, para fazê-los se sentirem responsáveis pela execução das dicas que serão apresentadas.

TEXTO III

Antes das dicas, o texto problematiza a possibilidade de o professor controlar os alunos, atribui essa dificuldade à natureza comportamental das crianças e adolescentes e, em seguida, levanta perguntas como, "Como auxiliar o professor na difícil tarefa de conseguir disciplina na sala?", para despertar o interesse pelas técnicas de controle que serão apresentadas.

TEXTO IV

Antecede à apresentação das dicas; (i) uma problematização a respeito do tempo de aula que o professor perde buscando enfrentar a indisciplina, (ii) a retomada da voz de

especialistas da educação afirmando que a indisciplina é o maior dos problemas escolares e (iii) uma definição moralizante de indisciplina: "é a falta (...) de respeito ao próximo". Ainda antes da apresentação das dicas, o texto pensa as causas da indisciplina e, por isso, entra numa contradição. Se antes havia definido a indisciplina como falta de respeito, fazendo a culpa repousar sobre a postura do aluno; dessa vez enuncia a causa do problema como motivada pela "rotina desatualizada e [a] falta de adequação dos processos de aprendizagem." Para concluir essa primeira etapa de preparação do professor, o texto destaca a necessidade de o profissional agir eticamente e o alerta de que não há dicas que funcionem como fórmulas gerais.

A instrução disciplinar dispõe também as dicas em série, conforme podemos observar no Anexo - F. Com efeito, as dicas são apresentadas sequencialmente: dica 1, dica 2. No entanto, elas não formam uma sequência organizada segundo esquemas de complexidade. As dicas, na verdade, podem ser apreendidas independentemente umas das outras. Isso representa que o aparelho disciplinar permite aos professores elaborarem o próprio percurso e tempo de formação, estabelecer "séries de séries" (FOUCAULT, 2014), delegando-lhes o poder de prescrever a si mesmos as estratégias de disciplinamento que melhor correspondam a seu ideal de disciplina: lendo apenas as dicas 1 e 5, ou 5 e 2 etc. Eis o motivo do sucesso das “disciplinas”.

TEXTO V

Para proceder à apresentação das estratégias e técnicas disciplinares, antes o texto sugere que o professor adote uma postura relativista ao dizer que há profissionais que “adaptam técnicas (...) dependendo do tipo de alunos”, solicitando persistência, pois “Encontrar os melhores métodos leva tempo”. No segundo momento, as dicas são organizadas conforme etapas: Primário, Ensino Médio, faculdade.

TEXTO VI

O texto apresenta delimitação gráfica para separar os momentos de aperfeiçoamento disciplinar. No entanto, já na primeira parte, ele oferece instrução, ao mesmo tempo em que se preocupa em definir a disciplina como um “conjunto de regras que servem para o bom andamento da aprendizagem escolar”, alertando o leitor de que não deve confundi-la com

rigidez forçada. Evita-se, portanto, que o professor faça uso autoritário das dicas que são apresentadas em seguida.

Ao contrário da primeira parte, a continuação do texto é integralmente formada por estratégias numeradas de disciplinamento; apresentando, portanto, um momento bastante definido pelo disciplinamento.

Em suma, observamos que os textos procedem à organização das gêneses, estabelecendo etapas para a formação disciplinar, constituindo séries flexíveis, representadas numericamente, e deixando a cargo dos professores decidirem pelas estratégias mais relevantes.

4.2.4 A composição das dicas-forças

As disciplinas operam sobre a menor unidade, ou seja, sobre cada uma das dicas, "corpo singular que se torna elemento" (FOUCAULT, 2014, p. 161) de um texto. Para isso, elas atribuem a cada uma das dicas uma função de disciplinamento (estabelecer as regras, pontuar problemas etc.). As disciplinas fazem também as dicas se articularem não pela relação de continuidade, mas segundo a diferença que pode guardar entre elas. Dessa maneira, as disciplinas fazem do texto um aparelho textual que busca majorar as diferentes dicas de modo a compor um aparelho ótimo de disciplinamento docente.

Enfim, observamos de que modo as "disciplinas" compõem as forças de um aparelho, operando pelo estabelecimento de funções segundo o critério da diferença.

4.2.5 A sanção das dicas

Ao prescreverem dicas, os textos as redigem utilizando tanto enunciados afirmativos, tais como “Use sua voz normal e natural”, “Peça que guardem seus cadernos”, quanto enunciados com marcas de negação, como “Não acuse o estudante”, “Não humilhe o aluno”, “Não pergunte de forma sínica”. Ambos os enunciados apresentam o valor de uma dica:

enquanto os afirmativos orientam a conduta, os negativos informam ao professor que é melhor não fazer nada a cometer alguns dos desvios mencionados.

Por outro lado, há também diferenças discursivas que separam os enunciados negativos dos afirmativos. Pois as marcas de negação levam a supor que o interlocutor-professor teria alguma vez pensado ou cogitaria tomar as atitudes representadas para buscar a disciplina de seus alunos. Acrescente-se a esse efeito discursivo o fato de que esses enunciados negativos teriam o valor de uma repreensão, medida punitiva do sistema disciplinar, pois contém verbos como "acusar", "humilhar", "debochar", cujo conteúdo ideológico indica se tratar de condutas condenáveis. Ao contrário dos enunciados afirmativos, as marcas de negação serviriam para estabelecer uma micropenalidade do comportamento, assinalando a conduta que, ao invés de conformar e docilizar o aluno, produz sua rebeldia e indisciplina.

4.3 **Dos métodos disciplinares para o professor**

As disciplinas podem ser concebidas como os métodos que se manifestam nos enunciados e fazem aparecer neles temas - a sala de aula, a aula, as regras, a indisciplina - , assim como seus subtemas – a sala organizada; a aula objetiva, com explicações claras, prescrição de atividades para ocupar o aluno e com a devida posição do corpo do professor; as regras, o tempo das regras , o lugar das regras, o princípio e a visibilidade das regras; a indisciplina, com o barulho e os conflitos entre alunos. Enfim, antes de cada um dos subagrupamentos, inscritos nas linhas verticais e horizontais abaixo, redigimos um parágrafo, buscando explicitar o elemento responsável pela coesão desses agrupamentos que formamos.

4.3.1 <u>Interferir na sala de aula</u>

As disciplinas têm métodos para organizar o espaço: observar, pedir e fazer manter. Pois a organização do espaço incita comportamentos disciplinados.

1	Antes de começar, **observe** sua sala de aula - mapeamento/espelho, organização e

limpeza. 1.1 **Peça** que ajuntem do chão os papéis maiores, plásticos e saquinhos que possam ter ficado do lanche ou de alguma atividade que exigiu mais nesse sentido. 1.2 **Mantenha** a sala de aula em ordem para que os alunos fiquem mais organizados. Caso a sala seja bagunçada, os alunos podem não o levar tão à sério. Os enunciados interpelam o professor como agente responsável pela organização do espaço ao lhe dirigirem os imperativos destacados. O profissional deverá treinar o olhar, começando a observar toda a sala (1) até identificar o que em dissonância, como os saquinhos (1.1). Só depois então que deverá agir, solicitando aos alunos recolherem o lixo. Por fim, deverá ficar de prontidão para manter a organização conquistada.
1.3 **Reorganize** os assentos uma vez por mês 1.4 **Coloque** cartões com os nomes dos alunos nas mesas para organizar os assentos Os enunciados de textos de dicas recomendam técnicas simples de operação sobre a sala: a mobilidade de alunos e o uso de cartões. O profissional terá então de zelar por seu espaço de trabalho periodicamente (1.3) e ainda conhecer o comportamento de cada aluno para prescrever sua melhor localização (1.4).

De nada funcionam as estratégias que visam organizar a sala de aula se os motivos que despistam as atenções do aluno são de ordem diversa, como uma novidade que chegou à escola, a briga entre adolescentes ou a desconexão dos conteúdos com o público discente. O professor poderá então se frustrar ao se dar conta de que o método preconizado pelas dicas não funciona em sua sala.

4.3.2 <u>Incitar a produtividade com atividades</u>

As disciplinas impõem atividades e ensinam a como fazê-las para tornar todo o tempo útil.

1.5 **Inicie** a aula sem demora.
1.6 **Comece** a aula sem rodeios, sem conversas que não sejam relacionadas ao objetivo estipulado.

Os enunciados definem um modo integralmente útil de consumo do tempo de trabalho. Com base nisso, eles prescrevem ao professor a agilidade desejável para fazer de todo o tempo com a turma um tempo produtivo. Assim, o profissional terá de vigiar a própria conduta de modo a evitar digressões ou interrupções.

A aula é outro elemento sobre o qual os enunciados devem tratar para promover o disciplinamento. Isso porque, dependendo do modo como é ministrada, ela pode tanto causar a confusão e a indisciplina quanto promover o silêncio e apaziguar os ânimos.

1.7 **Seja** breve e objetivo nas explicações.
1.8 **Explique** de maneira clara e objetiva o que os alunos devem fazer.
1.9 **Explique** as atividades com clareza.
2.0 **Explique** a tarefa com clareza.
2.1 **Ensine** como fazer.

Os enunciados solicitam ao professor tornar didáticos os objetos de seu trabalho: as explicações, as atividades, as tarefas, a dinâmica das aulas, as avaliações. O profissional deverá então exercer um controle sobre suas próprias palavras de modo que não fujam ao repertório linguístico dos alunos. Quando o professor se faz compreender, elimina os comportamentos indesejáveis que poderiam decorrer de explicações inacessíveis. Por outro lado, o aluno poderá experimentar a falsa sensação de haver compreendido tudo sobre o tema, o que diminuirá a possibilidade de repensar e aprofundar o tema tratado.

Manter o aluno ocupado todo o tempo sem deixá-lo perder o máximo de produtividade é uma tarefa que pertence à responsabilidade do professor. Sem o mestre, o aluno não saberia

como preencher seu tempo para garantir o aperfeiçoamento individual nem o silêncio coletivo.

2.2 **Planeje** atividades de modo que não haja pausas desnecessárias. 2.3 **Planeje** atividades que possam ser desenvolvidas de forma individual, para que os alunos que terminam suas tarefas mais cedo que os outros não fiquem inativos Os comandos em defesa da produtividade discente se promovem na medida em que desqualificam as “pausas” e a “inatividade” mediante os usos respectivos de “desnecessárias” e a carga iminentemente negativa em “inatividade”. Desse modo, o professor terá de tomar todo o tempo do aluno com atividades. No entanto, a prioridade de um bom planejamento deve ser o objetivo educativo, a compreensão do tema, e não a realização mecânica e ininterrupta de tarefas.
2.4 **Faça**-os produzir. 2.5 **Diversifique** as atividades. As palavras “fazer” e “diversificar” promovem o comando, com base nas respectivas premissas (i) de que a utilidade do tempo é medida objetivamente pela feitura das coisas e (ii) quanto maior o número de atividades, maior a utilidade do tempo.

A posição do corpo significa por si só.

2.6 **Evite** virar de costas para escrever no quadro 2.7 **Caminhe** pela sala, evitando que os alunos levantem Os enunciados solicitam ao corpo docente assumir posições que incitam os alunos às disciplinas: em 2.6, não de costas, mas de frente, olhando para todos, para fazer os alunos sentirem o efeito de estarem sendo vigiados; e em 2.7, em movimento, isto é, em caminhada, de modo a aumentar o domínio que o profissional deve ter sobre cada parte do território da sala de aula. O corpo docente deverá tomar consciência dos efeitos de poder de que seu perfil e suas costas são capazes de incitar. Contudo, o sentido do corpo poderá

variar conforme o grau de adesão dos alunos com relação às tarefas. Por exemplo, se os alunos estão envolvidos com uma tarefa empolgante, as costas do professor não representarão necessariamente a possibilidade de os alunos deixarem essa tarefa de lado. Também podemos dizer que a caminhada não evita necessariamente que os alunos se levantem, se pensamos em estudantes ansiosos por tirar dúvidas.

Chamar a atenção é uma atividade que deve ser realizada com técnica.

2.8 **Fale** apenas quando houver silêncio. Apenas **espere**. Disciplina-se indicando em "Apenas espere" a simplicidade do comando necessário para o professor obter a circunstância silenciosa, condição essa que seria ideal para falar. O professor deverá refrear em si mesmo qualquer vontade de pedir por silêncio ou falar durante o "falatório". Contudo, aguardar que trinta ou mais jovens cooperem para o silêncio exigirá bastante paciência.
2.9 Ao **levantar** sua mão, peça a eles que façam o mesmo. **Espere** 5 segundos e abaixe o braço lentamente. A simplicidade na execução da técnica deve ser motivo para sua aceitação. Ela só conta com o movimento de mão e toma apenas cinco segundos do trabalho docente. Difícil acreditar que esse tempo será o mesmo nas diferentes turmas que o professor dá aula.

4.3.3 <u>Separar os momentos do trabalho</u>

As disciplinas são concebidas como processos que dividem a duração em segmentos sucessivos ou paralelos.

3.0 **Separe** uma hora no primeiro dia de aula para explicá-las [as regras], utilizando exemplos do que deve ou não ser feito.

O enunciado é um exemplo de didática. Ele não só solicita o meio – separar uma hora - para alcançar o fim – explicar a regra -, mas também diz como proceder: utilizando exemplos de regras. O professor terá de se adaptar a esquadrinhar o tempo de trabalho do primeiro dia de aula de modo a separar uma hora para explicar as regras e exemplificá-las antes de passar ao ensino de conteúdos. No entanto, se problemas acontecerem durante a explicação dos conteúdos, nada deverá impedir de o professor refletir sobre o ocorrido e mostrar a necessidade de se fazer respeitar a regra.

As disciplinas podem também ser concebidas como aparelhos que dividem a atividade em segmentos sucessivos.

3.1 Ao **levantar** sua mão, **peça** a eles que façam o mesmo
3.2 **Espere** 5 segundos e **abaixe** o braço lentamente
3.3 Antes de começar, **observe** sua sala - mapeamento, espelho, organização e limpeza.

Os enunciados dividem o disciplinamento em segmentos: as vírgulas precedidas de imperativos e a conjunção "e" representam essa divisão. A atividade é minuciosamente descrita para que o professor não deixe de cumprir com seus passos e corra o risco de não obter os efeitos de ordem. De nada, entretanto, adiantarão essas estratégias para o controle do comportamento se o motivo que leva a turma a não prestar atenção às explicações são de outra natureza, como briga entre colegas, uma novidade na escola, etc.

4.3.4 Promover o aperfeiçoamento individual

As disciplinas buscam extrair a máxima quantidade de forças de cada um e combiná-las de modo que a turma obtenha uma aprendizagem excelente.

3.4 **Não deixe** que sua aula se transforme num diálogo de duas pessoas, enquanto, nesse meio tempo, os outros alunos, sem nada para fazer, se dispersem com outros assuntos.

O professor é solicitado a concentrar a atenção dos que estão envolvidos com assuntos paralelos com a atenção daqueles interessados pela aula, de modo a garantir que cada integrante da turma terá condições para assimilar os conteúdos. Isso implica, dentre outras coisas, em utilizar discursos atraentes, sustentar um perfil dinâmico. Talvez seja preciso aceitar, com base na experiência, que os interesses dos alunos são diferentes e, por isso, alguns se dispersam. Tal concepção colocará o profissional em uma postura mais confortável.

As disciplinas organizam as táticas para combinar forças.

3.5 **Planeje** atividades que possam ser desenvolvidas de forma individual, para que os alunos que terminam suas tarefas mais cedo que os outros não fiquem inativos

O professor é solicitado a utilizar a tática que consiste em combinar atividades extras com atividades elementares de modo que o ócio de uns não prejudique a aprendizagem dos outros. Para organizar essas táticas, o mestre deverá se acostumar a planejar atividades adicionais de modo a aperfeiçoar incansavelmente seus alunos, combinando os exercícios para todos com os exercícios para alguns.

4.3.5 Garantir a ordem

As “regras” permitem uniformizar os indivíduos e fazer valer um recurso penal para aqueles que as transgredirem. Mas todo cuidado com o seu manejo é pouco: elas só obrigam contundentemente a obedecer se impostas antes de qualquer contato mais duradouro entre o professor e os alunos. Devem, portanto, preceder, no regime disciplinar, as relações pessoais em sala de aula.

3.6 **Estabeleça** as regras desde o primeiro dia de aula

3.7 **Fale** sobre as regras no primeiro dia de aula

Os enunciados delineiam a atividade de disciplinamento, orientando-se através de duas partes complementares: o imperativo que apresenta a conduta e o marcador temporal que a situa. O imperativo “estabeleça” impõe ao professor assumir uma postura autoritária diante dos alunos, e o verbo “Fale” corrobora essa ideia ao não projetar o sintagma “com os alunos” – Fale com os alunos sobre as regras -; já os marcadores de tempo, "desde o primeiro dia" e "no primeiro dia de aula", situam o momento mais adequado para o estabelecimento dessas regras. Caberá então ao professor combinar a postura autoritária com o momento mais propício para se estabelecer as regras, caso deseje uniformizar o comportamento dos alunos.
3.8 **Separe** uma hora no primeiro dia de aula para explicá-las [as regras], utilizando exemplos do que deve ou não ser feito. Há no enunciado a preocupação de que a orientação seja dada ao docente da maneira a mais completa possível. O imperativo o solicita a agir - separar uma hora -, o marcador temporal impõe o momento adequado - uma hora do primeiro dia -, a oração reduzida de infinitivo estipula o objetivo - para explicar as regras, e, por fim, a oração reduzida de gerúndio, ensina a como fazer – dando exemplos. Será tarefa do professor articular esses conhecimentos para colocá-los em prática.

Para que as regras da escola não percam o efeito sobre os alunos, cada professor deve independentemente de crenças pessoais aderir às regras escolhidas pela comunidade escolar. Trata-se de se submeter aos desígnios do grupo.

3.9. **Assuma** as regras da escola "Assuma" leva o professor a agir sobre a própria postura como forçando-se a aceitar e fazer valer as regras da escola.
4.0 **Assuma** as regras da sua instituição de ensino, juntamente com toda a equipe. O enunciado faz o professor se lembrar de que pertence a um grupo como para levá-lo a obedecer às regras da escola assim como todos os outros o fazem. O enunciado produz o

conformismo, isto é, incita o professor a adotar uma espécie de atitude passiva que consiste em alinhar seu comportamento ao de todos os outros profissionais.
4.1 **Dite** as regras do jogo Ditar é certamente o modo mais autoritário de se recomendar ao professor estabelecer regras. O verbo não só conduz a atividade do professor, mas também lhe diz para se relacionar hierarquicamente com os alunos, impor-lhes as regras, não ouvi-los. Além disso, o enunciado leva o profissional a compreender seu trabalho em sala como uma espécie de atividade desprovida de sua dimensão ética, isto é, tal como a atividade de um jogo em que dois ou mais disputam pela "liderança". Caberia ao profissional incorporar essa espécie de etos autoritário.

Dizer o necessário com o bastante é o princípio da prudência no discurso, desejável aos que governam.

4.2 **Decida** as regras mais importantes 4.3 **Não defina** mais que cinco regras Os enunciados determinam que o trabalho do professor deve se orientar pelo princípio da economia: há, em tese, um conjunto vasto de regras disciplinares; mas, de todas elas, apenas as mais importantes e somente aquelas que não ultrapassam uma combinação de cinco unidades, se constituem efetivamente como medida disciplinar. Ao estabelecer regras, o professor deverá controlar seu discurso de modo a não se exceder ou deixar de normalizar sobre o que é verdadeiramente importante.

Para fazer os governados se lembrarem de como agir, considera-se necessário dar visibilidade às regras que mantêm a ordem.

4.4 **Deixe** as regras visíveis

4.5 **Crie** uma folha com as regras e pendure-as no mural da sala

O professor é orientado a fazer da sala um espaço útil na medida em que esse lugar deve mostrar os enunciados que são responsáveis por prescrever a conduta ideal. Cabe ao profissional dar visibilidade às regras para então capturar os olhares discentes e obrigá-los a obedecer.

Fazer o governado conhecer o que pode condená-lo permite ao governante responsabilizá-lo.

4.6 **Garanta** que os alunos conheçam as regras perfeitamente

4.7 **Peça** que os alunos se comprometam com as regras

Os enunciados orientam o professor a instruir seus alunos e a fazer com que eles se tornem responsáveis pelo cumprimento das regras. O professor irá produzir assim a obediência pelo saber, ao mesmo tempo em que tornará ameaçadora a possibilidade de os alunos desobedecerem a uma regra "legitimamente" instituída. O profissional terá, portanto, de fazer seus alunos conhecerem e se comprometerem.

Induzir ao medo para assegurar a ordem é procedimento do regime disciplinar

4.8 **Defina** consequências para os alunos que quebrarem as regras

Decidimos colocar esse enunciado ao final de uma série de dizeres que se formulam por ocasião do objeto discursivo *regras*, pois acreditamos que ele encerre os procedimentos de uma política disciplinar que induz a agir por regras. Recapitulando nossas análises neste grupo temático; os enunciados solicitam respectivamente ao professor manejar adequadamente as regras, decidir pelas mais produtivas, torná-las visíveis, inculcá-las nos alunos e, finalmente, definir as punições para aqueles que as desrespeitarem. Em suma, esse último enunciado da série tem a função de levar o professor a reduzir desvios, a educar seus

alunos pelo medo, a obter-lhes o bom comportamento pela ameaça da privação de um bem.

Enfim, delimitar o certo e o errado normativamente, transformando-os em regras, sem solicitar a participação dos alunos na formulação delas é uma prática disciplinar que não ensina os estudantes a obedecerem com a consciência de seus atos. Na verdade, ensina apenas a respeitar a autoridade que decidiu formular as normas ou ainda a nutrir o medo advindo das consequências para os que desrespeitam as regras.

.

5 **DESOBEDIÊNCIA**

Partimos do princípio de que é justo desobedecer ao disciplinamento na medida em que esse regime é reconhecido como autoritário e verbalista. Nesse caso, a desobediência é um ato de liberdade praticado pelo sujeito que se dá conta de que não pode ou não deve continuar obedecendo às normas vigentes.

5.1 **Desobediência docente**

Os textos de dicas repartem o disciplinamento em múltiplas estratégias a respeito de como (i) organizar a sala, (ii) realizar atividades, (iii) fazer uso do tempo, (iv) compor forças e (v) prescrever regras. Esse disciplinamento incide predominantemente sobre enunciados com marcas de imperativo, que incitam professores a obedecerem. A obediência é um dos efeitos que se produzem a partir da interlocução entre o enunciador de dicas e o professor-leitor.

O segredo da obediência docente poderia estar numa inércia passiva, conforme podemos observar no enunciado “Assuma as regras da instituição, juntamente com toda a equipe”. Em vez de os professores questionarem os motivos que os levam a adotar determinadas práticas, preferem aceitar comodamente uma série de estratégias disciplinares que lhes foram dadas pela tradição. Nesse sentido, a obediência docente ao enfileiramento de carteiras, o controle sobre a explicação, a organização sequencial do tempo, a composição do silêncio e da produtividade na turma e a prescrição de regras poderiam ser pensadas como produto do hábito de profissionais, dos costumes escolares, delegados ao longo do tempo. O professor obedece, assim, a todas essas dicas em função de uma tradição recuperada pelos enunciados.

Poderíamos falar também do conformismo se encontrássemos no professor a vontade de colocar em prática as estratégias disciplinares para experimentar o conforto de pertencer ao grupo dos professores. É como se a autoridade fosse requisito prototípico para caracterizar o que viria a ser um professor, e o profissional precisasse conquistá-la, impondo aos alunos o lugar onde devessem se sentar, as regras a que devessem obedecer, as atividades que devessem realizar. Todas essas práticas autoritárias contribuiriam para definir o pertencimento

do professor ao grupo; contribuiriam, portanto, para evitar “o medo súbito de se sentir (...) só, isolado, excluído" (GROS, 2018, p. 97). Nesse sentido, o professor obedeceria às dicas para definir nitidamente os contornos de sua identidade.

No entanto, uma análise acerca dos absurdos que o regime disciplinar produz sobre a relação pedagógica não nos permite continuar pensando as causas que justificariam a obediência docente a ele. Na verdade, obedecer às “disciplinas” é o problema. A seguir, listamos críticas ao regime disciplinar de modo a incitar os colegas professores a desobedecerem.

(i) A organização em fileiras

Há um mal na coincidência que se construiu ao longo do tempo entre a disposição repetitiva dos alunos em fileiras com o modelo exemplar de organização da sala.

Primeiro, essa estrutura submete os olhares discentes a um regime unidirecional. Qualquer outro percurso da atenção é classificado como negligência. Os alunos ficam obrigados a concentrar suas atenções somente no professor. Eles ficam, portanto, impedidos de se comunicarem com outros. O resultado é a compreensão de que o professor é a única fonte legítima de aprendizagem.

Segundo, porque os mecanismos de mapeamento e remapeamento, característicos do enfileiramento, transformam os indivíduos em peças móveis, deslocam-nos sobre o jogo de carteiras e, com isso, desfazem os laços de grupo, tão necessários para a construção do conhecimento. A compreensão que o enfileiramento deixa é a de que a turma não passa de uma soma de individualidades frágeis e organizadas em função do que falta aprender do professor.

(ii) A atividade de explicar

As explicações em que só o professor fala silenciam o pensamento dos alunos. Na performance explicativa, o mestre determina os objetos de estudo sem uma consulta prévia aos interesses dos alunos; ele se interpõe entre o objeto e os alunos, como uma espécie de

tradutor, impedindo que os estudantes pensem o objeto. Desse modo, as explicações monologais suscitam muito mais a memorização e a repetição do que o raciocínio autônomo.

Para manter os alunos sob o controle dessas explicações, é preciso construir a cena do espetáculo. O professor então se utiliza de vocabulário científico, mobiliza quadros teóricos conceituados, justifica a relevância do tema de que trata, mostra-se didático. Tudo isso para transformar os alunos em espectadores, conduzi-los à passividade de quem assiste a uma cena (RANCIÈRE, 2012), aprofundando sua dependência intelectual ao raciocínio do professor.

(iii) A gênese dos comandos

Em “Antes de começar, observe sua sala – mapeamento, espelho, organização e limpeza” e “Ao levantar a mão, peça a eles que façam o mesmo”, por exemplo, os enunciados organizam a atividade disciplinar, fazendo corresponder para cada segmento temporal, representado pela divisão de orações, um comando, explicitado nos imperativos.

Esse controle acirrado das partes que compõem uma mesma atividade tornam o trabalho docente mecânico, já que sempre antes de começar a aula o professor teria de observar a organização da sala, ou antes de falar, levantar a mão e aguardar que os alunos fizessem o mesmo. O tédio decorreria das atividades parceladas.

Observar sempre a organização do espaço como condição para iniciar a aula ou ainda pedir silêncio, cumprindo primeiro com a atividade da mão e depois passando pelo exercício reflexo dos alunos levam o professor a se extender com atividades de desprazer.

(iv) A composição do silêncio e da produtividade

Os enunciados “ Não deixe que sua aula se transforme num diálogo de duas pessoas, enquanto, nesse meio tempo, os outros alunos, sem nada para fazer, se dispersem com outros assuntos” e “Planeje atividades que possam ser desenvolvidas de forma individual, para que os alunos que terminam suas tarefas mais cedo que os outros não fiquem inativos” ajudam a

produzir a estafa no professor de modo a usá-lo para aperfeiçoar a cada integrante e, então, compor uma turma produtiva.

Com efeito, para compor o silêncio, o profissional tem de ficar alerta durante todo o tempo em que explica. Olhando para todos os lados, ele identifica os estudantes distraídos, interrompe seu fluxo de raciocínio e chama à atenção esses alunos. O professor não pode se concentrar apenas no assunto de que trata.

Para compor a produtividade da turma, a tarefa também não é fácil. O professor deverá tomar mais do tempo de seu planejamento, avaliando e selecionando atividades adequadas. Em aula, precisará ficar atento aos alunos que terminaram mais cedo do que o previsto a primeira atividade para então lhes dar a segunda. Provavelmente terá de explicar o motivo que o leva a aplicar mais tarefas a esses alunos do que aos demais. Além disso, deverá lidar com o "corpo-mole" que alguns farão só para não concluírem o primeiro exercício a tempo de receberem o próximo. Em nome da ocupação do tempo, o enunciado aumenta o nível de trabalho tanto para o aluno quanto para o professor.

Em suma, os enunciados levam o professor a crer na possibilidade de obter esquemas de silêncio e produtividade, incitando-o a trabalhar cada vez mais; quando, na verdade, essa produtividade não se traduz necessariamente em aprendizagem significativa para o aluno.

(v) Regras

O professor que estabelece autoritariamente regras de convivência para os alunos subtrai a possibilidade de esses discentes tomarem consciência dos problemas que os atingem.

Ao ditar regras, o professor apresenta seus enunciados somente em sua normatividade. Deixa os alunos sem compreenderem os reais motivos que levam a reprovar determinadas condutas. Enfim, o autoritarismo faz parecer que, por trás de cada regra, imperaria os caprichos e as vontades do professor.

Em meio a essa prescrição autoritária de regras, produz-se a docilização do aluno: comportamentos que se esforçam para agradar e adotar trejeitos amáveis para com o professor, como respeitar a todas suas regras, denunciar os colegas que as desrespeitam,

colaborar para com as medidas de disciplina (pedir silêncio à turma no lugar do professor, oferecer-se para ser o monitor da turma, etc.).

A postura docilizada, desalienada de sua situação e obediente aos desígnios do professor, impede de os alunos se autodeterminarem e resolverem por eles próprios os problemas de convivência. Em suma, o autoritarismo contido nas regras apenas aprofunda a obediência.

Por fim, acrescentemos que as regras não devem ser estabelecidas necessariamente no primeiro dia de aula, pois prescrevê-las antes de os problemas de convivência ocorrerem só destaca seu caráter normativo. Ao contrário, se essas regras se formulam após os problemas, os envolvidos terão muito mais sensibilidade para compreender sua razão de estar ali e, então, respeitá-las.

Gros (2018) diz que o conformismo pode dar lugar a duas formas de resistência: a ironia cética e a provocação cínica. O professor cético não está convencido de que enfileirar, explicar autonomamente, cumprir com procedimentos engessados de disciplina, fazer da turma todo um espaço de silêncio e “produtividade” ou estabelecer autoritariamente regras são as melhores maneiras de fazer educação. Pelo contrário, o docente cético reconhece, através de sua experiência como aluno, que o disciplinamento só inculca a obediência aos processos e hierarquias escolares. Apesar disso, ele não critica, nem contraria publicamente esse regime. Na verdade, ele utiliza técnicas disciplinares, pois sabe que não tem o apoio da coordenação, nem de colegas que consideram desobedecer como sinônimo de comprometer a qualidade da educação.

Sendo assim, o professor se investe de práticas disciplinares, mas mantém o exercício de seu juízo crítico. Com efeito, questiona em si a vontade de controlar o comportamento dos alunos, enfileirando-os, mantendo-os ocupados com atividades mecânicas; critica inclusive a própria paz que experimenta em meio ao silêncio imposto pelas regras. Toda essa ironia, observada na dissociação entre a prática do profissional e seu pensamento, mostra que, para se completar a desobediência, fica faltando a manifestação pública de suas críticas e a "resolução de desobedecer em ato a tudo o que [seu] pensamento desaprova." (GROS, 2018, p. 101).

Na provocação cínica – cinismo como a “sabedoria da provocação, que tem como alvo privilegiado os costumes, as convenções e o conformismo generalizado” (GROS, 2018, p. 101). –, já se desfaz a dissociação entre a prática disciplinada e o pensamento divergente do

professor. Isso permite ao docente atacar de modo mais frontal e violento os costumes disciplinares.

Com efeito, o professor diz aos alunos, acostumados ao disciplinamento, que não precisam se sentar em fileiras, ao contrário do que outros professores costumam pedir, pois o que muitos desses profissionais não sabem é que o diálogo entre alunos, assim como o silêncio, é também uma forma de aprendizagem válida.

Ou ainda o professor propõe trabalhos em grupo em substituição às atividades individuais. A própria natureza inovadora e coletiva da atividade, em sua dimensão colaborativa, alterará a organização das carteiras. O enfileiramento terá seus limites revelados; os alunos perceberão o incômodo que é olhar e ouvir as ideias dos colegas, ou o quão custoso pode ser compartilhar planos e esquemas de ação se não estão em círculos, se não estão voltados uns para os outros. Dessa experiência incômoda de trabalho, propositalmente elaborada pelo professor, poderão surgir pedidos ao professor para reorganizarem os assentos, porque chegaram à conclusão de que o enfileiramento já não lhes serve.

A vantagem desse procedimento pedagógico, preocupado em dispor os alunos em grupos, diz respeito a que a avaliação não recairá sobre as capacidades individuais de cognição, mas sobre a organização dos grupos, suas escolhas envolvidas na distribuição de tarefas, no estabelecimento de objetivos, no modo de apresentação do trabalho. Assim, os coeficientes cognitivos, que ensejavam competições entre alunos, dão lugar a avaliações globais, que recaem sobre um modo de agir no coletivo.

Em seguida, em vez de o professor cumprir com a função que lhe disseram própria, qual seja, a de elaborar explicações claras, que mais incitam o aluno a assumir uma postura de contemplação; ele oferece comentários truncados. Nesse caso, decide substituir essas explicações que tornam tudo preciso e inteligível pelos enunciados truncados, que provocam a perplexidade. Decide também abusar das perguntas, que exigem dos alunos se envolverem em atividades de busca para respondê-las.

O professor realiza essas operações, desobedecendo a prescrição de “mestre do saber”, porque concebe o aluno como ser de ação, indivíduo capaz de utilizar seus conhecimentos prévios e estratégias para recorrer a fontes de informação, aprender mais com elas e transformar o conhecimento.

É com base nisso que o professor substitui a presença de seu discurso, de suas análises “mastigadas” sobre os objetos e fenômenos pela presença desses objetos e fenômenos. A observação direta desses reativa a força e a energia própria a cada aluno, antes transferida para o professor. Quando os objetos e fenômenos são observados diretamente pelos alunos, esses e o professor podem discutir os sentidos para aquilo de que agora nenhum deles é proprietário ou dono da razão. (RANCIÈRE, 2012)

Tampouco o docente prescreve aos alunos realizarem as atividades das apostilas. Antes ele os incita a se revoltarem contra os exercícios repetitivos, mecânicos e desconectados da realidade. Isso porque a atividade pedagógica exemplar não é realizar o que a autoridade docente lhes manda fazer, mas buscar pelo conhecimento que atende a interesses e resolve problemas e demandas dos alunos.

Por outro lado, desobedecer a etapas sequencializadas que compõem uma atividade de disciplinamento é legítimo se o profissional deseja se desobrigar de processos que tornam seu trabalho ritualizado e consequentemente repetitivo e sobrecarregado.

Em “Antes de começar, observe a sala – mapeamento, organização”, o professor não deve, ao contrário do que o enunciado sugere, necessariamente organizar a sala antes de começar a dar aula. Isso porque o comportamento dos alunos pode não estar vinculado à organização do espaço.

Em face dessa ideia, o professor não cumprirá com os protocolos do enunciado, mas aguardará que os problemas surjam. Nesse caso, ele iniciará a aula antes de organizar os alunos e aguardará que conversas paralelas se iniciem. Posteriormente, avaliará se o espaço tem influência no falatório para então decidir organizar ou não os alunos. Observa-se que a desobediência opera sobre a inversão dos comandos explicitados no enunciado.

A vantagem dessa nova proposta que ordena as condutas é a de permitir não só que os alunos entendam os reais motivos que levam o professor a organizar a sala, mas também retirar o profissional da expectativa de que poderia impedir todos os tipos de problemas simplesmente organizando a sala.

Por sua vez, o professor não busca compor silêncio, chamando a atenção dos que se distraem da aula em meio a conversas paralelas. Sabendo que os interesses são diversos e uma mesmo tema pode ser abordado de diferentes maneiras, ele vai até os alunos que conversam e

sugere ativar conhecimentos prévios sobre o tema em estudo. Desse modo, a sala se transforma num turbilhão de conversas.

Em seguida, as duplas e trios que participaram da conversa sobre o tema pedagógico apresentam o percurso do diálogo e mostram a toda a turma as conclusões a que chegaram. Assim, ouvem comentários outros que podem contribuir para aprender mais sobre o assunto.

Tampouco o professor busca compor a produtividade progressiva, delegando atividades extras aos alunos que concluíram as primeiras antes dos demais. Ele não está preocupado em formar “sabichões”, mas fazer com que cada aluno descubra o conhecimento que lhe vai ser significativo. Dessa maneira, o professor solicita ao aluno que concluiu sua tarefa se sentar ao lado do colega que está tendo dificuldade para então ajudá-lo, explicando à sua maneira. Durante esse exercício, o aluno que concluiu sua atividade terá também a oportunidade de se colocar como detentor do saber.

Por último, o professor não antevê solitariamente problemas de indisciplina para formular as regras. Ele aguarda que os conflitos aconteçam para que os alunos tomem consciência por si mesmos de sua situação social. Ouve os comentários sobre o ocorrido, identifica os anseios do grupo e levanta propostas para resolver os problemas. Sugere aos alunos votarem regras, diz que não pode presidir a reunião, pois não é quem melhor conhece as relações do grupo; delega, portanto, a função de conduzir a assembleia aos próprios alunos, aguarda que um representante se manifeste.

Enfim, a desmistificação do enfileiramento como requisito para a organização e a aprendizagem; a apresentação de explicações truncadas que mais revoltam que embalam; a denúncia à impertinência dos materiais didáticos e a abdicação do poder de decidir as regras, para fazer os alunos participarem da vida política, afrontam o modelo disciplinar de educação.

De acordo com Gros (2018), as críticas não tomam a forma de uma contestação teórica, demonstração formal ou discursos explicativos, mas assumem a maneira de uma recusa a qualquer técnica disciplinar, a mais mínima dica que busque dar mais importância ao silenciamento e à organização dos alunos que o desenvolvimento das aprendizagens significativas ou a tomada de consciência política. A provocação cínica é recusar a equação conformista das dicas, a grande mentira que defende o disciplinamento como a única condição para ensinar e aprender.

Para o provocador cínico, as dicas de disciplina reificam os processos de ensino e aprendizagem. Elas levam os professores a se conformarem a perfis autoritários, a usufruírem do poder de decidir as regras, estabelecer os conteúdos, prescrever as atividades, organizar o espaço, falar unidirecionalmente. Em contrapartida, incitam também a produção de alunos obedientes a esses professores. As dicas de disciplina são responsáveis por tornar todo o processo pedagógico previsível e monótono.

Entretanto, o professor que não se conforma aos papéis hierárquicos, instituídos pelo disciplinamento; burla as formas de comunicação com os alunos, já não falando para eles, mas com eles, ouvindo suas demandas, analisando seus conhecimentos prévios, propondo métodos de construção do conhecimento, testando sua validade. Esse professor quer alcançar maneiras de ensinar a partir do contato vívido, único e elementar com os alunos. Quer, na privação extrema de qualquer anteposição à experiência, descobrir o fundamento vibrante do trabalho no magistério.

Em suma, o professor que é provocador cínico desobedece aos processos disciplinares porque identifica em si mesmo a vontade de se desfazer de papéis hierárquicos, de questionar a legitimidade de sua autoridade, criticar o tanto de ordem e silêncio que julga precisar para ensinar. Todo esse trabalho sobre si mesmo significa a recusa das dicas que inviabilizam a promoção da autonomia.

5.2 **Desobediência discente**

Há uma relação de submissão intelectual que se encontra na concretude das relações entre o professor e os alunos. Para muitos, as diferenças enciclopédicas seriam suficientes para justificar as hierarquias entre os protagonistas da sala. Dessa forma, ao professor, portador da ciência e do conhecimento, caberia exercer a atividade intelectual, elaborando explicações, determinando os modos de dizibilidade, selecionando os objetos de conhecimento e definindo objetivos de aprendizagem. Ao aluno, por sua vez, espécie de ser desprovido de qualidades intelectuais, lhe caberia não só ouvir atentamente a tudo o que seu professor soubesse, mas também respeitar veemente as regras que decidisse e cumprir com as atividades que prescrevesse. Obedecer, então, seria conformar-se docemente a essa ordem que põe cada um em seu lugar.” (GROS, 2018, p. 68).

Mas, se essa hierarquia é admitida na organização escolar, ela requer dos subordinados o reconhecimento da existência e da objetividade da superioridade do mestre. Afinal, a forma de poder de que ele se reveste, denominada de autoridade – "que se impõe sem coação, nem violência" (GROS, 2018, p. 67) – é sustentada pelo aluno transbordante de admiração, que identifica no professor três qualidades:

> A competência (obedecemos a ele porque tem a ciência, o conhecimento), a virtude (obedecemos a ele porque conhecemos sua integridade moral) e a solicitude (obedecemos a ele por seu cuidado pelos outros) (GROS, 2018, p. 69).

Com efeito, o aluno alinha sua carteira à fileira no mesmo momento em que o professor estabelece a ordem, porque enxerga nesse modo de organização a expressão do conhecimento e da ciência do mestre acerca dos melhores métodos de aprendizagem. Quando ocorre o desrespeito às regras, os alunos comunicam o caso rapidamente ao professor, porque o docente resolve a situação com a virtude de seu temperamento equilibrado. Por último, os alunos realizam também dedicadamente as atividades prescritas pelo professor, independentemente de quais sejam, não só porque o mestre tem o cuidado de organizá-las segundo esquemas progressivos de dificuldade, mas porque é solícito para com as dúvidas.

Enfim, a obediência, em sua forma dócil, atenta e zelosa, é produzida pela certeza de que as ordens do professor são justas e necessárias, pois provém de uma fonte de competência, virtude e solicitude. Desse ponto de vista, a desobediência só pode ser vista como um ato louco, irracional, rebelde.

No entanto, quando o aluno percebe que seu professor abusa do poder de autoridade, enfileirando os alunos sem outro propósito senão para estabelecer o silêncio pelo silêncio; ou determinando normativamente o que é certo ou errado, sem uma análise aprofundada dos motivos que embasam seus julgamentos; ou ainda prescrevendo exercícios repetitivos com pouca relevância social; nesses casos, então, o direito de resistência e a desobediência à autoridade serão justificados.

O aluno abandona a adoração ao mestre para dar lugar a seu direito de resistir aos excessos do poder "autoridade". A resistência não assume propriamente uma forma violenta, nem a forma de discursos que explicam o que os alunos pensam. Na verdade, depois de dada a ordem de enfileiramento; no lugar de os alunos atenderem imediatamente ao comando, eles se colocam teatralmente vagarosos, arrastando as carteiras de modo a provocar o máximo de

ruído possível. Durante as dispersões da atenção, por exemplo, os alunos demoram a atender aos pedidos de silêncio, demorando-se nas conversas. Quando o profissional lhes entrega exercícios, afetam despojamento e fazem apenas meia dúzia deles como quem poupasse atividade mental.

Podemos falar, assim, de uma espécie de resistência que busca diminuir a autoridade do docente, atendendo sim ao comando, posto que o professor tem a seu lado a direção, mas executando a ordem o mais vagarosamente possível. A resistência, portanto, não assume propriamente a forma da desobediência, mas busca desfazer a prontidão com que se atendia ao professor, conduta essa tão característica da docilização. (GROS, 2018)

A insurreição é também outra forma de abalar as estruturas do poder autoridade. Nesse caso, os alunos não só resistem subjetivamente às ordens de seu professor, como também resistem objetivamente, caracterizando, portanto, a desobediência. A desobediência assume a forma de discursos explicativos que apontam as razões que levam os alunos a não atenderem aos comandos. Para explicitar os motivos que os levam a não se sentar em fileiras, os alunos enumeram as vantagens de aprender nas rodas de grupo, como ouvir pontos de vista distintos, aprender de modo mais descontraído. Para não ter de retirar o prazer de aprender, os alunos apontam os problemas dos exercícios desconectados da realidade e cheios de raciocínios repetidos. Para não se deixarem silenciar pelo professor, único personagem que discute os conflitos/brigas de sala, os alunos explicam que a suposta neutralidade do docente não faz justiça aos que sofreram discriminações, insultos, ofensas e, por isso, eles devem participar, aportando informações relevantes para o caso, fazendo justiça. Por fim, para participarem também da decisão das regras de convivência, os alunos apontam que o professor não é capaz de dar conta sozinho de todas as demandas que existem na sala. Há, pois, necessidades particulares que só podem ser ditas pelos próprios alunos como, por exemplo, sentar-se mais à frente do quadro para se concentrar melhor ou longe de fulano para não ter problemas. Cada um desses atos de desobediência justificada faz com que o professor se reposicione diante dos alunos, abdicando de posturas autoritárias para adotar condutas mais democráticas. É o exercício da autonomia discente, portanto, que faz diminuir o poder de autoridade do professor.

Desse modo, a desobediência que se pauta em explicações bem fundamentadas permite ao aluno exercer sua autonomia e ganhar maior destaque diante dos professores. Evita também que seu comportamento seja lido pelos profissionais como atos de atrevimento ou desrespeito infundado às regras. (GROS, 2018). Mostrando-se racional e consciente do tipo

de ensino que deseja para si, o aluno aumentará as possibilidades de desestabilizar o funcionamento disciplinar e construir, então, uma Educação mais democrática e adaptada às suas necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa debruçou-se sobre textos de dicas, publicados em *blogs* pedagógicos, com o propósito de verificar inicialmente como os alunos eram disciplinados. Esse mesmo propósito foi o que permitiu reunir os textos e formar nosso córpus de pesquisa.

Depois de verificar os métodos que pretendiam fazer cessar a falação e impor a ordem aos estudantes, percebemos que a figura do professor tinha importância nesse processo. Como os textos faziam do docente o responsável por disciplinar os alunos, ele também tinha de aperfeiçoar sua prática com métodos disciplinares. Desse modo, buscamos compreender também como os enunciados disciplinavam o professor à medida em que este recebia instruções sobre como disciplinar alunos. Atender a esse duplo propósito da pesquisa, isto é, saber como alunos e professores eram disciplinados, permitiu não só problematizar os métodos que constituíam o disciplinamento para o aluno, como o enfileiramento e a prescrição de regras, mas também aspectos que constituíam a proposta de trabalho para o professor, tais como o autoritarismo docente, a prescrição de atividades desconectadas da realidade do aluno, o enfileiramento como organização mecânica.

Antes de responder propriamente à primeira questão proposta, julgamos relevante iniciar a investigação compreendendo a complexidade do problema responsável pelo disciplinamento discente: a indisciplina. Isso permitiu mostrar os subsídios deixados pelos paradigmas das ciências naturais na formulação dos problemas de indisciplina.

Também consideramos importante reconstituir o contexto sócio-histórico-linguageiro do qual as dicas participavam. Essa reconstituição permitiu compreender de que modo essas dicas emergiam no cenário nacional.

Na sequência, elaboramos um capítulo no qual explicitamos os aspectos que Foucault (2014) identificou como característicos das “disciplinas”. Nosso objetivo era mostrar o que designávamos por esse conceito, mostrando como funcionavam materialmente na instituição escolar. Assim, afastamo-nos de concepções psicologizantes e moralistas que insistiam em estudar a (in)disciplina em termos de comportamento ou defender que o disciplinamento era irremediavelmente necessário para a manutenção da organização escolar.

No capítulo dedicado a explicitar a visão de linguagem, que embasava a análise do material, o leitor teve a oportunidade de verificar o posicionamento da pesquisa no campo de

estudos da linguagem. Descartávamos abordagens imanentes, estruturalistas e formais para o estudo das dicas e nos orientávamos por perspectivas discursiva e materialista. O capítulo permitia verificar que concebíamos a linguagem enquanto atividade de comunicação mediada por interlocutores organizados socialmente (BAKHTIN, 2018).

Na primeira seção do capítulo de análises, objetivamos compreender como as dicas pretendiam disciplinar os alunos a partir de enunciados que continham o sintagma *o(s) aluno(s)* seguido por verbo(s) que sugeria(m) movimento, ação, orientação da conduta.

A escolha por realizar essas análises a partir desses enunciados mostra que os concebemos como "métodos de coerção", de que falava Foucault (2014, p.135) no capítulo "disciplinas" de seu livro *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*.

Com base nas análises, organizadas por eixos de atuação das disciplinas, tal como Foucault (2014) defendia, obtivemos os seguintes resultados:

(i): As "disciplinas" atuam sobre o corpo discente, mantendo-o em espaços organizados, com carteiras enfileiradas e filas de carteiras espaçadas entre si. Os alunos têm de se conformar com os lugares que lhes são prescritos;

(ii): O exercício que é prescrito, seja qual seja, serve para ocupar o tempo do aluno, transformando todo seu tempo em tempo útil.

(iii): As estratégias disciplinares se adaptam ao nível de aprendizagem dos alunos, resultado do trabalho de organização das gêneses. Espera-se que os alunos reajam adequadamente aos comandos disciplinares de acordo com seu nível de aprendizado. Com efeito, para obter o silêncio, espera-se que os alunos mais velhos reajam ao pedido de silêncio levantando os braços; enquanto os mais novos batam palmas;

(iv): O disciplinamento dispõe cada aluno num lugar estratégico da sala de modo a desfazer conversas inoportunas. Mas isso não é suficiente. Ele estabelece um sistema preciso de controle da voz de modo a orientar a conduta de cada aluno e, ao mesmo tempo, de todos eles. Assim, o aluno não se torna mau elemento para os demais.

(v): O sistema disciplinar prescreve regras e impõe aos alunos de modo a orientá-los a se comportar conforme desejado. Além disso, pune tudo o que não foi estabelecido por ele. O aluno tem então de aprender todas essas regras para não ser punido;

Esta primeira seção do capítulo foi muito importante, pois a análise dos enunciados mostrou que o professor era fundamental para disciplinar alunos, devendo ser trabalhado e aperfeiçoado pelos métodos disciplinares.

Antes de respondermos como os professores eram disciplinados pelas dicas, consideramos que elas estabeleciam interlocução com esses profissionais. Desse modo, buscamos constatar primeiro a presença do disciplinamento como princípio que comandava a organização do texto. Esse procedimento nos afastou da postura incômoda de não se discutir o pressuposto contido na pergunta da pesquisa. Pergunta: como as dicas disciplinam professores? E pressuposto: as dicas disciplinam efetivamente os professores?

Obtivemos ali que as disciplinas organizam a linguagem do texto, atuando através:

(i): dos títulos, dos espaços em branco e da numeração, que serviam para dispor as dicas pelo texto. Desse modo, as disciplinas atuavam pelo espaço;

(ii): dos verbos no imperativo e dos enunciados que serviam para dar os comandos sintéticos ao professor. Assim, as disciplinas impunham esse profissional à atividade;

(iii): da separação do tempo de formação em dois: período de mobilização e momento de instrução, para assegurar uma aprendizagem sólida. Na mobilização, costumava-se envolver o professor, justificando a necessidade de ele aprender a utilizar as técnicas de controle. Já, na instrução, descrevia-se como as técnicas disciplinares deviam ser empregadas. Para separar esses momentos, os textos topicalizavam enunciados, dispondo-os em caixa alta e em negrito. Observava-se então a organização das gêneses, isto é, a elaboração do percurso formativo;

(iv): das marcas de negação contidas em enunciados de caráter imperativo, como "Não humilhe o aluno", para advertir o profissional, fazendo supor que o interlocutor já houvesse humilhado ou pensado em humilhar um aluno. Estabelecia-se, assim, a sanção contra desvios da conduta;

Com base nessas análises, observamos que os textos de dicas, apesar de publicados em *blogs* distintos e momentos diferentes, são uma modalidade reificada de comunicação, que prima pela obediência aos padrões do gênero e aos princípios de ordem e clareza da comunicação.

Na terceira seção do capítulo de análises, tivemos por objetivo verificar, a partir dos enunciados que continham marcas de verbo(s) empregado(s) no imperativo, como os professores eram disciplinados.

Com base nas análises, organizadas por pretensos quadros temáticos, obtivemos as seguintes respostas a respeito de como os enunciados disciplinavam docentes:

(i): Em nome da limpeza, organização, reorganização da sala de aula, que se realiza através do acionamento dos princípios do quadriculamento e da visibilidade. O professor tem de organizar a sala para iniciar seu trabalho;

(ii): Em nome de aulas segundo uma lógica produtivista, refletida no discurso docente carregado de conceitos e do tipo organizado e claro. Desse modo, o domínio de conteúdo é imprescindível para o professor;

(iii) Em nome de forças, as dicas solicitam ao profissional empregar muitos esforços, seja observando a atenção de cada aluno, seja ocupando o tempo de todos com tarefas extras. O professor tem de multiplicar suas atividades em função do número de alunos.

(iv): Em nome da necessidade de instaurar o silêncio, utilizando as palmas das mãos, os braços. O profissional tem de saber reagir à indisciplina de acordo com o nível de aprendizagem dos alunos;

(v): Em nome das regras, do autoritarismo, da necessidade de o professor estabelecê-las em tempo, espaço e quantidade adequadas, prescrever consequências para os alunos que as desrespeitassem. Assim, o professor tem de conhecer e saber como aplicar as normas que supostamente garantem a ordem;

Os resultados acima mostram os campos semânticos sobre os quais os verbos empregados no imperativo incidiam para produzir sentidos para o disciplinamento. Ele se realiza dispersamente, atravessando campos semânticos diversos, e se valendo de princípios presentes no funcionamento da instituição escolar, como o quadriculamento, a otimização do tempo, etc. (FOUCAULT, 2014).

Não coincidentemente esses campos semânticos são muito próximos aos campos em que o disciplinamento discente atua. Isso porque o disciplinamento docente e discente são partes de um mesmo processo que visa garantir a ordem no funcionamento da escola.

Nosso objetivo de pesquisa não se encerrou na parte em que respondemos à nossa dupla pergunta. No capítulo *Desobediência,* seguimos tecendo críticas ao regime disciplinar para incitar a desobediência de alunos e professores. Acreditávamos, pois, que o disciplinamento só se tornava um problema real após ganhar a aceitação desses grupos. Ainda nesse capítulo, refletimos sobre como a obediência discente e docente às normas disciplinares se produzia e pensamos em propostas sobre como desobedecê-las.

No último capítulo, pensamos a relação professor e aluno em meio a situações recorrentes em sala de aula que pudessem fomentar a obediência e concluímos que enquanto a obediência docente podia se produzir por conformismo, a obediência discente devia se dar pela docilidade.

Compreender as circunstâncias em que essas obediências funcionavam permitiu também pensar as circunstâncias em que seria insuportável continuar obedecendo. Com efeito, pensamos tanto a situação do professor que toma consciência de seu papel enquanto educador e abandona uma postura autoritária, quanto a circunstância do aluno que descobre estar sendo conduzido por um professor autoritário e despreocupado com os valores de sua educação. Diante dessas situações, propomos a ironia cética e a provocação cínica dos costumes enquanto estratégias para o professor desobedecer ao disciplinamento, e a resistência e a insurreição, para os alunos.

Contudo, é preciso que os alunos e os interlocutores das dicas acreditem que se faz necessário desobedecer, provocando os costumes do regime disciplinar, se são injustos ou trazem prejuízos para a Educação.

Na verdade, alunos e professores não são indiferentes ao projeto de educação disciplinar. Eles têm a necessidade de interrogá-lo, buscando o sentido de sua razão; têm a necessidade de adaptá-lo para encontrar a felicidade e o bem-estar. Pensar, questionar e reinventar o modelo disciplinar são necessidades que se consumam no ato de desobedecer aos métodos que o instituem.

Além disso, o modelo de disciplinarização precisa ser repensado pelos docentes, pois tem por objetivo instaurar a ordem, ritmos crescentes de produtividade; introjetar a obediência às hierarquias, o desejo de se uniformizar em relação aos demais. Desobedecer, negando, questionando princípios, reformulando as dicas, torna-se, portanto, uma tarefa necessária aos docentes que buscam promover uma Educação crítica e ética.

Entretanto, professores e, principalmente, alunos podem não dispor da capacidade imediata de pensar, refletir e desobedecer ao que lhes incomoda do disciplinamento. Haveria, pois, a possibilidade de que viessem a fazer mal uso da desobediência, confundindo-a com gestos de rebeldia individual, disputas despóticas pelo poder, manifestações de caprichos individuais. Nesse sentido, somente uma Educação verdadeira será capaz de ensinar a praticar uma desobediência ética.

Professores e alunos não podem pensar autonomamente, refletir e, então, desobedecer senão pela educação. Note-se que eles só podem receber uma educação crítica de outros professores. Portanto, a falta de reflexão a respeito do próprio trabalho pedagógico e a conformação de suas práticas a textos de dicas, manuais e outros mecanismos de doutrinação transforma determinados professores numa espécie ruim de educadores.

Por outro lado, há docentes que decidem assumir uma postura ativa e responsável diante de seus alunos. Esses profissionais examinam a validade dos métodos disciplinares (enfileiramento, regras arbitrárias, atividades repetitivas, etc.), dão-se conta de que servem para atender à necessidade das fábricas. Ao final, concluem, como para justificar sua desobediência ao emprego desses métodos, que seus alunos apresentam disposições a formas de vida diferentes da fabril. Professores críticos tecem essas reflexões a partir de suas práticas educativas. Eles fazem do trabalho pedagógico matéria de seu aperfeiçoamento; e desse aperfeiçoamento, um projeto de educação, centrado no desenvolvimento das disposições naturais dos educandos.

A moderação da atitude pedagógica é fundamental para o estabelecimento de um projeto de Educação preocupado em emancipar o estudante. O professor não deve restringir a liberdade de o aluno escolher como realizar os projetos de pesquisa. Ou seja, não deve se servir de uma postura demasiado controladora que busca promover a ordem em sala através do estabelecimento de coordenadas que instrumentalizam as etapas de uma pesquisa ou decidem precisamente quais serão as regras de convivência, por exemplo. Caso contrário, não possibilitaria ao aluno resolver por ele mesmo as dúvidas e impasses provenientes dessas situações-problema. Tampouco o professor deve adotar uma postura muito permissiva com relação às decisões tomadas pelos grupos de alunos. Isso porque a permissividade docente poderia legitimar atitudes tais como aquelas que retiram arbitrariamente participantes dos grupos de atividades ou intimidam a um deles a pactuar com a ideia da maioria somente para levar a cabo a realização prática e simplista de um trabalho, por exemplo. Desse modo, a postura docente moderada não só instiga o aluno a pensar as condições pedagógicas nas quais

quer estudar, mas também a refletir sobre a qualidade de suas decisões, uma vez que o professor avalia o raciocínio e a decisão de seus alunos.

A própria natureza da atividade em grupo também leva os alunos a fazerem bom uso de seus pensamentos e de suas ações. Ela exige que os alunos aprendam uns com os outros, dialogando, para então decidirem, por exemplo, como estabelecer as regras de convivência na turma. Solicita também que os alunos avaliem a opinião dos colegas e depois se posicionem criticamente diante delas. O posicionamento é fundamental para que sejam capazes de participar das decisões da turma.

Além disso, a atividade em grupo demanda que os alunos avaliem os comentários respeitosamente e se posicionem diante deles de modo cortês. A atividade em grupo desenvolve, portanto, a habilidade da prudência; habilidade essa fundamental para o cidadão que busca desobedecer eticamente, que desobedece sem prejudicar o direito dos demais.

Nas palavras de Kant (1999), esse projeto de educação emancipatória ensina a conhecer a medida das nossas forças e os limites que o direito dos demais nos impõem. (p.34). Em suma, o verdadeiro projeto de educação deve desenvolver a disposição natural do raciocínio, do pensamento, da crítica, da reflexão ética. O desenvolvimento de todas essas habilidades torna o indivíduo capaz de desobedecer aos métodos que prejudicam sua aprendizagem de modo a atingir plenamente os propósitos que deve dar para si mesmo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **A exceção e o excesso.** Florianópolis. n 5, p. 9-16, 2005. Disponível em:https://periodicos.ufsc.br/index.php/outra/issue/view/1201 Acesso em: 24 ago. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

BOARINI, Maria Lucia. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. **Psicol Esc. Educ**. Maringá, v. 17, n 1, p. 123-31, jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextpid=S1413-85572013000100013&Ing=en&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2013.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009. **Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica**. Brasília, 2009. Disponível em : www.2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-6755-29-janeiro-2009-585786-publicacaooriginal-109115-pe.html. Acesso em: 20 maio 2021.

BRASIL é número um em mau comportamento na sala de aula, indica pesquisa. **Amambai**, MS. 05 fev. 2015. Disponível em: https://www.amambainoticias.com.br/educacao-e-cultura/brasil-e-numero-um-em-mau-comportamento-na-sala-de-aula-indica-pesquisa. Acesso em: 15 maio 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Estatística dos professores no Brasil**. 2. ed. Brasília, 2004.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. Brasília. **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira, 2009.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. **Nota sobre o país: Resultados da Talis 2008.** Brasília/: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira, 2013. Disponível em : oecd.org/eduction/school/TALIS-2013-country-note-Brazil-Portuguese.pdf. Acesso em: 30 nov. 2019.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. **Relatório Nacional. Pesquisa Internacional sobre ensino e aprendizagem**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira, 2014. Disponível em: https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pesquisa_talis/2013/talis2013_relatorio_brasil.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Histórico**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira, 2019. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/talis/historico. Acesso em: 12 maio 2021.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História social da infância no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2016

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault.** Trad. Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito.** Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

SPINOSA, Baruch. **Ética.** Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FRANÇA, Sonia A. Moreira. A indisciplina como matéria do trabalho ético e político. *In*: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. 18. ed. São Paulo: Summus, 2016

GROS, Frèdèric. **Desobedecer**. Trad. Célia Euvaldo. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia.** Trad. Francisco Cock Fontanella. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

LIMA, Ana Laura Godinho. **A "criança-problema" na escola brasileira: uma análise do discurso pedagógico.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Ilibrary. **Attracting, Developing and retaining effective teachers final report teachers matter** - Home Page. TALIS (2005). Disponível em: oecd.org/education/school/attractingdevelopingandretainingeffectiveteachers-finalreportteachersmatter.htm. Acesso em: 11 jan. 2020.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Ilibrary. **Attracting, developing and retaining effective teachers** - Home Page. Disponível em:

oecd.org/education/school/attractingdevelopingandretainingeffectiveteachers-homepage.htm. Acesso em: 11 jan. 2020.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Guía del profesorado TALIS 2013 (2014):** Estudio Internacional sobre enseñanza y aprendizaje. Disponível em: https://www.oecd.org/education/guia-del-profesorado-talis-2013-9789264221932-es.htm. Acesso em: 20 maio 2021.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Meeting of the OECD Education Ministers:** Investing in competencies for all. Paris, 3-4 April 2001. Disponível em: oecd.org/education/school/investingincompetenciesforall-meetingfoecdeeductionministerparisfrance2-4april2001.html. Acesso em: 12 jan. 2020.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Nota sobre o país**. **Resultados da TALIS 2013**. Disponível em: oecd.org/eduction/school/TALIS-2013-country-note-Brazil-Portuguese.pdf. Acesso em: 30 nov. 2019.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Questionário do Professor.** Pesquisa Internacional da OCDE sobre Ensino e Aprendizagem. Brasília, 2013. Disponível em: https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pesquisa_talis/2013/professor_quest_frequencias.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Technical Report (2008). **Teaching and learning international survey (Talis)**. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/education/talis-2008-technical-report_9789264079861-en. Acesso em: 20 maio 2021

ORLANDI, E. P. O discurso pedagógico: a circularidade. *In*: ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2008.

PAULON, Simone; ROMAGNOLI, Roberta. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n 1, p. 85-102, jan./abr. 2010. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844631007. Acesso em: 11 out. 2020

YAMAMOTO, Karina. Professor brasileiro gasta 20% do tempo de aula com indisciplina. **Uol Educação**. 25 jun. 2014. Disponível em: https://educacao.uol.com.br/noticias/2014/06/25/professor-brasileiro-gasta-20-do-tempo-de-aula-com-indisciplina-segundo-estudo-da-ocde.htm. Acesso em: 15 maio 2021.

GUILHERME, Paulo. Professor no Brasil perde 20% da aula com bagunça na classe, diz estudo. **G1**. 01 mar. 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/professor-no-brasil-perde-20-da-aula-com-bagunca-na-classe-diz-estudo.html, Acesso em: 15 maio 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Trad. Ivone C. Benedetti. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012

TAILLE, Ives de la; JUSTO, José Sterza; SILVA, Nelson Pedro. **Indisciplina, disciplina: ética, moral e ação do professor.** 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

APÊNDICE A – Enunciados com sintagma o (s) aluno (s) + Verbo

Enunciados encontrados nos textos de dicas de disciplina

1.0 Os estudantes [os alunos] irão se espelhar em seu tom de voz
2.0 Exigir que os alunos se sentem nos seus lugares conforme estabelecido no espelho de classe ou mapeamento.
3.0 Se você quer que as crianças [os alunos] falem em um tom normal e agradável é importante que você seja o principal exemplo.
4.0 Mantenha a sala em ordem para que os alunos fiquem mais organizados
5.0 Aguarde que cada aluno reconheça sua presença.
6.0 Caminhe pela sala, evitando que os alunos levantem.
7.0 Aja profissionalmente para que os alunos o levem a sério.
8.0 Ser casual demais pode fazer com que os alunos duvidem da sua autoridade.
9.0 Leva um tempo para que os alunos se acostumem com uma rotina.
10.0 Os educandos [os alunos] começaram a pesquisar por conta própria capitais de países para questionar o professor.
11.0 Ao levantar sua mão, peça a eles [os alunos] que façam o mesmo.
12.0 E com alunos mais novos, você pode bater palmas três vezes e ensiná-los [os alunos] a bater responsivamente.
13.0 Explique de maneira clara e objetiva o que os alunos devem fazer e faça-os [os alunos] produzirem.
14.0 Para resolver esses problemas de forma sábia, você e os alunos devem se separar do resto da sala.
15.0 O aluno ficará desarmado porque espera uma atitude de confrontação e irritação.
16.0 Reorganize os assentos uma vez por mês. Isso ajuda a controlar quem senta próximo de quem e a eliminar alguns problemas de comportamento.
17.0 Ao pedir que os alunos guardem seus cadernos e façam grupos (...). Use um tom convidativo e informal.
18.0 Geralmente os alunos difíceis tornam-se uma pedra no sapato.
19.0 Quando os estudantes [os alunos] tiverem conflitos entre eles, tenha sempre uma atitude neutra.
20.0 Dite as regras do jogo para que os alunos saibam jogar.
21.0 Dizer o que se espera da criança ou adolescente é o primeiro passo para que [os alunos] façam o que é estabelecido.
22.0 Tenha certeza de que seu aluno sabe o que pode e não pode fazer.
23.0 Faça-os [os alunos] jogar no seu time.
24.0 Se a escola estabelece regras, e o professor não cumpre, por que um aluno irá cumprir uma regra estabelecida pelo professor?
25.0 Peça que [os alunos] ajuntem do chão os papéis maiores.
26.0 É fácil cometer algum deslize quando desconhecemos alguma regra e, dessa maneira, [os alunos] criam-se as controvérsias, pois abre espaço para o “disse e não disse”.

APÊNDICE B - Enunciados com verbo(s) no imperativo

Enunciados do site https://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/03/15/917590/4-dicas-disciplina-em-sala-aula-novos-professores.html iniciados com verbo no imperativo

TEXTO I
1. Use sua voz normal e natural
2. Evite o uso do volume e tom elevados
3. Ao pedir que os alunos guardem seus cadernos e façam grupos, seja afirmativo e firme
4. Quando (...) pedir a participação dos alunos, (...) use um tom convidativo e informal
5. Fale apenas quando houver silêncio
6. Apenas espere.
7. Aguarde que cada aluno reconheça sua presença, sem a necessidade de (...) manifestação
8. Lute contra a tentação de falar ou chamar a atenção
9. Ao levantar a sua mão, peça a eles que façam o mesmo
10. Espere 5 segundos e abaixe o braço lentamente
11. Pontue problemas de forma rápida e sábia
12. Ao perceber um problema (...), resolva essa questão o mais rápido possível
13. Pergunte de forma ingênua "Como posso te ajudar?"
14. Não acuse o estudante de nada
15. Mostre que você se importa
16. Sempre tenha uma abordagem positiva
17. Diga "Parece que você está com dúvidas"
18. Quando os estudantes tiverem conflitos entre eles, tenha sempre uma atitude neutra, não importando o histórico do aluno.
19. Converse com eles durante o intervalo ou na saída e use uma linguagem neutra
20. Evite o uso do volume e tom elevados
21. Não se esqueça também de diferenciar seu tom de voz
22. Não faça isso [perguntar "como posso te ajudar] de forma sínica e que provoque mais ressentimento
23. Não acuse o estudante de nada

Enunciados do site https://www.lendo.org/como-lidar-indisciplina-escolar/ iniciados com verbo no imperativo

TEXTO II
1. Estabeleça as regras desde o primeiro dia de aula
2. Dite as regras do jogo para que os alunos saibam jogar
3. Tenha certeza de que seu aluno saiba o que pode e o que não pode fazer
4. Assuma as regras da escola
5.Seja profissional
6. Assuma as regras da sua instituição de ensino, juntamente com toda a equipe

7. Não chegue atrasado
8. Seja firma
9. Imponha-se
10. Assuma que o aluno difícil é um desafio pedagógico, e não "um saco"
11. Tome como um desafio pessoal ou profissional
12. Conquiste seus alunos
13. Faça-os jogar no seu time
14. Tenha paixão pelo conhecimento
15. Faça da sala dos professores um lugar para aprender mais sobre seus alunos
16. Evite comparações
17. Tenha o hábito de fazer registros
18. Tenha o hábito de fazer anotações
19. Cumpra o que foi estabelecido
20. Faça memória do que foi dito
21. Exija do seu aluno
22. Antes de começar, observe sua sala - mapeamento, espelho, organização e limpeza
23. Peça que ajuntem do chão os papéis maiores, plásticos e saquinhos que possam ter ficado do lanche ou de alguma atividade que exigiu mais nesse sentido
24. Inicie a aula sem demora
25. Tenha seus objetivos claros e trabalhe para conquistá-los
26. Comece a aula sem rodeios, sem conversas que não sejam relacionadas ao objetivo estipulado
27. Lembre-se, como já foi mencionado, que os alunos têm 1 minuto e meio de concentração por ano de vida.
28. Seja breve e objetivo nas explicações
29. Não perca tempo falando muito
30. Explique de maneira clara e objetiva o que os alunos devem fazer
31. Faça-os produzir
32. Olhe para todos os alunos
33. Olhe para seus alunos durante as explicações
34. Faça as perguntas e ouça as respostas
35.Socialize as dúvidas
36. Não deixe que sua aula se transforme num diálogo de duas pessoas, enquanto, nesse meio tempo, os outros alunos, sem nada para fazer, se dispersem com outros assuntos
37. Evite virar de costas para escrever no quadro
38. Caminhe pela sala, evitando que os alunos levantem
39. Explique as atividades com clareza
40. Explique a tarefa com clareza
41. Ensine como fazer
42. Tenha certeza de que ninguém se sente satisfeito em ir para a escola e voltar para casa sem ter aprendido algo novo
43. Valorize o aluno na sua individualidade, conheça-o, respeite-o
44. Elogie
45. Elogie seu aluno
46.Faça-o sentir-se visto, valorizado
47.Escreva um bilhete na agenda aos pais, comunicando o bom rendimento do filho
48. Faça isso com frequência
49. Esteja atento às pistas
50. Mantenha a calma e a serenidade

51. Por mais que seja difícil, mantenha-se calmo
52. Tenha bom humor
53. Seja bem-humorado
54. Saiba relevar algumas situações
55. Coloque-se no lugar do aluno e imagine ter um palestrante mal-humorado
56. Evite gesticular ou elevar a voz em excesso
57. Não vincule nota à disciplina
58. Não incite o medo da prova
59. Seja autoridade e não autoritário
60. Não deseduque seus alunos
61. Não chegue atrasado
62. Não custa tentar [aprender com os colegas de magistério]
63. Evite comparações
64. Não diga o que não vai cumprir
65. Os alunos têm 1 minuto e meio de concentração por ano de vida. Não desperdice [tempo de explicação]
66. Não deixe que sua aula se transforme num diálogo de duas pessoas, enquanto, nesse meio tempo, os outros alunos, sem nada para fazer, se dispersam com outros assuntos
67. Evite virar de costas para escrever no quadro
68. Evite gesticular ou elevar a voz em excesso
69. Não vincule nota à disciplina
70. Não incite o medo da prova

Enunciados do site https://blog.wpensar.com.br/pedagogico/como-ajudar-o-professor-a-lidar-com-uma-turma-muito-agitada/ iniciados com verbo no imperativo

TEXTO III
1. Estabeleça combinados previamente
2. Mantenha a calma
3. Pare uns minutinhos
4. Diversifique as atividades
5. Faça um planejamento prévio
6. Pratique a leitura
7. Incentive o bom comportamento
8. Deixe as regras visíveis
9. Mantenha os combinados escritos em letras grandes, em local visível pelos alunos, durante o ano todo
10. Fale sempre com as crianças a respeito deles
11. Explique o planejamento
12. Explique aos alunos, logo no início do ano, como será a dinâmica da aula, das avaliações
13. Deixe claro quais os limites em relação ao uso de celulares, por exemplo
14. Dialogue
15. Pergunte à turma se eles têm alguma sugestão
16. Aceite o diálogo com seus alunos
17. Fique calmo
18. Fale em voz baixa
19. Procure agir sempre com naturalidade

20. Evite ao máximo os gritos, que evidenciam descontrole emocional e não resolvem os problemas
21. Diversifique as atividades
22. Organize as carteiras em círculo
23. Proponha um debate sobre algum tema
24. Faça brincadeiras como uma simulação de tribunal, por exemplo
25. Permita que seus alunos usem a tecnologia a favor do aprendizado
26. Proponha alguma atividade de pesquisa online
27. Use recursos multimídia nas aulas
28. Planeje atividades que possam ser desenvolvidas de forma individual, para que os alunos que terminam suas tarefas mais cedo que os outros não fiquem inativos
29. Faça um planejamento prévio
30. Verifique o tempo médio de duração de cada atividade e o tempo que os alunos se mantêm interessados em cada uma
31. Planeje as atividades de modo que não haja pausas desnecessárias
32. Pratique a leitura
33. Desenvolva o hábito de contar histórias para eles
34. Capriche na entonação e na caracterização dos personagens
35. Proponha uma leitura dinâmica com a participação de todos
36. Deixe que seus alunos escolham o que lhes interessa
37. Dê a eles um momento para que se concentrem
38. Evite ao máximo os gritos, que evidenciam descontrole emocional e não resolvem os problemas

Enunciados do site http://www.proesc.com/blog/indisciplina-de-alunos-na-escola/ iniciados com verbo no imperativo

TEXTO IV
Sem verbo no imperativo

Enunciados do site https://pt.wikihow.com/Manter-a-Disciplina-em-Sala-de-Aula iniciados com verbo no imperativo

TEXTO V
1. Decida as regras mais importantes para transformar a sala de aula em um ambiente de aprendizado seguro e divertido
2. Não defina mais do que cinco regras, pois isso facilitará a memorização delas pelos alunos
3. Garanta que os alunos conheçam as regras perfeitamente
4. Separe uma hora no primeiro dia de aula para explicá-las, utilizando exemplos do que deve ou não ser feito
5. Defina consequências para os alunos que quebrarem as regras
6. Crie uma folha com as regras e pendure-a no mural da sala
7. Fraseia-as de modo positivo como, por exemplo, "Trate os outros com respeito" ao invés

de "Não empurre os outros"
8. Peça que os alunos se comprometam com as regras
9. Peça a opinião deles ao desenvolver as regras
10. Converse sobre as regras e revise-as junto dos alunos de tempos em tempos
11.Elogie os alunos que agirem de modo adequado e seguirem as regras, transformando-os em exemplos positivos
12. Evite elogiar sempre o mesmo aluno
13. Envolva os pais logo no início
14. Dê ferramentas para que os alunos interajam entre si
15. Reforce interações positivas, ensinando-os a lidar com desacordos e problemas de comunicação
16. Por exemplo, diga que os alunos devem pedir permissão para pegar algo emprestado
17. Dê ferramentas para que eles discordem
18. Por exemplo, peça que eles se olhem calmamente e digam "Eu entendo como você se sente"
19. Defina os comportamentos esperados dos alunos na sala de aula
20. Mantenha uma rotina e uma estrutura na sala, pois os alunos precisam saber o que esperar das aulas
21. Chacoalhe as coisas de vez em quando, pois os alunos dessa idade [fundamental] tendem a se distrair facilmente
22. Construa relacionamentos com os alunos, pois eles são curiosos e gostam de ouvir histórias
23. Conheça seus alunos para fazer com que eles o respeitem e se comportem adequadamente
24. Mantenha uma atitude positiva
25.Trate cada dia como uma nova oportunidade de sucesso na sala de aula
26. Fale com um tom de voz natural para que os alunos respondam do mesmo modo
27. Comece a falar baixo para que os alunos fiquem quieto e o ouçam
28. Reorganize os assentos uma vez por mês
29. Coloque cartões com os nomes dos alunos nas mesas para organizar os assentos
30. Mantenha a sala de aula em ordem para que os alunos fiquem mais organizados
31. Planeje lições cativantes
32. Mantenha-os animados e focados elaborando atividades e trabalhos interessantes
33. Circule pela sala ao ensinar ou durante atividades em grupo ou individuais
34. Dê dicas durante a resolução de problemas
35. Trate os alunos com respeito, não importa a idade deles
36. Conheça os alunos
37. Demonstre interesse neles e lembre-se de memorizar seus nomes e outras informações
38. Mantenha os alunos animados e envolvidos
39. Planeje atividades interessantes e divertidas para manter o envolvimento da turma
40. Por exemplo, faça pesquisas simples para determinar como os alunos se sentem quanto a um problema em particular
41. Ajude-os com suas habilidades pessoais e emocionais
42. Ajude-os a solucionar os problemas deles com relação a amigos e colegas de classe
43. Por exemplo, caso um aluno se comporte mal ou irrite um colega de classe, ajude-o a criar um método de reparação que criará uma solução significativa
44. Seja justo e consistente, tratando todos igualmente
45. Aplique a disciplina igualmente em todos os alunos
46. Tenha uma atitude positiva e trate todos os dias como novas oportunidades para o sucesso

47. Circule pela sala ao ensinar ou durante atividades em grupo ou individuais [fundamental]
48. Dê dicas durante a resolução de problemas
49. Converse em particular com o aluno
50. Inclua regras no programa de estudos
51. Considere incluir também políticas quanto à desonestidade acadêmica, uso de tecnologia, entrega de atividades, etc.
52. Confira com a coordenação da instituição as políticas gerais da faculdade
53. Fale sobre as regras no primeiro dia de aula e defina suas expectativas para a conduta em sala
53. Dê exemplos de como as regras são colocadas em prática e como implementará as consequências
54. Aja profissionalmente para que os alunos o levem a sério
55. Revele coisas sobre você para criar uma dimensão mais humana e para que os alunos entendam suas origens
56. Conheça os alunos pelo nome
57. Conheça-os por nome e crie um ambiente onde eles sintam que são considerados
58. Explore o problema disciplinar antes de agir
59. Caso um aluno atrapalhe a aula chegando atrasado com frequência, considere os motivos por trás disso
60. Converse com ele após a aula para saber o que está acontecendo
61. Mantenha um registro dos problemas disciplinares
62. Sempre que encontrá-los [problemas disciplinares], documente todos os passos que tomou
63. Converse com seu supervisor sobre os procedimentos adequados para lidar com esses problemas
64. Deixe para lá. Caso o problema seja pequeno e pareça que não se repetirá, ignore-o
65. Encerre a ação imediatamente.
66. Quando um aluno atrapalha a aula, informe-o de que está ciente das ações dele.
67. Faça um sinal não verbal, como erguer a sobrancelha, acenar ou caminhar na direção dele
68. Interesse-se na questão.
69. Peça que o aluno converse sobre o problema
70. Pergunte o que está acontecendo e quem está envolvido
71. Instrua. Lembre o aluno das regras e das consequências.
72. Siga em frente com as consequências após avisar ao aluno
73. Cuide do progresso dos alunos
74. Fala anotações sobre o problema disciplinar
75. Escreva o que aconteceu, quem estava envolvido, quando aconteceu e qual foi sua resposta
76. Mantenha a calma, pois isso é o melhor que você pode fazer durante um conflito
77. Permaneça calmo e fale com um tom de voz normal
78. Lide com o conflito longe dos outros alunos
79. Leve o aluno problemático para fora e converse a sós
80. Permaneça neutro
81. Permaneça calmo e firme em sua posição
82. Diga "Falaremos sobre isso após a aula" para encerrar o conflito momentaneamente
83. Use o conflito como um momento de aprendizado
84. Caso uma discussão surja na sala, converse sobre ela na próxima aula
85. Pergunte como os alunos teriam lidado com a discussão e peça que eles pensem em modos de entender as perspectivas dos outros

86. Caso a discussão fique acalorada, peça que os alunos reflitam sobre o problema em silêncio
87. Peça então que eles reflitam no porquê da discussão ter escalado tanto
88. Mantenha os outros alunos seguros
89. Na ocorrência de um caso de bullying em sua classe, pesquise modos de interrompê-lo
90. Mantenha-se calmo e neutro
91. Mantenha distância do aluno
92.Caso a situação aumente rapidamente, peça que outro aluno busque ajuda
93. Documente o incidente
94. Caso ocorra um problema com um aluno violento, por exemplo, mantenha um registro do ocorrido.
95. Inclua detalhes sobre o que aconteceu, quando aconteceu, os nomes envolvidos, etc.
96. Forneça uma cópia disso para a administração
97. Mantenha uma cópia consigo para caso algum pai queira vê-la
98.Contate os pais do aluno, principalmente se o problema for sério
99. Conte os fatos do que ocorreu
100. Converse sobre o incidente com os alunos
101. Use o conflito como um momento de aprendizado e para reafirmar que os alunos estão seguros dentro da classe
102. Conheça as diretrizes da escola para se certificar de que suas políticas e regras sejam consistentes com elas. O mesmo também vale para as consequências no caso das desobediências.
103. Caso tenha problemas em manter a disciplina na sala, peça sugestões para os outros professores ou para o diretor.
104. Existem diversas palestras e *workshops* que você pode assistir para melhorar suas técnicas disciplinares. Pergunte para a administração se a escola pode pagar sua entrada nesses eventos.
105. Não defina mais que cinco regras, pois isso facilitará a memorização delas pelos alunos
106. Evite elogiar sempre o mesmo aluno
107. Não compartilhe tudo
108.Caso a classe seja barulhenta, não levante a voz
109. Apesar de você ter seus favoritos, não demonstre isso a eles
110. Não presuma o pior dos alunos
111. Não humilhe um aluno
112. Não demonstre emoções negativas ou raivosas
113. Não envolva outros alunos no conflito
114. Não discuta com os alunos
115. Caso alguém queira que você discuta, não morda a isca
116.Não se envolva até que o aluno se acalme e não assuma um lado na discussão
117. Não toque no aluno
118. Não inclua suas opiniões sobre o assunto [quando tiver de contatar os pais a respeito do problema de comportamento]

Enunciados do site https://www.bambui.ifmg.edu.br/portal/pages/subpaginas/a-importancia-da-disciplina-em-sala-de-aula iniciados com verbo no imperativo

TEXTO VI
Sem verbos flexionados no imperativo

APÊNDICE C – Enunciados selecionados para o córpus

Enunciados do site https://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/03/15/917590/4-dicas-disciplina-em-sala-aula-novos-professores.html iniciados com verbo no imperativo.

TEXTO I
1. Fale apenas quando houver silêncio
2. Apenas espere
3.Aguarde que cada aluno reconheça sua presença, sem a necessidade de qualquer apresentação ou manifestação
4. Ao levantar sua mão, peça a eles que façam o mesmo
5. Espere 5 segundos e abaixe o braço lentamente
6. Diversifique as atividades

Enunciados do site https://www.lendo.org/como-lidar-indisciplina-escolar/ iniciados com verbo no imperativo

TEXTO II
1. Estabeleça as regras desde o primeiro dia de aula
2. Dite as regras do jogo para que os alunos saibam jogar
3. Tenha certeza de que seu aluno sabe o que pode e o que não pode fazer
4. Assuma as regras da escola
5. Assuma as regras da sua instituição de ensino, juntamente com toda a equipe
6. Antes de começar, observe sua sala - mapeamento, espelho, organização e limpeza
7. Comece a aula sem rodeios, sem conversas que não sejam relacionadas ao objetivo estipulado
8. Seja breve e objetivo nas explicações
9. Explique de maneira clara e objetiva o que os alunos devem fazer
10. Faça-os produzir
11. Não deixe que sua aula se transforme num diálogo de duas pessoas, enquanto, nesse meio tempo, os outros alunos, sem nada para fazer, se dispersem com outros assuntos
12. Evite virar de costas para escrever no quadro
13. Caminhe pela sala, evitando que os alunos levantem
14. Explique as atividades com clareza
15. Explique a tarefa com clareza
16. Ensine como fazer

Enunciados do site https://blog.wpensar.com.br/pedagogico/como-ajudar-o-professor-a-lidar-com-uma-turma-muito-agitada/ iniciados com verbo no imperativo

TEXTO III
1. Estabeleça combinados previamente

2. Deixe as regras visíveis
3. Mantenha os combinados escritos em letras grandes, em local visível pelos alunos, durante o ano todo
4. Diversifique as atividades
5. Planeje atividades que possam ser desenvolvidas de forma individual, para que os alunos que terminam suas tarefas mais cedo que os outros não fiquem inativos
6. Verifique o tempo médio de duração de cada atividade e o tempo que os alunos se mantêm interessados em cada uma
7. Planeje as atividades de modo que não haja pausas desnecessárias

Enunciados do site http://www.proesc.com/blog/indisciplina-de-alunos-na-escola/ iniciados com verbo no imperativo

TEXTO IV
1. Distinguir bem as regras escolares (...) que ele tenha conhecimento claro sobre as regras
2. Decida as regras mais importantes para transformar a sala de aula em um ambiente seguro e divertido
3. Garanta que os alunos conheçam as regras perfeitamente
4. Separe uma hora no primeiro dia de aula para explicá-las, utilizando exemplos do que deve ou não ser feito

Enunciados do site https://pt.wikihow.com/Manter-a-Disciplina-em-Sala-de-Aula iniciados com verbo no imperativo

TEXTO V
1. Decida as regras mais importantes para transformar a sala de aula em um ambiente de aprendizado seguro e divertido
2. Não defina mais que cinco regras, pois isso facilitará a memorização delas pelos alunos
3. Garanta que os alunos conheçam as regras perfeitamente
4. Defina consequências para os alunos que quebrarem as regras
5. Crie uma folha com as regras e pendure-a no mural da sala
6. Peça que os alunos se comprometam com as regras
7. Reorganize os assentos uma vez por mês
8. Coloque cartões com os nomes dos alunos nas mesas para organizar os assentos
9. Mantenha a sala de aula em ordem para que os alunos fiquem organizados. Caso a sala seja bagunçada, os alunos podem não levá-lo tão a sério
10. Inclua regras no programa de estudos

APÊNDICE D - Enunciados organizados em torno da temática.

Enunciados do texto II

TEMÁTICA: SALA DE AULA
Antes de começar, observe sua sala - mapeamento/espelho, organização e limpeza.
Peça que ajuntem do chão os papéis maiores, plásticos e saquinhos que possam ter ficado do lanche ou de alguma atividade que exigiu mais nesse sentido.
Mantenha a sala de aula em ordem para que os alunos fiquem mais organizados. Caso a sala seja bagunçada, os alunos podem não levá-lo tão à sério.
Reorganize os assentos uma vez por mês
Coloque cartões com os nomes dos alunos nas mesas para organizar os assentos.

Enunciados dos textos II, III e V

TEMÁTICA: ATIVIDADES DE AULA
Inicie a aula sem demora.
Comece a aula sem rodeios, sem conversas que não sejam relacionadas ao objetivo estipulado.
Seja breve e objetivo nas explicações.
Explique de maneira clara e objetiva o que os alunos devem fazer.
Faça-os produzir.
Evite virar de costas para escrever no quadro.
Caminhe pela sala, evitando que os alunos levantem.
Explique as atividades com clareza
Ensine como fazer
Diversifique as atividades
Planeje atividades que possam ser desenvolvidas de forma individual, para que os alunos que terminam suas tarefas mais cedo que os outros não fiquem inativos.
Planeje as atividades de modo que não haja pausas desnecessárias.

Enunciados do texto II

TEMÁTICA: A ORGANIZAÇÃO DAS GÊNESES
Separe uma hora no primeiro dia de aula para explicá-las [as regras], utilizando exemplos do que deve ou não ser feito
Ao levantar sua mão, peça a eles que façam o mesmo
Espere 5 segundos e abaixe o braço lentamente
Antes de começar, observe sua sala - mapeamento, espelho, organização e limpeza.

Enunciados do texto II

TEMÁTICA: A COMPOSIÇÃO DAS FORÇAS
Não deixe que sua aula se transforme num diálogo de duas pessoas, enquanto, nesse meio tempo, os outros alunos, sem nada para fazer, se dispersem com outros assuntos.
Planeje atividades que possam ser desenvolvidas de forma individual, para que os alunos que terminam suas tarefas mais cedo que os outros não fiquem inativos

Enunciados dos textos II, III e V

TEMÁTICA: SANÇÃO DAS REGRAS
Estabeleça as regras desde o primeiro dia de aula.
Dite as regras do jogo para que os alunos saibam jogar.
Assuma as regras da escola.
Assuma as regras da sua instituição de ensino, juntamente com toda a equipe.
Deixe as regras visíveis.
Decida as regras mais importantes para transformar a sala de aula em um ambiente seguro e divertido.
Garanta que os alunos conheçam as regras
Separe uma hora no primeiro dia de aula para explicá-las [as regras], utilizando exemplos do que deve ou não ser feito.
Não defina mais que cinco regras, pois isso facilitará a memorização delas pelos alunos.
Defina consequências para os alunos que quebrarem as regras.
Crie uma folha com as regras e pendure-a no mural da sala.
Peça que os alunos se comprometam com as regras.
Fale sobre as regras no primeiro dia de aula.

ANEXO A – Uol educação

PUBLICIDADE

BATE-PAPO UOL MEU NEGÓCIO ESTUDE ONLINE PAGSEGURO uol BUSCA EMAIL CONTA UOL SAC

PRODUTOS NOTÍCIAS CARROS ECONOMIA FOLHA ESPORTE SPLASH TV E FAMOSOS UNIVERSA VIVABEM TILT ECOA MOV NOSSA TAB START

EDUCAÇÃO

Professor brasileiro gasta 20% do tempo de aula com indisciplina

Karina Yamamoto
Do UOL, em São Paulo
25/06/2014 06h00 | Atualizada em 25/06/2014 10h36

Os professores brasileiros gastam, em média, 20% do tempo de aula mantendo a disciplina na classe, segundo levantamento internacional. Ou seja, o docente gasta um em cada cinco minutos pedindo silêncio ou chamando a atenção por bagunça.

O desempenho brasileiro é o pior entre os 32 países que responderam à essa parte da pesquisa. A média entre os países é de 13%. Na Finlândia, país tido como exemplar no quesito educação, o percentual de tempo dedicado a essa atividade chega a 13%.

As informações são da edição 2013 da Talis, Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem coordenada mundialmente pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). O levantamento foi divulgado na manhã desta quarta (25).

De aula mesmo, ensinando os alunos, o percentual de tempo gasto em sala no Brasil é 67% enquanto a média internacional é de 79% e a da Finlândia é 81%.

Em 12% do período de cada aula, o professor lida com questões administrativas, como o controle de presença (chamada) -- contra a média de 8% dos países que participaram da pesquisa e 6% da Finlândia.

"Nos países da OCDE, o professor trabalha em uma única escola, em tempo integral e leciona, em média, 19 horas. Aqui no Brasil, a jornada quase dobra se pensarmos que os docentes trabalham 26 horas em mais de uma escola e em salas maiores", diz a pesquisadora Gabriela Moriconi.

Talis 2013: estudo da OCDE

PUBLICIDADE

UOL + OTA LAB
Otaviano Costa em um programa diferente de tudo o que você já viu.

Disponível em:< https://tinyurl.com/3cexm4a2. Acesso em: 20 de maio de 2021

ANEXO B – Amanbis

MENU Amambai - MS, Sábado, 15 de Maio de 2021 enhanced by Google

Brasil é número um em mau comportamento na sala de aula

05/02/2015 14h43 - Atualizado em 05/02/2015 14h43

PUBLICIDADE

Brasil é número um em mau comportamento na sala de aula, indica pesquisa

Fonte: Portal CNM

Os estudantes brasileiros lideram o ranking de indisciplina na sala de aula. É o que sinaliza relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem, conhecida pela sigla Talis, aponta que o mau comportamento prejudica as instruções dos professores e absorção de conteúdo.

PUBLICIDADE

Entre os 34 países que participaram do Talis em 2008 e 2013, são os docentes brasileiros que dizem gastar mais tempo para manter a ordem em sala de aula. Em 2008, eram 18%. Já em 2013, essa porcentagem subiu para 20%, quando a média internacional foi de 13% nos dois períodos.

Mais de 60% dos professores no país relataram ter mais de 10% de alunos com problemas de mau comportamento. Situação parecida acontece com o Chile e o México. Nos dois países, os professores também afirmaram enfrentar essas questões em sala de aula. Por outro lado, no Japão, pouco mais de 10% dos professores indicaram lidar com interrupções dos estudantes.

Todavia, segundo a pesquisa, a indisciplina é generalizada no Brasil. Ao contrário do que muitos poderiam imaginar, os números de estudantes com mau comportamento são quase os mesmos nas escolas públicas ou particulares. A diferença foi de apenas três pontos.

Menos tempo

Além das interrupções pelos estudantes, há outras fontes que atrapalham o desempenho no ambiente escolar como lista de chamada, informações da escola e reuniões. Essas atividades consomem ainda mais o tempo de aprendizado e nesse quesito o Brasil também aparece em primeiro lugar. O Talis 2013 mostra que é de 33%, na média, o tempo de não instrução relatado pelos professores brasileiros. A média é de 21% entre todos os países participantes.

Outro ponto importante mencionado na pesquisa é a carência desses profissionais. Com poucos disponíveis em sala de aula, o número de alunos por classe aumenta. O que torna o ambiente pouco favorável para o aprendizado.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Sorteio da Mega-Sena deste sábado tem prêmio estimado em R$ 33 milhões

Covid-19: casos sobem para 15,5 milhões e mortes, para 432,6 mil

Inverno será de neutralidade climática

Veja a farmácia de plantão deste sábado (15)

15 de maio - dia Internacional da Família

Disponível em:< https://www.amambainoticias.com.br/educacao-e-cultura/brasil-e-numero-um-em-mau-comportamento-na-sala-de-aula-indica-pesquisa. Acesso em 20 de maio de 2021.

ANEXO C – G1

globo.com | g1 | ge | gshow | vídeos

ASSINE JÁ MINHA CONTA E-MAIL ENTRAR

EDUCAÇÃO

01/03/2015 06h00 - Atualizado em 02/03/2015 07h48

Professor no Brasil perde 20% da aula com bagunça na classe, diz estudo

Pesquisa da OCDE aponta que 60% dos docentes têm alunos-problemas. Brasil lidera 'ranking' de intimidação verbal entre alunos e professores.

Paulo Guilherme
Do G1, em São Paulo

FACEBOOK

Professor perde muito tempo colocando a classe em ordem (Foto: Reprodução/TV Gazeta)

Uma pesquisa feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) aponta que no Brasil o professor perde 20% do tempo de aula acalmando os alunos e colocando a classe em ordem para poder ensinar. Além disso, o estudo aponta que 60% dos professores brasileiros ouvidos têm mais de 10% de alunos-problemas em sua sala de aula, o maior índice entre os países participantes do estudo.

A pesquisa Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Teaching and Learning Internacional Survey, Talis, na sigla em inglês) ouviu professores de 33 países.

saiba mais

O estudo aponta que no Brasil o professor

Educação
veja tudo sobre ›

UFJF divulga resultados das análises dos grupos de cotas do Pism
08/03/2019

Startup brasileira de educação para surdos é finalista de...
08/03/2019

Prouni: quem quiser participar da lista de espera deve...
07/03/2019

Ex-aluno de escola pública ganha bolsa de estudos para cursar medicina em Harvard
07/03/2019

Últimas notícias +

Shopping

Magazine Luiza
Philips 5100 Series LED 43 pol...
10 x R$149,90

compare preços de
Comparar

veja todos os produtos »

Disponível em:< http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/professor-no-brasil-perde-20-da-aula-com-bagunca-na-classe-diz-estudo.html. Acesso em: 20 de maio de 2021.

ANEXO D - 4 dicas de disciplina em sala de aula para novos professores

4 dicas de disciplina em sala de aula para novos professores

noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/03/15/917590/4-dicas-disciplina-em-sala-aula-novos-

14 de Dezembro de 2018

Saiba como administrar o comportamento de estudantes em sala de aula de forma madura e coerente, sem precisar se descabelar

Confira a seguir 4 dicas de como se posicionar da maneira certa

- No início de qualquer carreira, mas especialmente no professorado, os profissionais colocam à prova tudo aquilo que lhes foi ensinado.
- É importante aprender com os erros e saber ouvir os conselhos e histórias de pessoas que já passaram por essa fase.
- Levantar a voz para ter a atenção dos alunos não é a melhor estratégia.

No início de qualquer carreira, mas especialmente no professorado, os profissionais colocam à prova tudo aquilo que lhes foi ensinado sobre como ensinar e administrar uma **sala de aula**. O fator humano e o comportamento infantil colocam em cheque qualquer conceito pré-formado e mentalidade profissional. É importante aprender com os erros e saber ouvir os conselhos e histórias de pessoas que já passaram por essa fase e erraram antes de você.

Confira a seguir 4 dicas de como se posicionar da maneira certa

1) Use sua voz normal e natural

Disponível em:< https://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/03/15/917590/4-dicas-disciplina-em-sala-aula-novos-professores.html> Acesso em: 01/12/19.

ANEXO E – Como Ajudar o professor a lidar com uma turma muito agitada

Ao lidar com crianças, deve-se pensar em uma forma lúdica de estabelecer regras:

Incentive o bom comportamento

Pode ser interessante premiar as crianças que seguirem melhor os combinados com uma estrelinha ou uma distinção qualquer, que os incentive a seguir no caminho desejado.

Deixe as regras visíveis

Mantenha os combinados escritos em letras grandes, em local visível pelos alunos, durante o ano todo. Fale sempre com as crianças a respeito deles. Vale incrementar os combinados com figuras – principalmente para crianças menores.

Quando se trata de uma turma de alunos um pouco mais velhos, a abordagem pode ser diferente, pois esses estudantes já terão capacidade de controlar melhor seus próprios comportamentos:

Explique o planejamento

Explique aos alunos, logo no início do ano, como será a dinâmica da aula, das avaliações e deixe claro quais os limites em relação ao uso de celulares, por exemplo.

Dialogue

Pergunte à turma se eles têm alguma sugestão, aceite o diálogo com seus alunos. Assim, você consegue combinar amigavelmente os procedimentos que devem ser seguidos na sua aula.

Confira: BURNOUT – os males do estresse em educadores

Mantenha a calma

3/8

Disponível em :< https://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/03/15/917590/4-dicas-disciplina-em-sala-aula-novos-professores.html> Acesso em: 01/12/19.

ANEXO F – Indisciplina na escola: como lidar com alunos indisciplinados?

Informações que podem ser abordadas nas regras da escola:

- Defina o uso obrigatório do uniforme
- Seja rígido com os horários de entrada, lanche e saída na escola
- Normatize o uso de bonés, lenços e adornos na sala de aula e na escola
- Defina regras claras para o uso de celulares e aparelhos eletrônicos
- Cobre dos pais a frequência dos alunos
- Mantenha comunicação direta com os pais sofre atos de indisciplina
- Estabeleça e cumpra o calendário de aulas e feriados
- Deixe claro para os pais e alunos as datas de provas e atividades
- Documente com clareza e divulgue os critérios de avaliação e aprovação
- Estabeleça regras claras a respeito da entrada na escola de pais e visitantes
- Defina se é permitida a entrada de animais na escola
- Mantenha a rotina constante de reuniões pedagógicas
- Caso ocorra um acidente ou incidente comunique imediatamente os pais

2 – Saber reagir aos problemas de indisciplina na escola

Diante de um comportamento inesperado, o educador tende a tomar as providências sem pensar, agindo incorretamente. Portanto, é preciso manter o equilíbrio e a calma, sabendo lidar com cada situação. Lembre-se: o diálogo ainda é o melhor caminho. Pensando nisso, crie dinâmicas para trabalhar a indisciplina na sala de aula, conversar com os alunos, saber o que levou a esse tipo de comportamento e explicar que é errado.

3 – Não abusar da autoridade de professor

Um grande motivo que pode levar a quadros de indisciplina de alunos na escola é o fato de se sentirem reprimidos pelos professores, funcionários e diretores que abusam do poder e da autoridade. Sendo assim, uma das melhores alternativas para combater a indisciplina na escola é estabelecer um ambiente cooperativo, onde os alunos aprendam a respeitar o quadro discente, e acima de tudo, tenham os professores e demais funcionários como porto seguro para solucionar dúvidas e aprender sempre mais.

Conheça o Proesc. Especialista em gestão financeira e pedagógica de escolas e cursos

Fale com um consultor

4 – Tolerância zero com indisciplina em sala de aula

Aos casos de indisciplina em sala, o professor deve deixar claro para o aluno que aquele comportamento é inadequado e fere as regras da escola. Em caso de persistência, deve comunicar imediatamente aos pais e ao coordenador pedagógico da escola.

Disponível em:< http://www.proesc.com/blog/indisciplina-de-alunos-na-escola/. Acesso em 05/03/2020. Texto publicado em Junho de 2017.

ANEXO G - Texto I

4 dicas de disciplina em sala de aula para novos professores

noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/03/15/917590/4-dicas-disciplina-em-sala-aula-novos-

14 de Dezembro de 2018

Saiba como administrar o comportamento de estudantes em sala de aula de forma madura e coerente, sem precisar se descabelar

Confira a seguir 4 dicas de como se posicionar da maneira certa

- No início de qualquer carreira, mas especialmente no professorado, os profissionais colocam à prova tudo aquilo que lhes foi ensinado.
- É importante aprender com os erros e saber ouvir os conselhos e histórias de pessoas que já passaram por essa fase.
- Levantar a voz para ter a atenção dos alunos não é a melhor estratégia.

No início de qualquer carreira, mas especialmente no professorado, os profissionais colocam à prova tudo aquilo que lhes foi ensinado sobre como ensinar e administrar uma **sala de aula**. O fator humano e o comportamento infantil colocam em cheque qualquer conceito pré-formado e mentalidade profissional. É importante aprender com os erros e saber ouvir os conselhos e histórias de pessoas que já passaram por essa fase e erraram antes de você.

Confira a seguir 4 dicas de como se posicionar da maneira certa

1) Use sua voz normal e natural

Disponível em:< https://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/03/15/917590/4-dicas-disciplina-em-sala-aula-novos-professores.html> Acesso em: 01/12/19.

ANEXO H - Texto II

Como lidar com a Indisciplina Escolar

lendo.org/como-lidar-indisciplina-escolar/

Rosana Três

No início de 2015, foi divulgado o resultado de uma pesquisa feita pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) que aponta o Brasil como sendo o país que mais perde tempo em sala de aula contendo a indisciplina dos alunos.

Essa organização pesquisa dados em países como Finlândia, Suécia, República Tcheca, Malásia, Holanda, Estados Unidos, México, Estônia, França, Canadá, Chipre, entre outros.

Os resultados apontaram números alarmantes sobre o uso do tempo em sala de aula no Brasil:

- 20% do tempo é utilizado para acalmar os alunos e organizar a classe
- 13% do tempo é utilizado para lidar com assuntos burocráticos
- 67% do tempo, pouco mais da metade, é usado para a aula propriamente dita

Para ter uma ideia da situação, a média do OCDE é de 13% para as questões disciplinares.

A pesquisa, segundo dados divulgados pelo G1, também revela outros números: 60% dos professores apontam ter *alunos-problema* e o Brasil lidera o ranking de intimidação verbal entre alunos e professores.

O que é um aluno-problema?

- Um aluno que conversa muito?
- Que tem um comportamento agressivo ou expansivo que acaba atrapalhando a aula?
- Que foi mal alfabetizado e tem dificuldades na escrita?
- Que apresenta algum transtorno de aprendizagem?
- Que tem hiperatividade, TDAH ou Síndrome de Asperger?

Ao certo não há um consenso sobre quais são as características de um aluno-problema.

Rotular os alunos como sendo um problema e transferir a culpa do fracasso escolar para o próprio educando parece ser algo perverso, sabendo que lidamos com crianças e adolescentes que, muitas vezes, têm dificuldades em compreender o que sentem e explicar ou resolver seus conflitos de maneira madura.

Rotulação dos alunos ou classes gera revolta e é um escorregão ético por parte do profissional da educação.

A indisciplina escolar pode começar sendo tratada assim: despindo os alunos de rótulos e tendo uma visão mais otimista sobre a educação.

Fazer longos discursos em sala de aula sobre a importância de estudar, lembrar aos alunos que o conhecimento é para eles e não para o professor, passar 20 minutos dando bronca, são atitudes que vão contribuir para a indisciplina pelo simples fato de isso **gerar tédio** nos seus alunos.

Sim, você pode estar deixando seus alunos entediados e, como citado anteriormente, são crianças e adolescentes que não conseguem compreender que sentem tédio e o que devem fazer para lidar com isso.

Ao invés de toda essa chatice da sua parte, professor, que tal motivar os alunos para uma atividade dinâmica e desafiadora que instigue a sua curiosidade?

O que é Indisciplina Escolar?

Geralmente, quando pensamos em indisciplina, automaticamente relacionamos com conversa, bagunça e até violência na escola.

A conversa pode atrapalhar a aula, mas pode ter certeza de que uma turma que não conversa é bem pior para desenvolver conhecimentos. Quando há conversa, há diálogo, troca de vivências, relacionamento entre os educandos e entre o professor também.

O que devemos fazer com uma turma que gosta de conversar é usar isso a nosso favor!

Partindo da ideia de que, numa boa partida de futebol, quem corre é a bola e não o jogador, o professor deve falar menos e deixar que os alunos produzam mais: conversar, debater, discutir, propor soluções, trocar ideias, opinar, problematizar, analisar, e aprender significativamente.

Professor que fala muito acaba se desgastando e desperdiçando aqueles 67% do tempo que sobra para a explanação do conteúdo, pois a média de atenção do aluno é de, no máximo, um minuto e meio para cada ano de idade.

Portanto, um aluno de 10 anos só consegue ouvir o professor com atenção por, no máximo, 15 minutos (1,5 x 10). Isso explica por que aquela sua **aula expositiva não funciona**

O professor tem culpa pela indisciplina?

Colega professor: somos profissionais. Desde o início da nossa formação sempre soubemos com quais ossos do ofício deveríamos lidar.

Se coloco todas essas questões para questionamento, é pelo fato de ser nosso trabalho.

Claro, existem casos de indisciplina que não são fáceis de lidar e devem contar com um acompanhamento especializado.

A profissão que escolhemos exige constante aperfeiçoamento, um eterno buscar saber mais e, devido a isso, imagino, você está lendo este texto e refletindo comigo.

O que precisamos fazer imediatamente é, como diz Sílvia Gasparian Colello, parar de jogar o "jogo da culpabilização":

1. a escola culpa a família que não educa;
2. a família culpa a escola;
3. família e escola culpam as mudanças na estrutura familiar causadas pelas imposições da atualidade.

No meio desse jogo, está o nosso aluno pedindo ajuda, olhar e atenção.

Fica o meu convite: vamos repensar nossa prática pedagógica?

Como combater a Indisciplina

A reflexão sobre nossas ações deve ser parte do cotidiano, não apenas no âmbito profissional. Repensar significa comemorar os acertos e corrigir os erros — este é o caminho que nos leva ao sucesso.

Há uma série de ações, das mais simples às mais complexas, que precisamos pensar a respeito de nossa prática dentro e fora da sala de aula.

A lista abaixo propõe caminhos que vão lhe ajudar em sua própria organização, proporcionando a segurança necessária aos alunos em relação à figura de autoridade que está diante deles. Isso irá contribuir para combater os principais problemas de disciplina, seja na Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Médio.

Quero lhe enviar 5 modelos que eu uso para economizar tempo em sala de aula, levando menos trabalho para casa. **Clique Aqui para fazer o download.**

1. Estabeleça as regras desde o primeiro dia de aula

"A primeira impressão é a que fica". Quem não conhece esse ditado? Pois é, ele traduz exatamente a postura que o professor deve ter desde o primeiro dia de aula.

Dite as regras do jogo para que os alunos saibam jogar. Dizer o que se espera da criança ou do adolescente é o primeiro passo para que façam o que é estabelecido.

Exigir silêncio e compromisso quando já ninguém respeita é impossível.

Para ilustrar a importância desta etapa, leia o poema abaixo.

4/24

Disponível em:< https://www.lendo.org/como-lidar-indisciplina-escolar/> Acesso em 01.12.19

ANEXO I - Texto III

Como ajudar o professor a lidar com uma turma muito agitada

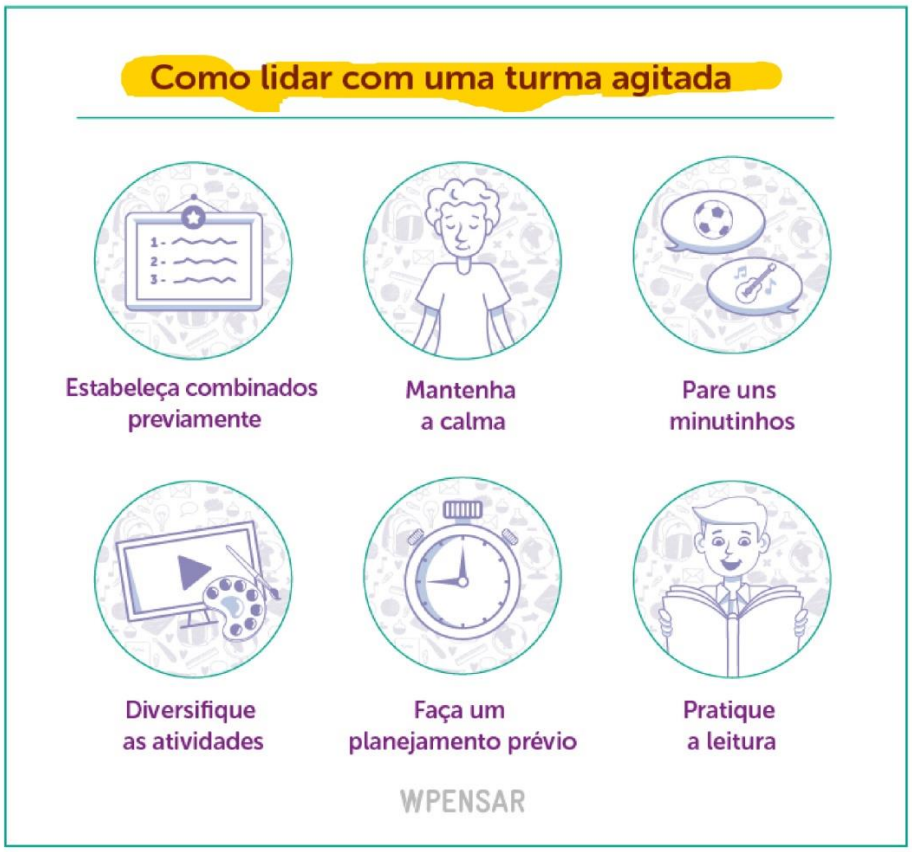
blog.wpensar.com.br/pedagogico/como-ajudar-o-professor-a-lidar-com-uma-turma-muito-agitada/

January 23, 2019

Uma das maiores dificuldades dos professores em sala é de controlar uma turma agitada. Crianças pequenas são, por natureza, imaginativas, irrequietas, e cheias de energia. E elas estão dispostas a gastar essa energia do modo mais barulhento possível. Alunos mais velhos, por sua vez, costumam se dispersar facilmente com celulares ou conversas com os colegas.

Em sala de aula, **muitas vezes é difícil lidar com esses comportamentos dos alunos, principalmente quando os professores não têm muita experiência.** Como auxiliar o professor na difícil tarefa de conseguir disciplina na sala, prender a atenção dos alunos, fazer com que estes fiquem mais calmos e mais focados nas atividades? Confira algumas dicas:

Veja mais:
Sistema de gestão escolar: como diminuir a papelada
Melhore a comunicação com os pais usando uma Agenda Digital
Descubra como captar alunos para a sua escola ou curso



Como lidar com uma turma agitada:

Estabeleça combinados previamente

Já dizia o ditado que "o combinado não é caro". É útil trabalhar com os alunos, já nos primeiros dias de aula, **os comportamentos que serão aceitos e os que não serão**.

2/8

Disponível em:< https://blog.wpensar.com.br/pedagogico/como-ajudar-o-professor-a-lidar-com-uma-turma-muito-agitada/> Acesso em 01.12.19

ANEXO J - Texto IV

Indisciplina na escola: Como lidar com alunos indisciplinados?

proesc.com/blog/indisciplina-de-alunos-na-escola/

Blog Proesc

June 7, 2017

Tempo de leitura: 6 minutos

A convivência no espaço escolar, assim como o comportamento dos alunos, nem sempre acontecem como os pedagogos, funcionários e pais esperam. Isso porque a indisciplina na escola aumenta a cada dia mais. O mau comportamento, seja dentro das salas de aula ou nos espaços de recreação, toma 20% dos tempos das aulas. Ou seja, é gasto um dia por semana apenas para lidar com a indisciplina de alunos.

De acordo com a maioria dos educadores, a indisciplina de alunos na escola é o maior problema enfrentado, sendo ela a mais apontada como o motivo da carência de aprendizagem em revistas renomadas como a Nova Escola.

A indisciplina é a falta de comportamento, de respeito ao próximo, como também a falta de limites que levam determinados indivíduos a adotarem posturas inadequadas ao convívio social (Márcia Guedes da Silveira).

Causas da indisciplina na escola

Mas afinal, por que os alunos estão cada vez mais bagunceiros? A verdade é que, não é a indisciplina dos estudantes o grande problema, uma vez que ela é apenas o resultado da rotina desatualizada e da falta de adequação dos processos de aprendizagem.

Indisciplina na sala de aula: Como lidar?

Não existe uma regra, muito menos um manual de como acabar com a indisciplina de alunos na escola. Isso porque essa tarefa é um pouco complicada e requer persistência e, principalmente, paciência.

Não há uma fórmula pronta de como lidar com alunos indisciplinados, desinteressados ou desobedientes, uma vez que cada caso, é um caso, e por isso, o que funciona para um, pode não funcionar para outro, e vice-versa.

Dicas para lidar com a indisciplina de alunos na escola:

1 – Distinguir bem as regras escolares

Para que os alunos desobedientes se comportem adequadamente, é importante, acima de tudo, que ele tenha conhecimento claro sobre as regras. Isso não apenas sobre as regras da escola, como proibido o uso de celular, bonés e conversas durante as aulas, mas também, e principalmente, sobre as regras da natureza moral, ou seja, baseadas nos princípios éticos, como respeitar o próximo, não bater, não xingar, etc.

A escola precisa ter regras de convívio bem definidas. Devem ser estipulados os deveres da escola e os da família. Tão importante quanto ter diretrizes, é indispensável que a família seja conscientizada sobre os direitos e deveres dos alunos, da escola e dos pais.

> RELACIONAMENTO COM O CLIENTE: COMO MELHORAR NA SUA ESCOLA (Recomendamos esta leitura)

Disponível em:< http://www.proesc.com/blog/indisciplina-de-alunos-na-escola/. Acesso em 05/03/2020

ANEXO K – Texto V

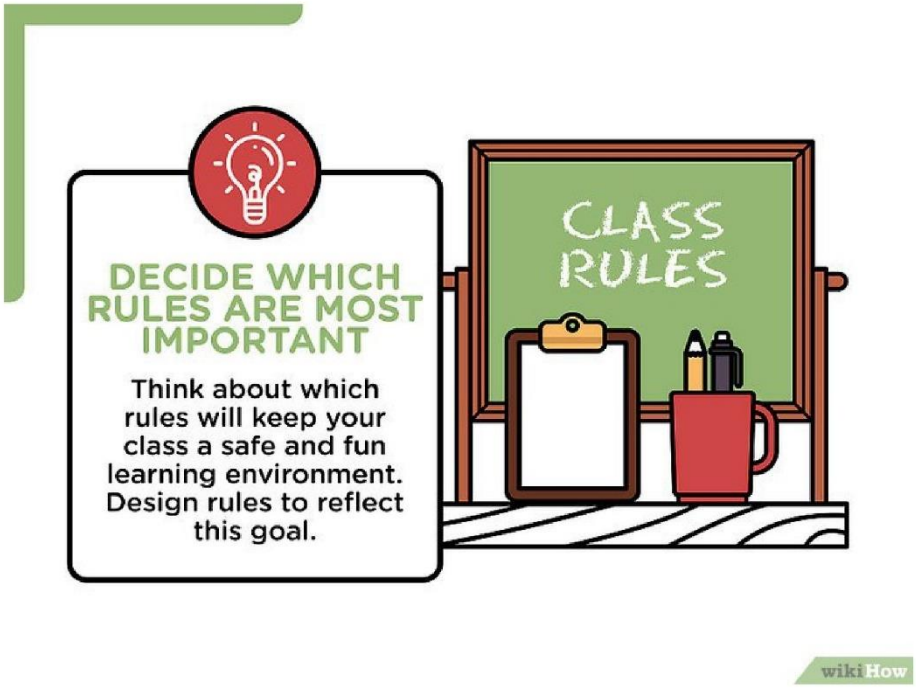
Como Manter a Disciplina em Sala de Aula

pt.wikihow.com/Manter-a-Disciplina-em-Sala-de-Aula

Escrito em parceria com Equipe wikiHow | 37 Referências

Os educadores aprendem estratégias para manter a disciplina em sala de aula através de sua preparação acadêmica e da experiência adquirida com o trabalho. Os bons professores adaptam técnicas para encontrar as práticas que melhor funcionam com suas turmas. Essas técnicas podem mudar dependendo do tipo dos alunos, das aulas e das experiências de todos. Encontrar os melhores métodos leva tempo, mas os professores empenhados sempre buscam novos modos de se conectar com os alunos e criar um ambiente de aprendizado divertido e seguro.

1 Trabalhando com salas do primário



1. **Decida as regras mais importantes para transformar a sala de aula em um ambiente de aprendizado seguro e divertido.** Essas regras serão diferentes dependendo da idade dos alunos e da matéria que está ensinando. Esses são alguns exemplos:
   - Trate os outros com respeito.
   - Cuide de si mesmo.
   - Cuide adequadamente da sala de aula.

ANEXO L – Texto VI

Portal do Governo Brasileiro (http://brasil.gov.br)

ACESSIBILIDADE (/PORTAL/ACESSIBILIDADE/UNCATEGORISED/ACESSIBILIDADE)

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

IFMG - CAMPUS BAMBUÍ

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
(https://www.bambui.ifmg.edu.br/portal/)

Buscar no portal

Conheça nossos cursos (/portal/conheca-nossos-cursos) | Conheça nossas unidades (/portal/conheca-nossas-unidades) | Meu IFMG (http://meu.ifmg.edu.br) | Webmail (https://www.gmail.com) | SEI (/portal/sei) | Horários (/portal/horarios) | Horários ônibus (/portal/horarios-onibus) | Atendimento (/portal/atendimento/subpaginas/horario-de-atendimento-dos-setores) | Contato (/portal/contato)

MENU

A importância da disciplina em sala de aula (/portal/pages/subpaginas/a-importancia-da-disciplina-em-sala-de-aula)

Publicado: Sexta, 19 de Maio de 2017, 08h23 | Última atualização em Sexta, 19 de Maio de 2017, 08h23

A importância da disciplina em sala de aula

A disciplina é um conjunto de regras que servem para o bom andamento da aprendizagem escolar, é uma questão de qualidade nos relacionamentos humanos, principalmente entre professor e aluno.

Todo professor sabe que uma das suas tarefas mais difíceis é manter a disciplina em sala de aula, pois nem todos os alunos podem estar interessados no conteúdo, perturbando os demais que querem aprender. Ela deve ser construída numa parceria entre professor e aluno, que devem respeitar-se mutuamente. Além disso, é um dos fatores primordiais para que essa relação ocorra dentro de limites estabelecidos, com o objetivo de manter o foco do discente durante o processo de aprendizagem, seja dentro da escola ou em casa, para que ele tenha sucesso nos estudos.

O professor possui autoridade, e não deve usá-la de forma abusiva, mas, por meio dela, apresentar suas ideias, conhecimentos e experiências, sem desrespeitar o conhecimento do aluno, encorajando-o à participação e o encarando como sujeito consciente e responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem. O educador deve procurar organizar o ensino a partir de desafios que solicitam a ação dos alunos e as trocas interindividuais com vistas à reflexão, à discussão e à busca das soluções conjuntas. Promove, portanto, o fortalecimento da vivência de relações democráticas asseguradas pela participação responsável e comprometidas do grupo e pelo desenvolvimento do respeito mútuo entre os alunos e entre o educador e o grupo que coordena, como podemos constatar no diálogo de Freire e Shor, "o educador deve estabelecer uma relação dialógica com seu aluno e abrir espaços livres para que participe, pois é impossível ensinar participação sem participação".

É necessário, então, compreender que disciplina não é o mesmo que rigidez forçada, já que, dessa forma, existe a possibilidade de não haver o sucesso no final. É importante ensinar ao aluno que tudo que for apresentado em sala de aula deve ser revisado em casa, para haver uma fixação maior do conteúdo, sempre destacando dúvidas para que possam ser esclarecidas posteriormente. Quando um aluno possui uma boa disciplina, dentro e fora da escola, sabendo organizar seu tempo para estudar e responder as tarefas, acontece naturalmente uma melhoria do desempenho escolar. Por ser tão positiva, a disciplina não se restringe somente aos estudos, estando presente por toda a caminhada do indivíduo.

Atitudes que favorecem a disciplina

1 – Procurar falar somente quando todos estiverem em silêncio.

2 – Utilizar uma linguagem objetiva, assim o aluno percebe claramente o que você está dizendo.

3 – Evitar gritos. A atitude de gritar pode demonstrar falta de controle perante a turma.

4 – Manter a segurança nas falas e serenidade nas atitudes. Agindo assim, os alunos passam a confiar mais no seu trabalho.

5 – Ter cuidado nas expressões corporais, gestos e expressões do rosto. Isso gera influências positivas ou negativas.

6 – Ser acolhedor e manter o equilíbrio; alegria não deve ser confundida com bagunça.

7 – Realizar a correção das atividades - isto demonstra o interesse do aluno em realizar as tarefas.

8– Elogiar, sempre que possível, o êxito dos alunos e sua participação nas atividades.

9 – Evitar transparecer problemas pessoais na sala de aula.

http://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/indisciplina- na-sala- aula.htm (http://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/indisciplina-%20na-sala-%20aula.htm)